Carioca



Edição a cores
80 páginas
CR$ 4,00
N.º 871
14-6-1952
DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

HELENA GONÇALO

casa





NENO

A CASA NENO NA RUA SETE DE SETEMBRO

Amplas instalações para a nova sede da importante firma — Vendendo refrigeradores e rádios para todos os recantos da cidade — A festa da inauguração

ACONTECIMENTO marcante na vida comercial do Rio foi a inauguração espetacular da nova matriz da "Casa Neno", renomado estabelecimento de venda de rádios, refrigeradores e outros artigos do ramo.

A "Casa Neno" tinha como sede o prédio sito à rua do Núncio, n. 7, de onde, rapidamente, se expandiu, em três anos apenas, para suas filiais nas ruas Buenos Aires, 151, e na Visconde do Rio Branco, 62. Agora, a grande organização conta com quatro casas de vendas ao público, tendo transformado sua antiga sede numa filial, e comprado o prédio da rua 7 de Setembro, 145, para a sua sede principal.

A nova Casa Neno é um amplo estabelecimento de três andares espaçosos, bem condicionada e no coração da cidade, servindo igualmente à zona Norte e a zona Sul e aos que demandam os subúrbios.

Nas fotos, dois aspectos da grandiosa festa que assinalou o início das atividades da nova "Casa Neno", e que contou com a presença de grande número de amigos, autoridades federais e municipais, negociantes do mesmo ramo, jornalistas, radialistas, artistas, e de um enorme público. Num destes aspectos, aparece o Sr. Paulo Ramos, chefe da firma, quando usava o microfone de uma emissora carioca.

Os senhores Paulo e, Claudio Ramos, irmãos proprietários da grande organização não podiam esconder o sentimento de alegria que muito justamente emanava da vitória obtida da simpatia popular, que é a crescente prosperida de da organização que presidem.

casa NENO

Carioca
DIRETOR
[V]ITOR MONIZ
GERENTE
[O]CTAVIO LIMA
EMPRESA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N. 7
ANO XVI — N.º 871

O VINHO DA ILUSÃO E O SÔRO DA VERDADE

De MAURO CARMO

ANULAR o contrôle do consciente e fazer, como acontece, até certo ponto, nas manifestações oníricas, que o inconsciente se manifeste, eis o princípio do sôro da verdade e do vinho da ilusão.

No inconsciente há coisas sublimes e coisas tremendas. O amor e o ódio, por exemplo. O amor sem domínio, violência, paixão, loucura. O ódio homicida. Daí, no primeiro, as virtudes capazes de realizar o quase impossível da máxima beleza da vida e, no segundo, nesses extremos que se tocam, os dramas, as tragédias horríveis. Virtudes aquelas que não conhecem as criadas para se sobreporem ao inconsciente.

As guerras, os crimes, as explosões brutais de tôda a sorte e, mesmo no amor, a conquista pela fôrça, instintos primitivos do homem, que despertam do seu sono profundo, importam nas coisas tremendas.

Satisfeito o impulso, o irreprimível, o inconsciente procura esconder de novo o que vivia e vive nas profundesas do ser. E, por esta teoria, que não é novidade alguma depois de Freud, nasceu o sôro da verdade. Fazer, ao mesmo tempo, que o inconsciente se fizera ouvir como um indivíduo que sonha e fala em voz alta, a descoberta sensacional.

Os aborígenes do continente americano já de há muito, no entanto, conheciam o processo de anular o consciente e fazer manifestar-se o inconsciente em tôda a sua amplitude, com o que chamaremos — o vinho da ilusão.

O homem vivia tudo que guardava ou nascia do seu inconsciente, sublime ou tremendo como tremenda é a fera humana, que está, há milênios, escondida em cada criatura. Mas, se isso acontecia, alcançava, também, o inaccessível, materializava a ilusão, viajava através de cidades maravilhosas, tinha em seus braços a mulher amada e impossuida. Tomava parte nas noitadas alegres das "malocas" distantes, eram-lhe restituidos, pelas mãos misteriosas da saudade todos os bens perdidos.

Que maravilha !

•

Isto que estou contando, que estou reproduzindo, não é ficção, não é mentira. E' a palavra da ciência que nos revela daqueles que se embrenharam pelas selvas encantadoras e bravias da nossa terra, do continente americano, que tudo nos contaram e ficou esquecido.

Que é que chamaremos, agora, depois do sôro da verdade, o vinho da ilusão ?

E' o "caapi" ou "Aya-huasca".

Ricardo Spruce identificou essa planta no Amazonas, aqui, no Brasil; no Peru e no Equador, dentre as malpighiaceas e lhe deu o nome de Banisteriopsis caapi. Caapi chamavam-na os nosso aborígenes e os da Venezuela, onde também existia. No Equador, davam-lhe o nome de Aaya-huasca, que quer dizer — cipó do homem morto. Mas há quanto tempo isso aconteceu ? Faz cem anos. Foi 1852.

Ricardo Spruce contou que esteve num "dabocuri", ou festa de oferenda, celebrada numa "maloca" chamada "Urubu-coara", (ninho de urubu) situada pouco acima do rio Uaupés, dos indios Tucanos. O que são essas festas disse Wallace, numa descrição impressionante, em "New voyage and description of the Ithmus of América". Mas, o espaço de que disponho não permite senão falar do "Caapi".

Conta, então, Spruce que, no decorrer da noite, foi servido o "caapi" nos intervalos das danças, por um indio que oferecia a sua cuia com a bebida extraida da planta, murmurando: mo-mo-mo-mo. Um outro indio aceita a bebida, repete várias doses. Subitamente, faz-se pálido, treme em todas as suas juntas e tem uma expressão horrível. Depois fica como possesso, furioso. Toma nas mãos o "mururu", caminha para a entrada da "maloca", bate violentamente no chão e nos portais e grita furioso: "Isto eu faria no meu inimigo" ! E menciona o nome do mesmo. "Faria se aqui o encontrasse agora"...

Era a antecipação do que havia de acontecer mais tarde. Poderia ser a revelação, também, do que já tivesse acontecido.

Dez minutos depois, cessa o delírio. O indio volta ao domínio do consciente, extremamente exausto, como se tivesse acabado luta renhida.

Centros, é ainda Spruce que nos revela, sentem nêsse delírio reviver tudo de belo e grandioso que sonharam ou realizaram. Um dos componentes da expedição científica em que ia o grande naturalista, bebeu uma dose completa do "Caapi" e viveu, como se fosse realidade, todas as maravilhas que havia lido, muito antes, durante a viagem, nas "Noites Arabes".

Mas, não tarda que o cenário se transforme. Reviveu, também, histórias lancinantes de que já pareciamos esquecidos e que, no entanto, estavam vivas ainda, embora adormecidas, no inconsciente...

Ricardo Spruce mandou em março de 1853, para a Inglaterra, boa quantidade de "Caapi". Uma série de imprevistos na viagem fez com que quase tudo chegasse em péssimas condições na Inglaterra. Mas, uma parte da remessa, diz Spruce, deve estar guardada no museu de Kiew. Recebeu-a o Sr. Bentham.

•

Quem nos poderá afirmar que o sôro da verdade não foi, pelos menos, surgido quanto aos seus princípios pelos conhecimentos de há cem anos passados de que só não nos fala Ricardo Spruce, mas, também, Manuel Villavicêncio, um cientista natural de Quito, que fôra governador da Colônia Cristã de Napo e que publicou, em 1858, em New York a sua "Geografia de la Republica del Equador e C. C. Morton, na sua obra "Notes on Yage, "a drug plant of Southeastern Colombia", da qual, em 1931, há 21 anos, portanto, se ocupava o "Journal of the Washington Academy of Sciences" ?

O vinho da ilusão, porém, dos aborígenes americanos, na sua dourada mentira, parece-nos, muito mais nobre que o sôro da verdade dos cientistas de hoje.

POR QUE ANNE PEARCE RECEBEU UM APELIDO?

Bom salário para quem inicia sua carreira — Cuida ela própria de sua casa e de seu jardim — Desenhou lindos pijamas para diferentes ocasiões.

ALICE JORDAN
(Exclusividade de IPA para CARIOCA)



A "DOMÉSTICA" EM "ROBE-DE-CHAMBRE"

PERGUNTARAM uma vez os jornalistas à "estrêla" de cinema Anne Pearce quando se sentia melhor. Bocejando levemente e, sorrindo, respondeu :

— "Quando estou em casa e não tenho pressa para ir trabalhar".

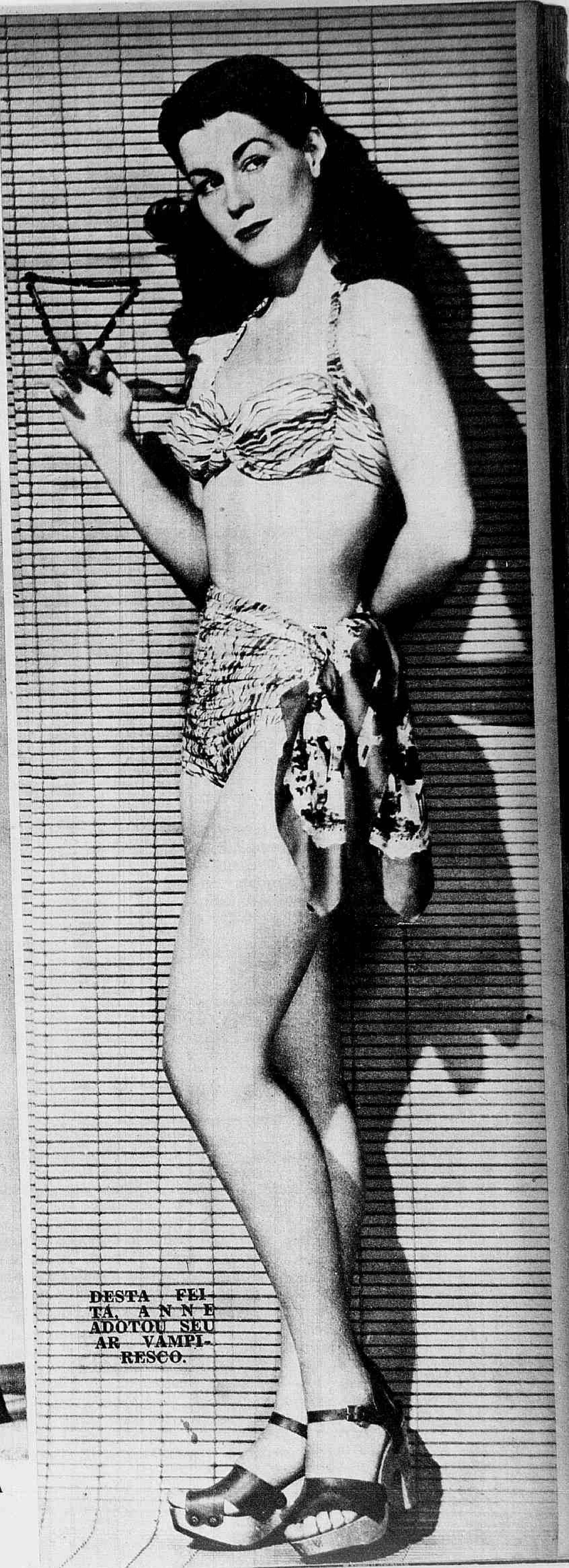
E acrescentou :

— "E em casa sinto-me melhor quando posso apanhar um bom livro para ler, sem me preocupar com o traje, à vontade. Não me demoro muito à mesa e, logo depois do jantar, vou para a cama. Durmo de um sono só até sete horas da manhã, quando me levanto para o trabalho".

(CONCLUE NA PÁGINA 76)



ANNE PEARCE COMEÇA A EXIBIR SUA PLASTIÇA



DESTA FEITA, ANNE ADOTOU SEU AR VAMPIRESCO.

FORMA DE FELICIDADE

CONTO DE IRMA LACROIX

GERALDO Brlanh passeava nervoso de um lado para outro, à entrada do aeroporto, detendo-se apenas quando chegava algum taxi com passageiros de última hora... Então, uma esperança parecia iluminar-lhe o rosto sombrio, e o arco espêsso de suas sobrancelhas, prolongado numa interrogativa, libertava aquela luz cambiante de seus olhos "côr de tempo"... como os qualificara sua Helena. Naquela tarde, mais que nunca refletiam suas emoções íntimas, como a atmosfera turva e pesada registrava o mau tempo...

Anibal, seu secretário e amigo, observava-o em silêncio. Mas, vendo como maltratava as próprias mãos, em seu nervosismo, tentou arrebatá-lo aos seus pensamentos.

— Não mortifiques tuas mãos, Geraldo, que amanhã te censurarão.

— Amanhã?... Quem sabe! — respondeu. Se Helena não vier, não me arrancarão daqui.

— Que estás dizendo?... Não podes suspender o concêrto! A publicidade custou muito dinheiro à emprêsa e sobretudo ao empresário. Não posso crer que essa mulher te tenha feito perder a cabeça a ponto de fazer-te esquecer a ética profissional.

— Toma mais cuidado em tuas palavras quando te referires à Helena — replicou Geraldo, excitado.

— Perdôa minha franqueza. E' que sabes como te estimo e admiro. Além disso, o tempo que vivemos juntos e a nossa amizade me dão o direito de falar-te com tôda a franqueza.

— No que concerne à administração... à parte artística. Nada mais...

— Por isso mesmo me imiscuo nisso... que interessa êsses dois aspectos, Geraldo. Estás querendo esquecer um compromisso importantíssimo, o sonho, diriamos, em vésperas de realizar-se. Ouve, não me importaria perder tua preciosa amizade se com essas ponderações conseguisse salvar-te...

— Mas, salvar-me de que?... Pobre amigo!... Ainda não te deste conta do que Helena é para mim!...

— E' êsse precisamente meu temor... Porque Helena não virá.

— Quem te disse? Como sabes? — perguntou Geraldo, entre incrédulo e alarmado.

— Ninguém... Isto é, a experiência... o conhecimento que tenho das mulheres.

— Não generalizes quando falares de "mulheres"! Helena é uma mulher excepcional!

— Concordo... Mas não é livre.

— E' como se o fôsse. Divorciar-se-á imediatamente e nos casaremos na Suiça...

Geraldo interrompeu-se, ao ver aproximar-se um taxi em cujo interior se divisava uma silhueta feminina. Mas logo se voltou, desanimado.

— Que teria acontecido?

Anibal não respondeu. Compreendeu a inutilidade de suas palavras. Os melhores conselhos, as idéias mais lógicas, cairiam no vazio de sua impaciência, porque o amigo estava loucamente apaixonado e irremediàvelmente perdido para a arte se aquela mulher não aparecesse. Olhou-o com tristeza e respondeu com um leve movimento de ombros.

— Espere aí um instante. Não suporto mais... Vou telefonar para sua casa.

— Estás louco. Vê o que fazes. O avião não tarda a sair.

Mas o amigo já o não ouvia. A passos largos, dirigia-se à cabina do telefone.

Anibal moveu nervosamente a cabeça e ficou a contemplar o vai e vem dos passageiros, com ar distraido, como querendo afastar do espírito alguma recordação importuna, naquele momento decisivo.

Geraldo teve que esperar alguns minutos. Como o náufrago que pressente seu próximo fim; via refletir-se em telas velozes em seu cérebro e em seu coração, os momentos passados com Helena... suas palavras ardentes, seus juramentos, suas promessas, os pormenores mais banais... Queria reforçar a espera, apoiar-se no eco daquelas frases apaixonadas e nas outras, essas concretizadas profundamente no êxtase sublime do olhar... Como sabia ler nos olhos claros de Helena... Que grandeza de sonho que ansiava por quebrar tôdas as cadeias, destruir todos os obstáculos, qual inesperado turbilhão, arrasando tudo à sua passagem... até os preconceitos... Mas, agora... que acontecera? Que poderia ter acontecido para que sua amada se atrasasse no momento decisivo? Talvez... algo imprevisto... Claro!... não podia ser outra coisa. Algo que a retivera no último momento... mas que logo seria solucionado. Sempre que pensava nela, via-a como na noite inesquecível do concêrto; linda! Fremente de admiração e de amor, falando-lhe com exaltada paixão de Listz... Brahms... de Schumann e sua "Reverie"... Que repercusão profunda encontrara em sua alma aquele "Sonho" do grande músico saxão, que êle tocara naquela noite. Que mundos inaccessíveis para outros haviam transposto juntos os dois. A música era o grande elo que unia suas almas, seus

(CONCLUE NA PÁGINA 75)

A HERANÇA

L. A. CUNNINGHAM

O povoado era exatamente como Keller o imaginara. A rua Monroe era a mesma rua Monroe de que lhe falava tanto Buddy Lawrence, ampla, limpa, tendo dos lados casinhas brancas, tôdas ajardinadas. Reconheceu imediatamente a casa dos Claire e teve certeza que se sentiria decepcionado se Mary Claire não estivesse sentada ali, no amplo terraço, sob a luz suave do crepúsculo de verão.

O perfume das rosas e dos resedás era estranhamente doce para êle que tinha apenas alguns dias para estar longe da crueldade da guerra. Comparou os lugares por onde andara nos últimos meses, com aquela paz e sentiu-se melancólico.

Sentiu-se feliz ao verificar que tudo havia sido exatamente como o imaginara, ao ouvir Buddy, falar, tantas vezes e com tanta minúcia.

E desejou que sua missão fôsse outra; que não houvesse necessidade da amargura e das reprovações inevitáveis entre êle e aquela formosa morena sentada na espreguiçadeira e que acabava de levantar os olhos em sua direção. Os grandes olhos castanhos se abriram mais e ela empalideceu.

— Você... — ela rompeu o silêncio — você não é Ross Keller?

— Sim, sou Ross Keller.

Quis odiá-la; havia praticado o ódio contra ela desde que Buddy morrera e por causa daquela sua carta, classificara-a de fútil, superficial, malvada e muitas outras coisas. Mas agora, junto dela, sentiu-se constrangido. Talvez por causa de sua extrema mocidade ou porque parecesse tão pequena e tão frágil.

— Então, você é Mary Claire. Conheço-a muito bem por uma fotografia. Buddy muitas vezes me mostrou e eu... Roubara de Buddy algumas olhadelas na fotografia. E chegara mesmo a sonhar com ela. Jamais se cansara de ouvir o amigo falar de Mary Claire, do modo como ria, das coisas que dizia, da vida maravilhosa que teriam quando se casassem.

— Estava presente, quando Buddy morreu. Eu...

Queria ser cruel, mas odiou a si próprio ao ver o olhar doce e jovem de Mary. Tratou de ser duro. Diabo, depois do que fizera com Buddy! Ou o que poderia ter feito se êle tivesse vivido o bastante para ler aquela carta...

— Por que vim a Milvertown? Foi para ver a mulher que foi capaz de escrever ao noivo que acabava de perder as pernas, dizendo que não se pode passar a vida ao lado de uma pessoa inválida...

— Oh! Eu... — foi um leve sussurro.

— Lia para êle a correspondência, quando voltava a si, depois da anestesia. Era um ótimo rapaz, o Buddy...

Bem, eu estava falando sôbre a carta...

Sim, êle estava passando muito mal, no dia em que ela chegou. Mas nós achamos que uma carta sua serviria para animá-lo um pouco. Então comecei a ler o que você escrevera. Posso até repetir, de cor, pois ela ficou gravada na minha memória como se o tivesse sido feito com fogo.

"Temos que terminar, Buddy. Não importa que nosso amor seja tão grande. Nunca duvidei do seu mais do que você duvidou do meu. Mas a consciência de se estar casado com alguem que já — mais será normal, martirizado pela invalidez é demais para que um carinho possa resistir".

Quando levantei os olhos da carta, pois até então só a lera mentalmente, não foi preciso inventar coisa alguma, pois Buddy acabara de morrer... Nunca chegou a saber a verdade.

Os olhos de Mary Claire se fixaram serenamente nos olhos dele.

— Alegro-me — sussurrou ela — Alegro-me muito por não lhe ter lido a carta. Que fez você com ela?

— Que importa? Atirei-a num cêsto de papéis.

— E odiou-me por causa dela, não?

— Sim — disse êle e seu olhar parecia a querer queimá-la. — Odiei-a porque pensei que você era da classe de moças cujo amor fica mais forte, quando o homem a que amam sofre; que na infelicidade dele convertem-se em uma fortaleza para defendê-lo com toda a alma.

Ela o olhou em silêncio, interrogadora, francamente, com a inocência de uma criança.

— Buddy me enviou muitas fotografias de você, Ross — respondeu ela — Conhecia-o. Sempre esperei que viesse um dia... mas não... não assim.

— O mesmo digo eu. — Ele desviou o olhar daqueles olhos firmes e serenos. Não podia odiar a moça, fosse ela o que fosse e mesmo com o que fizera.

— Prometi a Buddy que viria vê-la se algo lhe acontecesse. Converteu-se, assim, para mim, uma espécie de herança, se êle morresse.

— Mas você não quer esta herança depois de...

— E você me culpa disso, Mary?

Contudo, não posso odiá-la agora. Talvez você tivesse razão. Talvez não desse mesmo resultado...

— Que quer você dizer?

— Uma pessoa sã e outra inválida...

— Não sei... era que...

Ele a olhava fixamente e ela leu o que havia nos seus olhos.

— Você é encantadora — disse êle — Não sei como... de qualquer maneira... eu...

— Que está querendo dizer-me, Ross?

— Que... a adoro, suponho... que sempre a adorei. Sua fotografia, suas cartas... Pensei tanto em você.

— Terá que esquecer-me, Ross — havia quase pânico, na sua voz — Terá que fazê-lo. E é melhor que seja agora...

— Está bem — a voz dele se encheu de amargura — Adeus, então. Suponho

(CONCLUE NA PÁGINA 78)

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...



VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante, indispensável à mulher moderna.

A VENDA NAS BOAS FARMÁCIAS

Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use **LEITE DE ARROZ** pela manhã, à tarde, antes da maquilagem, e, à noite, antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio **LEITE DE ARROZ**. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos

Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural

MULTIFARMA

REMESSA PELO REEMBOLSO

RUA DIREITA, 191 - 6.°

S. PAULO

MORREU SORRINDO

O trágico desaparecimento de Sônia Ketter e a sua emocionante repercussão em toda a cidade

Quando lhe ergueram, o corpo inanimado pela morte e afastaram o lôdo que lhe cobria o rosto formoso, ela parecia sorrir. Não se lhe notava nos lábios o ritus horrível da dor. E os olhos, semicerrados, estavam adormecidos ou presos de um sonho do qual nunca mais despertariam.

Na sua beleza singular, personalíssima, com tanta frescura e sedução, era o sorriso o seu maior encanto. A boca sorria, os olhos sorriam, tôda a sua expressão era iluminada por um sorriso. E uma certa vez em que a vi, foi essa particularidade quase infantil que guardei na memória e nas retinas.



A linda "Miss Objetiva", tão tragicamente desaparecida

Lembrei-me, então, não sei porque, de uns versos que há muito ouvira nas rodas de ciranda da minha meninice, quando as meninas do meu tempo cantavam assim:

O coração tem dois quartos
Onde moram, sem se ver:
Num a dor, noutro o prazer.
Coração! ri devagar...
Não vais a dor acordar!

Penso, agora, que foi o seu sorriso delicioso, mais do que a sua própria beleza, que lhe dava êsse misterioso dom da fotogenia e, afinal, concedera-lhe, também, a efêmera e ro-



Sonia Ketter com aquela blusinha simples com que tantas vezes apareceu diante de seus fãs da televisão

Em meados do ano passado, a reportagem de CARIOCA fazia na TV Tupi êsse flagrante em que se vê a linda e desditosa estrêla ao lado de Haydée Miranda



mântica corôa de Rainha dos Fotógrafos.

Não só os olhos enfeitam a mulher, mas, às vezes, o sorriso. Há mulheres em que a doçura da expressão não está nos olhos belos, mas num sorriso que tem tôda a eloquência do olhar. Sorriso que é sim e que é não, mas com doçura infinita, irônico ou transbordante de meiguice. Sorriso que, também, às vezes, é promessa.

Era assim "miss Objetiva", Sonia Ketter, eleita num torneio de beleza realizado este ano pela Associação dos Repórteres Fotográficos. Foi Dulcina que a descobriu e levou-a para o teatro, estreando Sonia em "As árvores morrem de pé". Vimô-la, ainda, em "Loucuras de Madame Vidal" e no "O padeiro Braulino". E Olavo de Barros escolheu-a depois, para a televisão. Não sorria somente Sonia Ketter. Cantava também. Cantava e encantava... E todo êsse fascínio se fez sentir para mais alguém, quando esteve em Buenos Aires, viagem que lhe facilitou o prêmio recebido na escolha de "miss Objetiva". Vivia, então, o seu romance, quando a morte a colheu, no "Cadilac" do Haroldo Aguinaga, que se precipitou no canal do Mangue. Acompanhou-a no seu destino trágico e, com êles, a mãesinha dela.

Nessa noite, Sonia havia assistido no teatrinho de Copacabana — "Jezabel". Na história, foi a mulher que desfiou um rosário lancinante de desgraças. Seu marido Achab, rei de Israel, mandou matar Naboth para se apoderar de sua vinha e morreu no cêrco de Ramoth, no país de Galaad. Foi mãe de Athalia, que, conta-

(CONCLUE NA PÁGINA 72)

Um outro expressivo flagrante da estrêla escultural tão cedo roubada à vida



Sonia Ketter com Olavo de Barros, que a trouxe do teatro para a televisão



FRANCISCO CARLOS CONQUISTOU A TERRA DA GAROA!

Medalha de ouro como o "melhor cantor de 1951" — Campeão absoluto de correspondência da Rádio Nacional — Temporada vitoriosa em São Paulo — Últimos sucessos do criador de "Ana Maria"

Reportagem com exclusividade de CARIOCA

Fotos de D. RAMOS

FRANCISCO CARLOS era um nome novo que surgia nas hertzianas. Embora jovem e talentoso, ainda não conquistara ou usufruira as primeiras fulguraçes da vida artistica. Assim o conhecemos, entre nossos costumeiros contactos com a gente amiga do rádio carioca, observando nêle o intérprete cioso dos seus deveres e o artista inclinado a vencer. Este desejo era fácil lêr-lhe dentro dos olhos. Começou sua carreira ascendente no microfone, num periodo dos mais agitados da música popular — o Carnaval! E foi o samba atraente de Luiz Soberano, "Ana Maria", que lhe abriu, por assim dizer, as portas da fama e da popularidade que hoje desfruta em todo o Brasil. A fim de narrar para os seus milhares de fãs recentes atividades e planos futuros, procuramos ouví-lo outro dia, após seu regresso de triunfal temporada em São Paulo.

NA TERRA DA GARÔA

A par do objetivo do redator de CARIOCA, Francisco Carlos convidou-nos a um "drink" no Bar da Nacional, declarando de início:

— Nós, integrantes do "cast" da Nacional, ganhamos nova oportunidade e encontramos melhor caminho à popularidade no progressista círculo artistico de São Paulo, graças à visão administrativa do diretor geral da E-8. Inaugurada a filial da emissora da praça Mauá, na terra da garôa, veio até nós êsse constante ensejo de visitar mais vêzes a capital bandeirante. Não preciso entrar em detalhes quanto ao êxito obtido por essa feliz iniciativa. Nem também, devo acrescentar, no concernente aos momentos inesquecíveis da turma carioca na "Excelsior", agora batizada oficalmente como a NACIONAL de São Paulo.

CAMPEÃO DE CORRESPONDENCIA

Continuando em suas declarações, nosso entrevistado acrescenta:

— Entou contentíssimo e agradecido aos meus fãs de todo o Brasil. Sou o campeão absoluto de correspondência na Rádio Nacional. Tenho atendido, solicitamente, pedidos de fotografias, informes sôbre inúmeras de minhas criações musicais, além de não deixar caducar as respostas às centenas e centenas de cartas

Compositor e intérprete trocam amabilidades — Francisco Carlos e Agustin Lara — palestram cordialmente num intervalo de programa em São Paulo.

Nêste grupo aparecem vários companheiros de emissora de Francisco Carlos, além de Edmundo, responsável pelo Departamento artístico da E-8, e do compositor paulista José Roy.



Constantemente assediado pelas fãs, o cantor romântico da PRE-8 não pode esquivar-se aos autógrafos.



Francisco Carlos canta alguns compassos do samba-canção "Vá Embora", de Roberto Faissal, recém-lançado.



A "coqueluche" dos românticos "brotinhos" aparece, no flagrante, acompanhado de três graciosas fãs.



"Há sinceridade nêsse lindo sorriso?" — indaga o jovem cantor da Nacional a uma de suas admiradoras.

amáveis que me vêm às mãos diariamente. Elas, sem dúvida, relembram aquêles dias ainda incertos que fizeram surgir diante de mim os primeiros degraus da escada da popularidade, quando do lançamento do popularíssimo samba de Luiz Soberano, "Ana Maria", num dos últimos tríduos de Momo. A marcha ascendente do afeto que um canto vai assinalando, entre os seus fãs é motivo do mais justificado púbilo por parte de todos os militantes das hertzianas!

LAUREADO

Após uma breve pausa, prossegue o jovem intérprete:

— Sinto-me honrado com a deferência dos milhares de admiradores que me propiciaram a conquista do troféu de "Melhor Cantor de 1951". Será uma página inesquecível no curso de minha vida artística. Tão grata, para mim, como o foi a recente temporada que realizei na Nacional de São Paulo, no programa "Canção Romântica", narrado por Odair Marzano. Na medida de minhas possibilidades, pois envidarei todos os meus esfor-

(CONCLUE NA PÁGINA 78)

Manoel Macêdo lança as primeiras músicas juninas!

Dois dedos de prosa com o sanfoneiro que já obteve uma ótima classificação em 1951 – As últimas novidades em discos' – Atividade ao microfone da Tamoio.

Fotos de A. ROCHA

Texto de CLARIBALTE PASSOS

(Exclusividade para CARIOCA)



«Num arrepáre, moçada, mái gritei «oio di dento» i cuma ninguém si acusô fui logo dando uma ispiada...» — declara o sorridente autor de «Mariposa» ao chegar à séde da sua gravadora

O mundo artístico brasileiro não desconhece, presentemente, o sucesso e a popularidade da música regional cingida ao nosso folclóre. Notadamente, precisamos frizá-lo, no concernente aos gêneros baião, toada, chóte, chorinhos, ritmos tão ao gôsto da gente simples e bôa do Norte do país. Dentre as figuras mais evidentes dêste grupo de autores, avulta a personalidade do jovem sanfoneiro norte-riograndense «Manoel Macêdo», que enfrentou ásperas caminhadas a fim de obter o seu «lugar ao sol».

O ENCONTRO

Embora nada houvessemos combinado, antecipadamente, era nosso desejo realizar uma longa palestra com o músico-intérprete potiguar Manoel Macêdo. Numa tarde de céu azulado, limpido, sem o mais leve indício de nuvens, encontramo-nos à entrada da sala de espera da gravadora com o artista. Vislumbramos dentro dos seus olhos, num breve relance, a satisfação incontida de poder aparecer nas colunas desta revista e assim ir ao encontro dos seus milhares de admiradores. Eram olhos brilhantes, esperançosos, bem caracteristicos da gente simples e acolhedôra que povôa o próspero Estado do Rio Grande do Norte. As maneiras francas, o lado espontâneo da palavra amiga, tudo denotava nêle o homem bafejado pela

(CONCLUE NA PÁGINA 76)



«Cumpade, mecê qué anunciá um mudesto coquêro ao dotô diretô?» — diz o nordestino Manoel de Macêdo para o encarregado da portaria da gravadora



«Dona, será qui êsse nomi aí é du Mané fió lá das banda du Nordesti?»

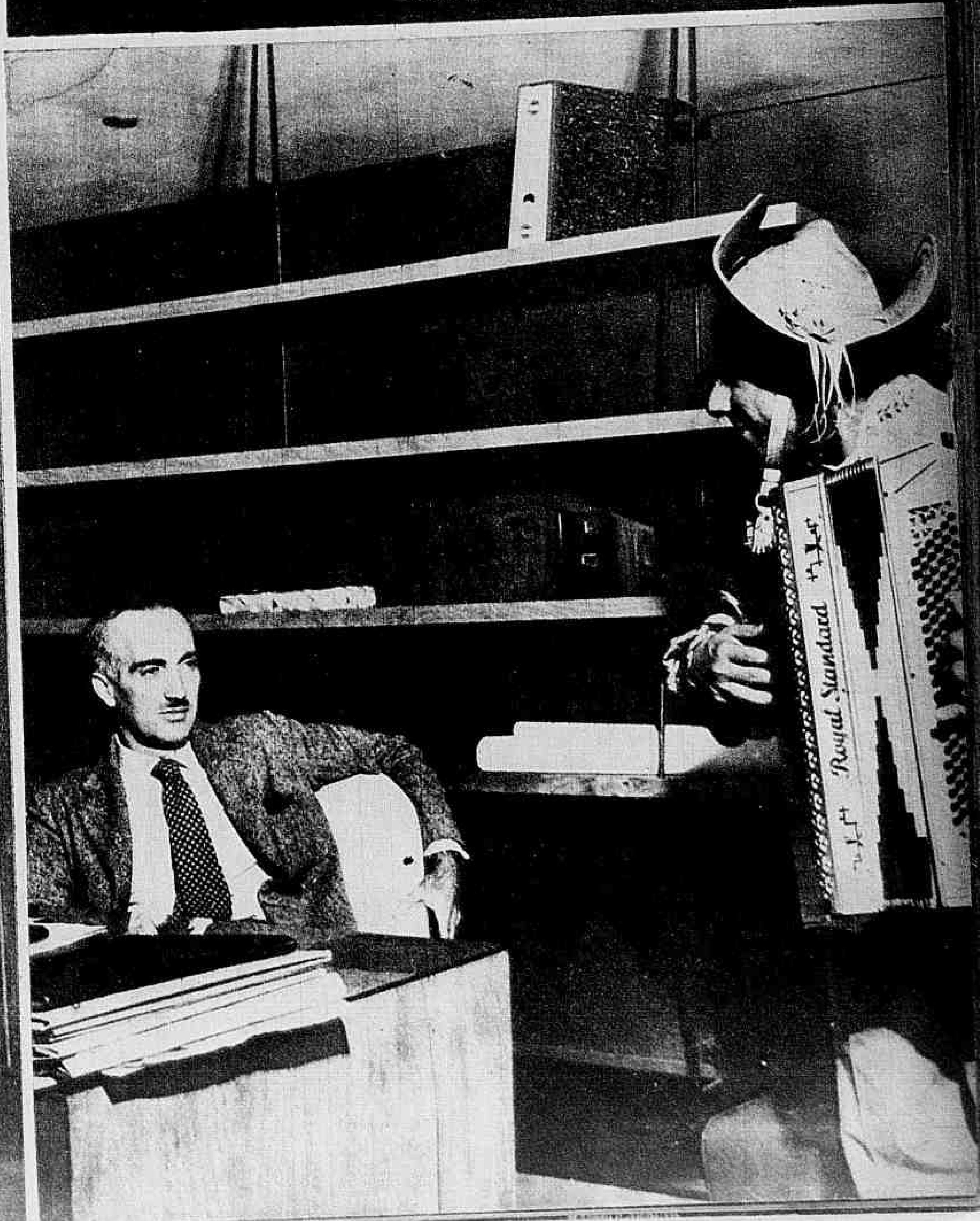


«Eta Rio de Janêro! Vamo tocá sanfona pra vê cuma é que fica...»

«Ramáio Néto, cabra danado, eu vim metê os peito na capitá» — afirma, confiante, o vitorioso intérprete da música regional brasileira



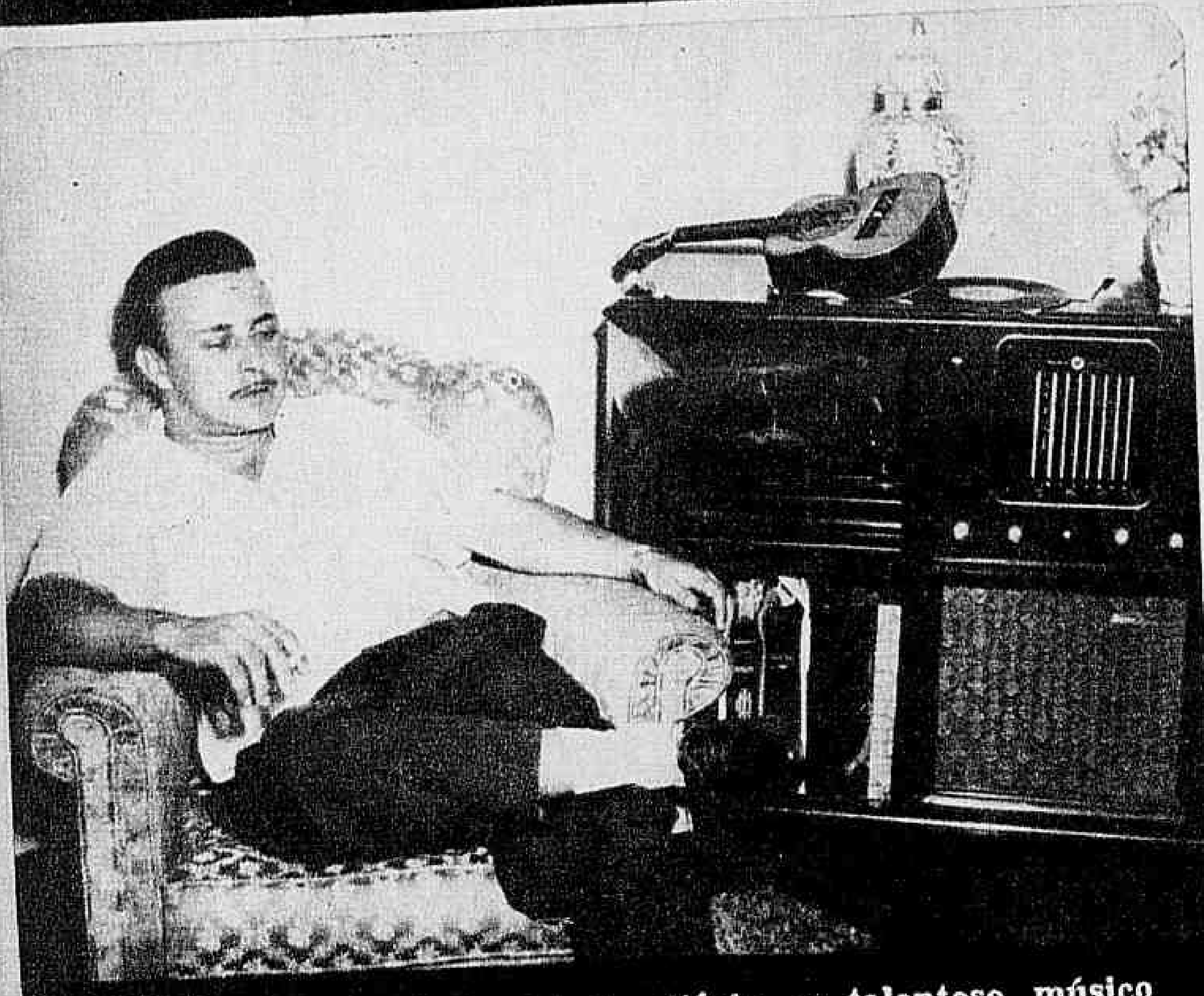
«Seô Dotô Serrano, mecê vái caí duro! Alimpe as ôças pra uma musguinha de arripia». E assim falando, o sanfoneiro Macêdo executa «No Meu Sertão É Assim», seu disco mais recente



HISTÓRIA DE UM CAVAQUINHO MILIONÁRIO

O instrumento narra fatos pitorescos à reportagem — Distinção à "Fã N. 1." — Waldyr Azevedo na intimidade — O êxito do "Delicado" fora do Brasil

Texto de C. Passos (Exclusividade de CARIOCA) Fotos de DILER



Repousando, após a labuta diária, o talentoso músico patrício fica a cismar nos planos que tem para o futuro



"Desperte, querido! Está na hora de ir para o "batente" — diz a simpática espôsa de Waldyr



Um "show" da Família "Delicado Azevêdo para o redator e fotógrafo de CARIOCA



O autor do "Delicado" assiste na tela do seu aparêlho de televisão a um programa imaginário, dêle próprio, graças aos recursos técnicos da objetiva de Diler

ESTIMADA leitora Daysy Bittencourt:

Hoje termina a fase de sua ansiedade. Aqui está a reportagem que lhe prometemos com o mais famoso solista instrumental do Brasil — Waldyr Azevêdo. Correspondendo, na medida das nossas possibilidades, nunca decepcionamos os fãs e admiradores dos artistas nacionais, buscando novidades em tôrno da vida e obra dos apóstolos do disco e das hertzianas. Fomos ao subúrbio do Méier, onde reside o entrevistado, a fim de atender ao seu pedido de longa data a CARIOCA. Mas, aqui mesmo nos despedimos. Fica com a palavra o mágico "Cavaquinho" de Waldyr, a quem entregamos a tarefa de contar a história do seu dono através de uma narrativa original e pitoresca.

O ARTISTA E O INSTRUMENTO

— Às vezes fico a observar o meu dono. Comove-me o carinho com o qual me envolve. Experimento uma sensação diferente, quando êle me olha, e os seus dedos ágeis e de tato sensibilíssimo começam a deslizar sôbre os meus cabelos longos e sonoros. Pareço-lhe um filho, certamente, e disse que isso me comove, leitores de CARIOCA, porque os instrumentos também são como as pessoas deste mundo: também têm alma! Assim, ao compôr êsses poemas, o som contamina o meu pequeno corpo de madeira e me eleva alto acima das nuvens. Vamos percorrendo, juntos, os lugares que vocês nem sequer imaginam! As regiões calmas, ternas, inebriantes, maravilhosamente dominadoras do espírito... Mas, não estamos sós. Eu, o Waldyr, sua arte espontânea, viva, fundamente humana, e o próprio homem comovido e comovente — através dessa palestra sonora — comungando sua alma simples à minha, isso é diferente, raro, talvez incompreensivel..."

O SOM, O MUNDO, AS CRIATURAS

— "Quando êle compôs o "Delicado" — essa melodia tão humana — senti a grandeza da alma dêsse artista. Verifiquei a emoção incontida que se desenha nos olhos dos ouvintes e dos sonhadores. Sim, quem não sonha nêste mundo físico, mesmo subjugado ao labutar da vida diária, ou à noite, sob os reflexos brilhantes do luar sentindo o contato incomparável do rôsto macio de alguém que muito significa para nós — ou ainda — em determinados instantes, quando nos evadimos da vaidade pura-

O cavaquinho que surpreendeu o mundo fonográfico internacional e tão estimado por Waldyr, como um filho

No "Barzinho do Waldyr" o nosso redator toma um "drink" em homenagem ao anfitrião, em sua residência, no Méier. Observe-se que o "cavaquinho" está sempre ao lado do seu dono, como amigos inseparáveis



mente terrena, dando asas às cabriólas irrefreáveis do raciocínio?!... A música é a linguagem de todos os povos, de tôdas as almas, pois sempre que abrimos os lábios emitimos sons. O pranto, a alegria, o desespêro — também representam as sonoridades boas e más da vida — são por assim dizer os acordes da grande sinfonia da existência! O som aplaca a ira, fazendo germinar a ventura, criando novas fulgurações para a alma sequiosa de mutações diferentes e bem raras... Êle se confunde com a vastidão do mundo, no seu duplo aspecto de massa sólida e líquida, atravessando o espaço infinito em prosseguimento à vida de suas criaturas".

A LONGA CAMINHADA DA GLÓRIA

— "Quando ninguém acreditava no êxito do "Delicado", ou as gravadoras negavam essa oportunidade ao meu dono, vocês não imaginam como sorria irônicamente da estultícia daquela gente. Ora, deixar de lançar algo tão vibrante, belo, humano e artìsticamente diferente, era mesmo para rir. Mas, não sei se pelo dêdo do acaso, houve uma gravadora que acreditou no Waldyr, dando-lhe o ensejo de aparecer. E' algo, leitores, que nós não podemos esquecer nunca! Aliás, é princípio nosso saber zelar pelas amizades e novas relações conquistadas e, sobretudo, manter o preito de reconhecimento pelas distinções recebidas. Pois, bem. Apareceu a gravação do "Delicado" e a sua melodia foi contaminando a alma do brasileiro amante da música popular de um extremo a outro do país. Lançamentos diversos, instrumental e vocal, foram surgindo. E, em

(CONCLUE NA PÁGINA 72)



O maior tesouro de Waldyr Azevedo: a espôsa, D. Linda, e as encantadoras filhinhas do casal, Marli e Mirian, numa pose especial para CARIOCA

APAGOU-SE U



Sendo assistido por seus «sparrings», numa cena de "The made me a Criminal

MORREU em consequência de uma enfermidade cardíaca o ator do cinema americano, John Garfield.

O conhecido ator contava 39 anos de idade. Faleceu na residência da atriz Iris Whitney. Um médico, chamado prontamente, comprovou que John Garfield havia sucumbido em consequência de "um ataque do coração". As autoridades policiais, investigando as circunstâncias que rodearam a morte do famoso artista, no apartamento da bailarina Iris, declararam que Garfield dirigira-se ao referido apartamento na noite anterior.

John Garfield estava separado de sua espôsa, Roberta Mann, há mais de um ano e, recentemente, teriam iniciado seu processo de divórcio. Já em 1949, sofrera um ataque cardíaco, depois de haver jogado uma partida de tenis, em que foram disputados 9 "sets".

John Garfield, que nascera em 4 de março de 1913, em Brooklin, Nova Iorque, fôra impelido muito cedo para a carreira dramática pelo escritor Angelo Petri, especialista em psicologia infantil depois de ter estudado em duas escolas de Arte Dramática de Nova Iorque. Usando seu verdadeiro nome, Julius Garfiinkle, estreou no palco em 1931 e representou, na Broadway, em várias peças do famoso dramaturgo Elmer Rice, só em 1938 iniciando sua carreira em Hollywood. Graças a seu físico e a seu dinamismo, fez carreira rápida em papeis de "gangster". Ganhou fama interpretando o "desajustado" da série "Quatro Irmãs", "Quatro Noivas" e "Quatro Esposas", com as irmãs Lane.

John Garfield alcançou proeminência com seus papeis nas obras de Cliford Odets, levadas à cena por um grupo teatral de Nova Iorque, que se apresentou pela última vez na Broadway no mês passado, em uma estréia da obra do mesmo dramaturgo, "Golden Boy".

(CONCLUE NA PÁGINA 72)



GARFIELD numa cena do filme «Tornaram-me um criminoso»

JO

«R

UM ASTRO

John Garfield morreu aos 39 anos, depois de uma brilhante carreira — Especializara-se em filmes de "Gangster"

Por JACK GOODMANN



JOHN e PATRICIA MORRISON, numa passagem de amor filme «The Fallen Sparrow»



Vivendo em papeis de "gangsters", êle conquistou fama internacional

«RESGATE DE SANGUE», um filme em que John e Jennifer Jones dividiram os louros do sucesso



Em «O beijo da traição», com Maureen O'Hara



A "ESTRELA" D

SUSAN Hayward é considerada uma das atrizes mais exóticas da tela. Nasceu ela em Brooklyn, turbilhonante cidade industrial. No início de sua vida prática, Susan começou como modêlo fotográfico para vestidos, maiôs, ou aparecia nas capas e nas fôlhas internas das revistas, oferecendo produtos comerciais. Jamais teve nessa época qualquer pretensão artística ou mesmo aspiração por qualquer carreira. Hollywood, entretanto, interessou-se pela sua figura depois que ela surgiu numa bela pôse na capa do "Saturday Evening Post".

Após as sondagens de sempre, seguidas de um convite convincente do produtor David O'Selznick, foi-lhe oferecido um teste a fim de avaliar as suas qualidades artísticas, físicas e fotogênicas... mas nada de contrato!

A Warner Bros., por sua vez, também como uma das interessadas, foi mais longe; empregou-a por seis meses... para não fazer nada! Porque, durante o tempo em que ali permaneceu, nenhuma câmera lhe fixou o rosto. Contudo, não demorou muito êsse ostracismo. Passado algum tempo, eis que o "tabú" foi finalmente quebrado com a sua inclusão no elenco de "Beau Geste", pela Paramount. Daí por diante, a sorte se foi

Não obstante já ser mãe, Susan tem uma figura de "brotinho"

Bela e desconhecida, até que se quebrou o "Tabú..."

Por CHARLES SAINTS



Bonita e graciosa é a simpatia em pessoa!

DO NARIZINHO ARREBITADO



Susan Hayward, a "estrela" que apaixona...

tornando mais camarada, sua capacidade se desenvolvendo, até alcançar o seu climax em "Os Quatro Filhos de Adão", o que lhe valeu posição de destaque até hoje mantida.

Susan já interpretou tôdas as modalidades de papeis, quer no drama, quer na comédia ou nos musicais. Suas últimas incarnações são dois trabalhos inteiramente opostos. Enquanto que num faz o papel de uma princesa, numa passagem biblica, em Tecnicolor, ao lado de Gregory Peck, em "David e Betsabá", noutro aparece cantando, num alegre musical também em cores, que "With a Song in My Heart" (Meu Coração Canta).

Diz ela que não possui talento artístico, exceto quando trabalha... porque apenas gosta de trabalhar. No entanto, fora da tela, Susan tem demonstrado possuí-lo até de sobra. Gosta de pintar, borda muito bem, além de saber cozinhar divinamente. Embora tendo aprendido corte e costura, prefere a simplicidade dos vestidos de meia-confecção, ou comprá-los já feitos. A sua maior ambição é correr o mundo, fazer viagens maravilhosas. Entretanto, entre um filme e outro, o pouco tempo que lhe resta mal dá para descançar na sua casa em Sherman Oaks, Los Angeles, ou pescar nos aprazíveis lagos das serras californianas, em companhia do espôso e dos filhos que tanto adora.



Com êste belo vestido, ela aparece em "Meu Coração Canta"

ita e
ciosa
é a
ssoa!

ASSIM E' HOLLYWOOD!

Por SHEILA GRAHAM   Especial para CARIOCA





Zsa Zsa Gabor, artista húngara, em companhia de Robert Taylor, no almôço oferecido à rainha da Holanda.



Hedy Lamarr e Phillip Dorn surpreendidos enquanto aguardavam a chegada da rainha Juliana nos estúdios da Metro.



Jane Russell e Pat O'Brien sentaram-se juntos no almôço oferecido por Hollywood à rainha Juliana, da Holanda.

Momento culminante da festa: a chegada da rainha Juliana. A soberana conversa com Lionel Barrymore, enquanto Dore Schary espera para guiar a ilustre visitante pelos estúdios da Metro.

HOLLYWOOD — (I. N. S.) — Enquanto Yvone de Carlo tomava seus banhos de sol na Riviera Francesa e na praia de L'Horizon, a vila de Ali Khan, recebeu uma chamada telefônica. Era do produtor Jack Cummings, da Metro, que lhe perguntava se queria substituir Ava Gardner no filme "Sombrero".

Yvone estará de volta a Hollywood nos primeiros dias de junho, para ir a Cuerno Vaca, no México, com Ricardo Montalban, Pier Angeli, Vittorio Gassman e Cyd Charisse.

Norman Foster, o diretor, já se encontra no México fazendo os preparativos finais.

* * *

Jane Wyman diz que sempre tem que ler notícias de cinema nos jornais, para saber o que acontece.

Assim, poderá ela estar informada de que será a "estrêla" de "Broadway Revisited", de Henry Blanke. Ela fará êsse filme antes de ir para a Columbia filmar "Happy Birthday", que, segundo acho, começará a ser rodado êste outono.

Quando falei com Jane, ela me disse que só começará a trabalhar depois de agôsto, isto é, depois de terminarem suas férias.

* * *

Se Hans Christian Andersen tivesse me acompanhado aos estúdios de Sam Goldwyn e tivesse visto o "ballet" da pequena Sirene teria acreditado que o seu sonho se tornou realidade.

(CONCLUE NA PÁGINA 78)



Fernando Lamas e Lana Turner conversam com George Murphy, no almôço oferecido à rainha Juliana.



Louella O'Parsons (à esquerda), colunista de cinema, Mary Pickford e Ethel Barrymore estavam entre as pessoas que compareceram ao jantar em honra da rainha da Holanda.



Gene Tierney (à esquerda), Van Johnson e Dorothy Lamour conversam, enquanto aguardam a visita da rainha Juliana.

QUANDO SIMPATIA E TALENTO FAZEM UMA ESTRELA!

Eleanor Parker, uma garota de personalidade conquista as atenções dos "experts"

Por JIMMY LLOYD



Em seu último trabalho, vemo-la ao lado de Kirk Douglas e William Bendix, em «Chaga de Fogo» (Detective Story).



Quando surgiu na tela, Eleanor conquistou desde logo meio mundo



A primeira impressão que uma pessoa dá é sempre de máxima importância para seu êxito ou fracasso em qualquer fase da vida. Para exemplificar, tomemos o caso de Eleanor Parker. Nada do que lhe tem ocorrido teria sido possivel, não fôsse ela possuidora de uma figura tão escultural, de rosto tão belo e de uns olhos azuis que se assemelham a safiras banhadas pelos raios de luar. Sua cintura estreita, o contorno perfeito do seu busto, a linha maravilhosa de seus braços e suas pernas, lhe têm marcado uma rota de êxitos em sua carreira. Onde quer que Eleanor chegue, todos os olhares que se lhe dirigem são de admiração, pois que sua beleza desperta emoções, fornecendo assim uma primeira impressão que se faz inesquecivel.

Com 1,66 m de altura e, pesando aproximadamente 65 quilos, é Eleonor Parker bem proporcionada e vistosa, esbelta e sumamente interessante... Claro está que tudo isto que mencionamos não seria decisivo para sua carreira artística, se não tivesse ela o talento que possui. Contudo, é inegável a grande influência que os atrativos físicos exercem na conquista da fama de uma «estrêla».

Eleanor Parker, desde pequena não teve outro anseio senão o de ser atriz. Ao chegar à juventude, a ajuda e o estímulo de seu pai serviram-lhe de muito na luta pelo êxito na tela.

Sua habilidade se revelou desde a primeira vez em que figurou numa pequena peça teatral apresentada no colégio, em Cleveland. Isto aconteceu quando tinha apenas nove anos de idade. Aos dez, ganhou um concurso para escolha de uma atriz juvenil para o teatro municipal daquela cidade, e aos quatorze foi nomeada presidente da Associação Dramática dos Cursos Superiores.

Terminados seus estudos, dirigiu-se ao Teatro de Pasadena, que é assim como uma ante-sala da fama e muito frequentado pelos agentes dos estúdios, que dali têm levado inúmeras

(CONCLUE NA PÁGINA 73)

O talento fez dela uma estrêla de valor



Eleanor Parker, a estrêla que possui cem por cento de simpatia e talento

O RIO À NOITE

Texto de Dirceu Ezequiel
Fotos de Hélio Pontes

A cidade que muitos não conhecem — As notícias que os leitores nunca tiveram — Poesia, vinho e amôr dentro das noites boêmias — As "Dolly Sisters" e "Los Panchos" — Os cartazes: Eva Garza, Miguel Caló, Lygia e uma notícia auspiciosa

DOLLY SISTERS, bailarinas acrobáticas, que fazem parte do programa da "boite" da praça Mahatma Gandhi. O espetáculo, à uma hora da madrugada, é grandemente aplaudido pela originalidade

Riscam as primeiras luzes o quadro negro da noite, e, fascinados por elas, iniciam os boêmios a sua vida de "mariposas". O Rio adormece... o Rio acorda...

Delenda a faina diária, alevantam-se os deuses e os duendes. — Minerva, Baco, Caloípe, Terpsícore, Venus, Yemanjá... — Poesia, inspiração, inteligência, música, vinho e amor...

Viva quem vive, vive quem viva: a cidade se torna num mundo estranho e fascinante, que se renova tôdas as noites, oferecendo passagens novas noturnamente; gira, vibra, e cai afinal, quando o dia mal principia. Do centro a Copacabana, abrem-se as cortinas para mais um espetáculo nos teatros da zero hora.

— Hoje tem espetáculo? — Tem...
— E o palhaço, hoje, quem é?...

★

Na "boite" central do Rio, o "Night and Day", além de atrações variadas nacionais, três grandes cartazes internacionais deleitam os "habituées"; são êles — as formosas bailarinas exóticas "Dolly Sisters", procedentes de Cuba, e o trio vocal sul-americano "Los Panchos", com acompanhamento de guitarras, e também o excepcional Agustin Lara em seus últimos dias no Brasil.

Numa "boite" da praia do Flamengo está o barítono do Rio, Alberto Ramirez, e um duo acrobático alemão, além de Amyrton Vallim e Pat King.

Em Copacabana, os "Cartazes" luminosos anunciam Eva Garza, Miguel Caló, Caco Velho, Josephine Premice, Ranchinho e Alvarenga, Lygia — a garota

(CONCLUE NA PÁGINA 78)



Quando a noite vai caindo, vão surgindo os primeiros boêmios. Na porta de um bar da Cinelândia, êles se reunem, traçando seus programas. Vemos acima: Dirceu, o pintor Sorensen, a escultora Margaret Spencer e o poeta Van Jafa



Em uma das principais casas de recolhimento boêmio da cidade, exibe-se o trio vocal sul-americano, "Los Panchos", com acompanhamento de guitarras



ALBERTO RAMIREZ, o barítono do Rio, quando cantava "Granada" para os "habituées" do "Bar-boite" "Novo Mundo", acompanhado ao piano por Amyrton Vallim



Cantora e "vedette" de uma das casas de diversões noturnas de Copacabana, esta jovem, de beleza peculiar, tem os olhos perdidos no estranho mundo que a cerca...

SAINT' CLAIR LOPES

O radialista que tornou o Brasil conhecido na Organização das Nações Unidas.

Reportagem de Lysa Castro

Fotos de José Moraes



Saint'Clair Lopes e Zenith Gomes palestram sôbre o concurso que a garôta paulista venceu em sua cidade



COMO é do conhecimento geral, Saint'Clair Lopes é um dos radialistas que mais têm viajado a serviço do rádio, quer em caráter particular, quer em missão oficial.

Sabendo que o ilustre radialista poderia nos fornecer fatos interessantíssimos sôbre a situação do Brasil no conceito dos povos europeus e americanos, nossa reportagem procurou ouvi-lo na Rádio Nacional.

Com a gentileza que lhe é própria, Saint'Clair se prontificou a nos contar o resultado de suas observações feitas em 1947, quando de sua primeira viagem aos Estados Unidos, como comentarista brasileiro na segunda Assembléia das Nações Unidas em Nova Iorque. Integrando o comité participante da Organização Mundial, fez toda a cobertura escrevendo e apresentando um programa especializado com a duração de quinze minutos, diàriamente. Para surprêsa de seus colegas, Saint'Clair preparava todo o seu trabalho em meia hora apenas, improvisando ao microfone quando acontecia terminar o "script" antes de decorridos os quinze minutos regulamentares, fato a que não estavam os outros elementos habituados, porque perdiam cêrca de três horas na preparação de um pequeno programa. De tôdas as observações feitas pelo nosso representante, a que lhe causou mais espanto foi o completo desconhecimento do Brasil no meio daquele povo culto que se reunia para discutir os problemas do Mundo. O idioma português era totalmente desconhecido e os nossos parlamentares se expressavam em espanhol. Solicitado a apresentar suas impressões sôbre os trabalhos ali realizados, Saint'Clair, com o tato que lhe é peculiar, externou-se de maneira que impressionou a todos. Com dados irrefutáveis, mostrou o índice de ouvintes

(CONCLUE NA PÁGINA 76)

Como todo bom artista, Saint'Clair também tem fãs que lhe telefonam a cada momento



Em sua mesa de trabalho, no 19.º andar do Edifício de **A NOITE**, Saint'Clair atende ao expediente



Em palestra com a reportagem, Saint'Clair fala sôbre sua viagem pelos Estados Unidos e Europa, como delegado do govêrno



Um flagrante apanhado pelo nosso fotógrafo: Saint'Clair à sacada de A NOITE

No mundo se vê de tudo

O público canta sempre os primeiros versos da música

Na opinião de Gabaroche, o público, de modo geral, canta apenas os primeiros versos de uma música. O resto é tá-tá-tá. "Fácil, fácil", diz êle, essa é a lei da canção. No fundo todos os autores de canções procuram obscuramente o mesmo ritmo, lamurioso e terno. Como não se haveriam de encontrar? Acusam-nos de plágios. Mas são reminiscências. Não há senão sete notas na música. O que me surpreende é que tôdas as canções não se pareçam ainda mais.

Gabaroche continua achando que idade de ouro da canção foi o ano de 1900.

— Desejo aos compositores de 1952 que em 2002 cante-se ainda suas canções como em 1952 se canta as de 1900.

A canção deve ser uma coisa que se acredita ter ouvido a vida inteira. A originalidade aqui há de ceder o lugar à procura do "sempre". E sempre a simplicidade, inclusive nas palavras. As palavras de todos os dias. E em número pequeno. Uma espécie de "sketch" que se desenrola diante do público em três minutos.

UM AUTÓGRAFO DE FRANCIS CARCO

No Teatro Gramont, em Paris, levava-se a recente peça de Francis Carco, "Jesus la Caille", extraída de seu romance do mesmo título. No intervalo uma senhora já idosa, tendo na mão um exemplar do livro, procurou Carco a fim de solicitar-lhe um autógrafo.

— Pois não, com muito prazer... E a quem devo oferecer o romance?

— A Deus, responde a senhora.

— Como?

— Eu me chamo Madame Deus.

— Ah! é um belo nome!

E Carco escreveu a dedicatória: "A Madame Dieu, seu filho emancipado, Jesus la Caille".

Coisas que acontecem

A França comemorou recentemente o centenário de Delcassé, que foi uma das figuras políticas mais importantes da III República pelo prestígio, pela influência e pelas posições ocupadas.

Recorda-se, a propósito dêsse famoso homem público, que a sua primeira idéia, ainda jovem, era ser autor teatral. Delcassé chegou mesmo a escrever uma comédia em 5 atos, no estilo de Emile Augier, que entretanto jamais chegou a ser representada.

E' o caso que o manuscrito havia sido entregue ao comediante Got, o qual, não se sabe como, perdeu os originais. Delcassé sentiu-se sem coragem de escrever a peça de novo e ficou tão aborrecido com o fato que desistiu inteiramente de dedicar-se ao teatro. Resolveu, então, entrar na política e foi tudo na França.

O outro lado das coisas

Uma velha, assistindo ao film que se fez da vida de André Gide, ficou emocionada de vê-lo brincando com os netos com tanta simplicidade.

— Que avô formidável, disse ela ao deixar o cinema. E quando eu penso que nunca li um só de seus livros! Mas agora vou ver se recupero, um pouco, o tempo perdido. A leitura de sua obra deve ser um conforto numa época em que o espírito de família se perde cada vez mais.

Qual não será a surprêsa da velhinha se ela se dedicar realmente à leitura de Gide.

O que se diz e o que se escreve

Há pouco, nas comemorações do 65.º aniversário de Toscanini, alguém teve a idéia de perguntar-lhe se acreditava na utilidade de saber-se muitas línguas.

— Claro, respondeu o grande maestro. Cada idioma permite que se exprima estados de alma diferentes. Assim, quer ser amável? Fale em francês. Quer ser prático? Fale em inglês. Ameaçador? Fale em alemão. Mas se deseja cantar, que seja então o italiano.

O pensamento que fica

E aqui está o que diz Pierre Benoit, o famoso autor de "Atlantide" e de tantos outros romances de fama universal, a respeito da preocupação feminina com os seus encantos naturais:

— As mulheres que sofrem para ser belas, não se fazem belas senão para fazer que outros sofram.

No mundo se vê de tudo

Mme. Milliard, de Ionia, (Michingan), teve o seu primeiro filho, um garoto, a 3 de fevereiro de 1950, entre 9 e 10 horas da manhã. O segundo, um menina, nasceu em 1951 a 3 de fevereiro entre 9 e 10 horas da manhã. De novo êste ano, no mesmo dia 3 de fevereiro, entre 9 e 10 horas da manhã, Mme. Milliard tornou a ter outro filho. Após tudo, o marido dessa dama de Ionia acaba de dizer que êle está certo que para o ano, no dia 3 de fevereiro, entre 9 e 10 horas da manhã, virá ao mundo outro garoto. "Minha mulher tomou êsse hábito, que quer?"

A vida é uma comédia

Numa banca examinadora pergunta o professor ao estudante:

— E como se chama o tipo de união em que o homem se contenta com uma só mulher?

— A monotonia, responde imediatamente o examinando.

E aqui a história de uma jovem muito curiosa que pergunta a uma amiga:

— E' uma história de amor?

E a outra:

— Não... E' uma história de gente casada.

E um outro pequeno diálogo entre duas moças:

Ela — E a senhora se casou em segrêdo?

A outra — Não. Ele soube.

CASAMENTO ENTRE JOVENS

Recorda-se êste ano o décimo quinto aniversário de Henri Duvernois, autor de várias peças, escritor ilustre e sobretudo um homem de muito espírito. E' de Henri Duvernois o pensamento seguinte a respeito do casamento entre jovens, que êle não apreciava:

— E' preciso que não se case antes de saber amar do mesmo modo que não se pode pintar antes de aprender a desenhar.

E a porta vai girando

Na peça de Jean Cocteau, "Bacchus", há uma cena em que Cristina declara a Hans, com tôda franqueza, que êle a desagrada.

— Pouco importa, responde Hans fleumaticamente, as grandes coisas começam sempre mal. Um casal é formado de lutadores.

Mais adiante, Hans diz a Cristina:

— O que se deseja, é preciso tomar a fôrça.

— Não aproxime a sua bôca, grita Cristina colérica. Eu lhe cortarei a língua com os dentes.

E Hans, sem se alterar:

— Ei-la, então, mulher, ou quase.

Hans toma-a em seus braços violentamente, enquanto a moça se debate, grita e esbofeiteia-o. Depois, Hans explica a Lotar:

— Eu a amo. E os deuses gregos passam depressa aos atos.

Após tudo, Cristina amava realmente a Hans.

UN

A gr a mérit conde veis Midi' est u Vene ingl

Edw ne

UMA ATRIZ RECEBE NA FRANÇA A LEGIÃO DE HONRA

A grande atriz francesa Edwige Feuillère teve recentemente uma das maiores alegrias de sua vida. E' que o govêrno francês, tendo em conta os seus altos méritos artísticos, seu renome internacional e sua projeção no teatro, resolveu condecorá-la com a Legião de Honra. De alguns anos a esta parte as mais notáveis criações de Edwige Feuillère, na cena francesa, foram em "Le Partage de Midi", de Paul Claudel, "L'Aigle a deux têtes", de Jean Cocteau, em "La liberté est un dimanche", de Pel Omentin, e em "La Dame aux Camelias", na Bienal de Veneza. Recentemente, em Londres, Edwige Feuillère foi consagrada na capital inglêssa como a nova Sarah Bernhardt.



Edwige Feuillère e Jacques Dacquimine numa cena de "La Liberté est un Dimanche"



Numa cena de "Partage de Midi", a grande comediante francesa ao lado de Barrault



Êle era meu chefe... Hoje é meu marido!



A história começou assim: "Minha querida secretária... Aprecio muito seus serviços, sua eficiência, sua lealdade. Há porém qualquer coisa no seu olhar que me perturba. Por isso sou obrigado a despedí-la. Em compensação quero casar com você"

"Foi meu último trabalho como secretária".

CILION assegura uma nova beleza às pálpebras.
CILION escurece, alonga e recurva os cílios.
CILION dá brilho às sobrancelhas.

cilion

protege, embelezando os cílios

PUBLICITAS



Não se esqueça de usar CILION e os homens jamais esquecerão seus olhos

A VIDA NO RÁDIO



OLIVINHA CARVALHO ACABA DE LANÇAR O SEU PRIMEIRO DISCO DE 52 : "VOU FUGIR P'RA CUBA", E "COIMBRA"

★

TEMOS agora na TV um novo programa, que se intitula "Bate-Papo", a cargo de Paulo de Magalhães, recem-chegado da Europa e cheio de novidades. Paulo convesará com os tele-espectadores sôbre coisas de Paris, aproveitando a oportunidade para dar a conhecer ao nosso público as últimas melodias francesas de maior sucesso.

•

BARBOSA Junior está com um programa, desta vez na Mayrink Veiga, aos sábados, das 13 às 15 horas. São as "Barbosadas" que voltam ao ar. Carmélia Alves, Roberto Paiva e outras figuras que Barbosa Junior revelou ao rádio participarão em diferentes oportunidades, do seu programa.

•

A princípio era a dupla Preta e Branca: Nilo Chagas e Herivelto Martins. Depois surgiu o Trio de Ouro: eram os dois e mais Dalva de Oliveira. A retirada de Dalva dissolveu, pela primeira vez, o Trio. Mas daí a pouco êle voltava novamente ao ar com o concurso de Noemi, em logar da "estrela" que se afastara. Agora o Trio de Ouro vem de dissolver-se pela segunda vez. Nilo assinou contrato na Nacional. Ao que se fala nos meios de rádio, Herivelto conta reorganizar o Trio com o concurso de Lurdinha Bittencourt e de um outro cantor, ainda não escolhido. . .

•

A dupla Zé e Zilda deixou a Tupi. Os conhecidos artistas passarão a atuar na Rádio Mayrink Veiga.

•

Confirma-se a notícia de que Almirante deixou a Rádio Tupi, em seguida a um desentendimento que teria ocorrido entre êle e a direção daquela emissora. Almirante encontra-se atualmente fora do Rio. Em sua volta vai se saber em que nova estação irá agora atuar.

•

Emilinha Borba já se acha de regresso ao Rio, após a demorada excursão realizada por todo o Norte do país. Volta a estrela a participar dos programas de quinta-feira, de Manoel Barcelos, devendo reaparecer proximamente, como já foi anunciado, no programa Cesar de Alencar.

•

Já se encontra à venda o primeiro disco de 1952, gravado por Olivinha Carvalho. As duas músicas que ali se encontram são "Coimbra" e "Vou fugir p'ra Cuba".

•

Nelson Gonçalves seguiu para São Paulo. Vai realizar uma temporada de um mês na Nacional bandeirante.

Um flagrante do rádio: Marion, Angela Maria e Nuno Roland





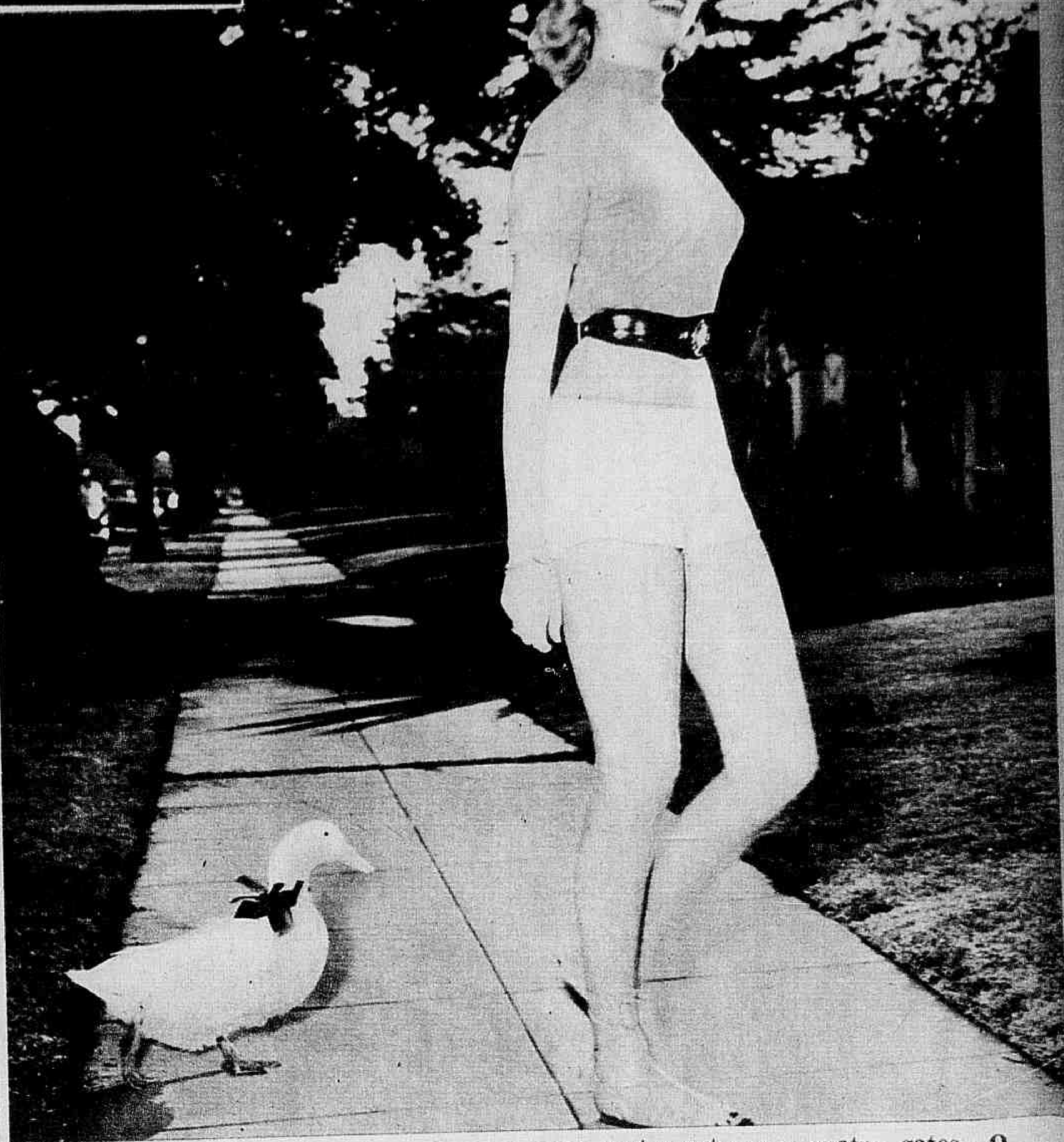
E Emilinha Borba, finalmente, de volta ao Rio

FLAGRANTES DE HOLLYWOOD

Kathleen Hughes, uma verdadeira filha de Hollywood, começou o novo ano como a pequena que alcançou o primeiro contrato para o cinema em 1952, com a Universal-Internacional; Para isso teve de desfazer um compromisso com outro estudio, pois já estava cansada de «esperar sentada». Mas Kathleen possue mais qualidades do que nos parece à primeira vista. Senão vejamos . . .



Os gatos vivem **amigávelmente** com Bill, o marreco, pelo **menos** enquanto Kathleen os está segurando...



Kathleen **adora os animais** e **criou um** pato **juntamente** com quatro gatos. **O** pato a segue por **onde quer que ela vá**. **Seu** nome é **Bill** — nome com que ela o batizou **quando** ainda era muito pequeno — antes de **descobrir que êle punha** ovos!



Bill espera que Kathleen consiga ser uma estrêla depressa, pois assim poderá ter uma piscina um pouco maior. Ei-la saboreando sua salada de alface

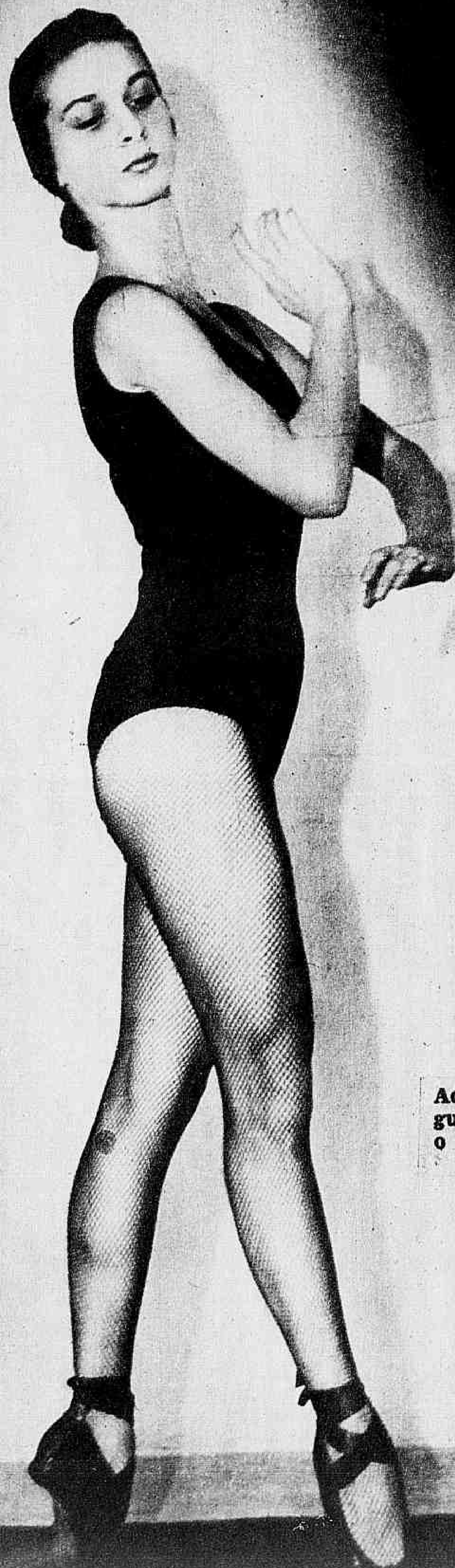


Bill faz o possivel para ser camarada — mas vocês sabem como são os gatos! Um benefício proveniente do ingresso de Bill para a família: Kathleen atribui a beleza incomum da côr de seus cabelos ao uso regular de shampoo de ovos de pato

Três existências no "Ballet"

Ivone Meyer, Ady Addor e Josemary Brantes contam as suas trajetórias — Lutas e sonhos e, afinal, o rumo da ascensão — Pode-se esperar muito dos novos valores.

Por JONALD, exclusivo para CARIOCA



Ady Addor, tem figura e queda para o "ballet" romântico



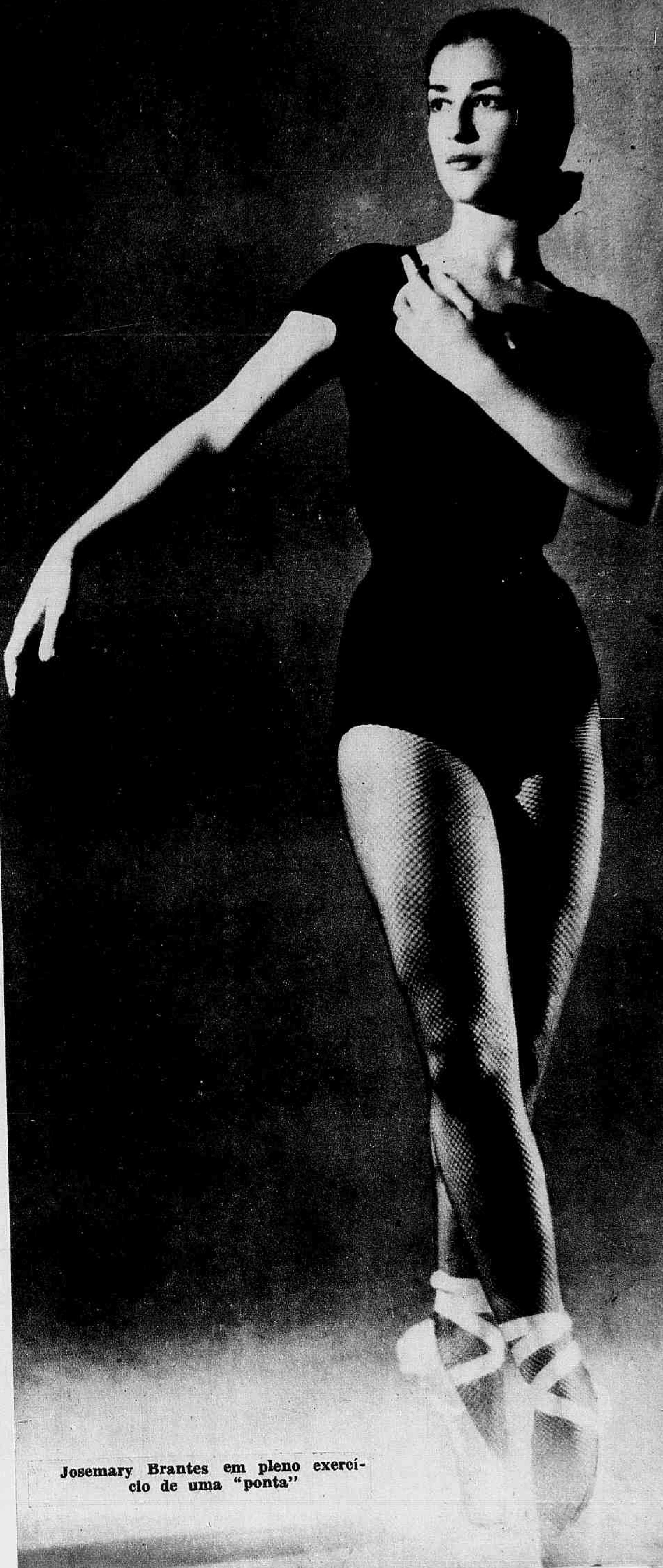
As "pontas" de Ivone são firmes e elegantes



Ivone Meyer pensa no futuro que certamente vai elevá-la às culminâncias

HÁ um encanto diferente na carreira das bailarinas. Tanto é indispensável, um exaustivo esfôrço físico, quanto o crescimento interior. Não basta a perfeita exibição técnica. Torna-se necessário o mais difícil — a expressão, o enlêvo espiritual. Os sacrifícios que efetuam os praticantes da difícil arte, quer mantendo a deformação óssea de partes do corpo, quer seguindo em busca do contacto íntimo com maior sensibilidade, são difíceis de imaginar. Se há méritos na descrição das carreiras célebres, há um encanto todo especial no relato dos que ascendem. É o que iremos efetuar hoje. A escolha recaiu em três figuras que pertencem à mais recente turma efetivada oficialmente no Corpo de Baile do Teatro Municipal. Cada uma delas tem características próprias. Diferem as ambições, as modalidades de vida, os sonhos. Entretanto, o esfôrço, a união em volta de uma árdua carreira, enfrentando os inevitáveis obstáculos dos novos, tornam semelhantes os ideais das suas atuais existências.

Ady Addor tem uma preciosa figura. Além disto, tem expressão, delicadeza e pureza de movimentos. Reune as indispensáveis características a fim de se tornar, em futuro próximo, um elemento de grande destaque para o gênero romântico. Tem, apenas, dezessete anos e uma existência à sua frente. Nasceu no Distrito Federal. Aos dez anos, a atração pela dança levou-a a tornar-se aluna do saudoso Yuco Lindemberg. Aos catorze anos estreou em um palco, com o "Pizzicati", de Léo Delibes. Seguiram-se a "Valsa das flores", e a "Dança da fada". Após estas primeiras emoções e, embora ainda uma menina, procurou adquirir experiência dançando, até mesmo em excursões, no "Ballet da Juventude". Depois de Yuco, estudou com Gertrudes Wolff, Maryla Gremo, Pierre Klimoff, Consuelo Rios e Tatiana Leskova, a mestra que lhe tem proporcionado, oportunidades de valor. Dadas as suas inegáveis qualidades, não foi difícil, em 1950, na festa oficial da Escola, dançando muito bem "A fada", ser promovida da Escola de Baile para o Corpo de Baile do Teatro Municipal.



Josemary Brantes em pleno exercício de uma "ponta"

Em 1951, data da sua admissão, dançou como uma das Willis, em "Giselle"; como uma das Silfides, no poema coreógráfico do mesmo nome; uma das oceânides em "Prometeu" e teve a pequena parte de figurar a boneca sem vida de "Coppelin". A prova da sua ascensão, no Corpo de Baile, está no fato de, no corrente ano, passar, neste mesmo "ballet", de "inanimada" à importante parte de uma das amigas de Coppelia. Este fato é recente e ocorreu na memorável noite de 15 de maio, no espetáculo inaugural de "A dança através dos povos". No corrente ano interpretou dois papéis em "Quadros de uma exposição"; a ronda das moças em "Salamanca do Jarau"; um solo admiràvelmente bem executado em "Bodas de Aurora", uma das jovens das palmas, em "Sinhô do Bonfim"; uma das meninas que brincam em "Papagaio do moleque", e um papel do ano anterior: "Silfides". Sua melhor "chance" foi no "Passarinho" de "Bodas". Fora do "ballet", Ady é uma entusiasta da sétima arte. Está filmando atualmente na Flama.

Ivone Meyer tem a mesma idade da sua colega Ady e tampouco lhe faltam positivas qualidades. Reune méritos tanto para as interpretações suaves quanto para o gênero ao brilhante, tendo um belíssimo futuro que certamente conquistará. Da mesma forma que Ady, tambem o seu curso teve início com Yuco. A sua primeira aparição de responsabilidade foi em 1945, em um espetáculo promovido pelo Movimento Artístico Brasileiro, dançando, com os seus dez anos, o bailado Colombina, de Drigo. Seguiram-se muitos outros espetáculos, onde foi, desde cedo, adquirindo



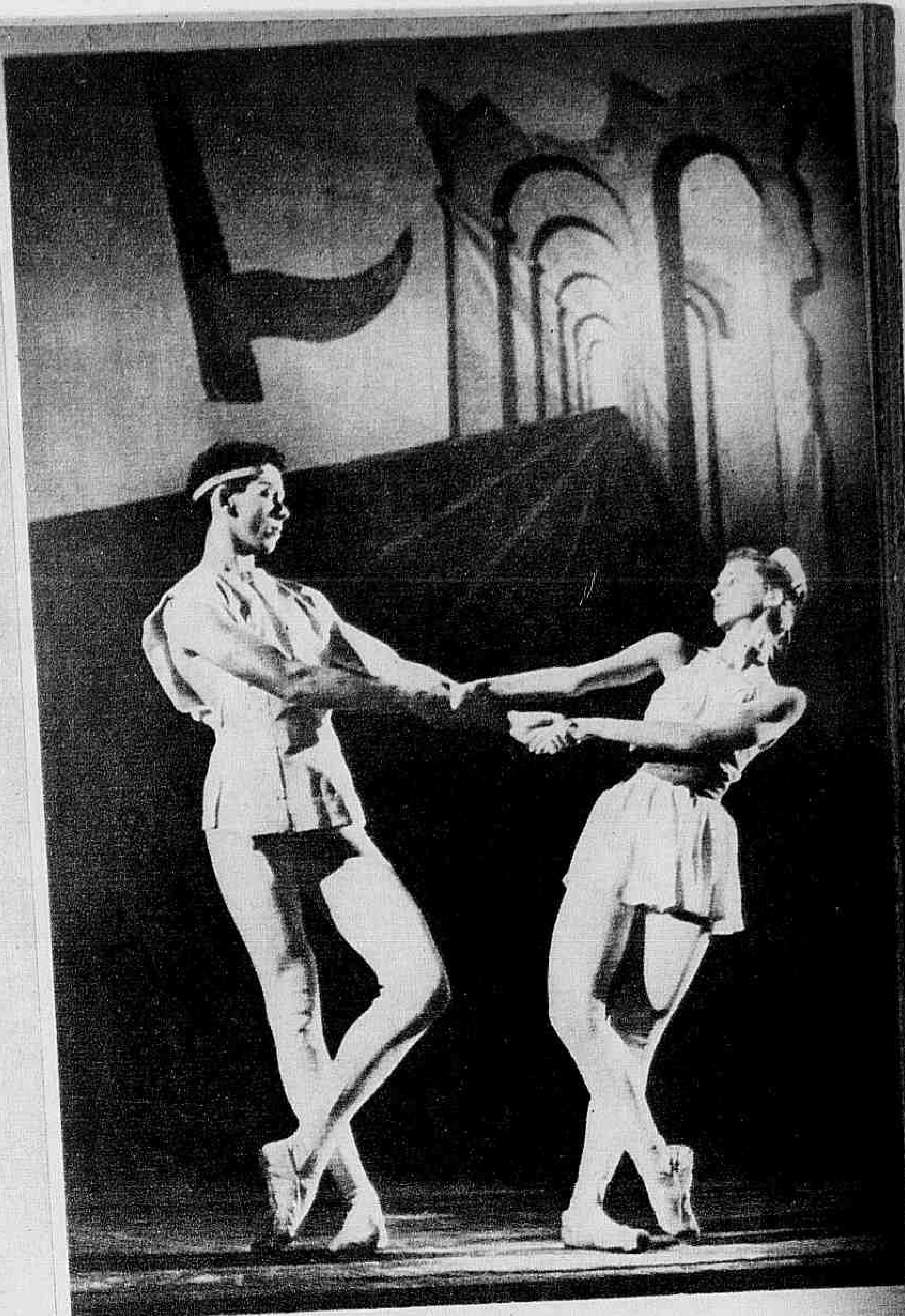
Com o pensamento voltado para uma futura "Rainha dos cisnes", assim Josemary revelou ao negativo



Ivone em um dos seus marcantes êxitos



Na festa oficial da Escola de Baile, Josemary dançou com José Moretz e ambos foram promovidos ao Corpo de Baile



"Variações sinfônicas", uma das primeiras e eficientes aparições de Ady no Corpo de Baile Oficial da cidade

experiência. Buscou, tambem expansão no "Ballet da Juventude", onde atuou com grande número de jovens que hoje tambem integram o Corpo de Baile Oficial da cidade, tomando parte em muitas excursões. Entre os seus números de êxito, naquela época, figurava o "Pas de quatre", ao lado de Cirley França, Léa Veloso e Ana Maria. Os anos foram passando e Ivone, em 1949, brilhava em solos, por exemplo, o da Variação Clássica, a "Dança da fada". No mesmo ano, em um concurso efetuado no Teatro Municipal, para ingresso na Escola de Baile, logrou, entre 128 candidatos, uma das melhores classificações. Tornou-se, então, aluna de Madeleine Rosay, progredindo intensamente. Guarda muitas recordações da sua apresentação no Municipal, em 17 de dezembro de 1950, onde atuou de tal forma que logrou, logo a seguir, classificação no ambicionado Corpo de Baile do Teatro. Naquela tarde, Ivone interpretou com muito sucesso a "Noite" da Dança das Horas, de Ponchielli, a "Variação" de Villa Lobos e "La Danza", de Rossini. A sua trajetória, em 1951, foi marcada por eficientes apresentações, destacando-se nas Willis, de "Giselle", na oceânide de "Prometeu" em "Silfides". Em 1952 logrou uma oportunidade maior e a aproveitou com esplêndida atuação. Foi quando interpretou uma importante variação de "Bodas de Aurora", com inegável êxito. Entretanto, em todos os

(CONCLUE NA PÁGINA 74)



Um sorriso alegre, franco e sonhador, o de Ivone Meyer



Josemary Brantes tem a sua inclinação nata voltada para o aspecto brilhante do "ballet"



UM VESTIDO QUE VALE MILHÕES DE DOLARES

Miss Anne Jeffreys, de "Kiss me Kate", é fotografada gloriosamente vestida como Lillian Russel, na cena do musical de Weber e Fields, "Twirl Whirly", que foi produzido em 1902. Várias personalidades teatrais representaram em "Bits of Hits", da primeira metade do século, para o "Anta Album". O Anta é uma organização que trabalha para o encorajamento do interêsse ao teatro numa base nacional

FLAGRANTES MUNDIAIS

(Fotos da I.N.P. especiais para CARIOCA)



LAS VEGAS, NEVADA — **Linda figura e encantador** penteado, eis Sherry North, no trampolim do aristocrático Hotel Flamingo



Estava quente e sufocante em Nova Iorque, mas o modêlo Pat Hall encontrou um lugar ventilado no qual pudesse mostrar seu vestido Mme. Thea Tewi desenhado para tempo chuvoso. O lugar foi no túnel de vento da Universidade de Nova Iorque, onde se vê Pat gozando as delícias de uma brisa de 25 mph. O vestido é de tule com um capuz



As alemãs recuperam o seu sorriso. Eis a formosa Hildegard Knel ,estrêla de cinema, dançando numa boite" de Berlim

QUARTETO NOTURNO

Ninon Sevilla regressou ao México — Os boêmios novos, em face da "velha guarda", também procuram na noite e na bebida a inspiração — Pat King resolveu ficar no Rio... — As atrações da última temporada no grande m u n d o noturno, para os notívagos, aventureiros das horas mortas da noite.

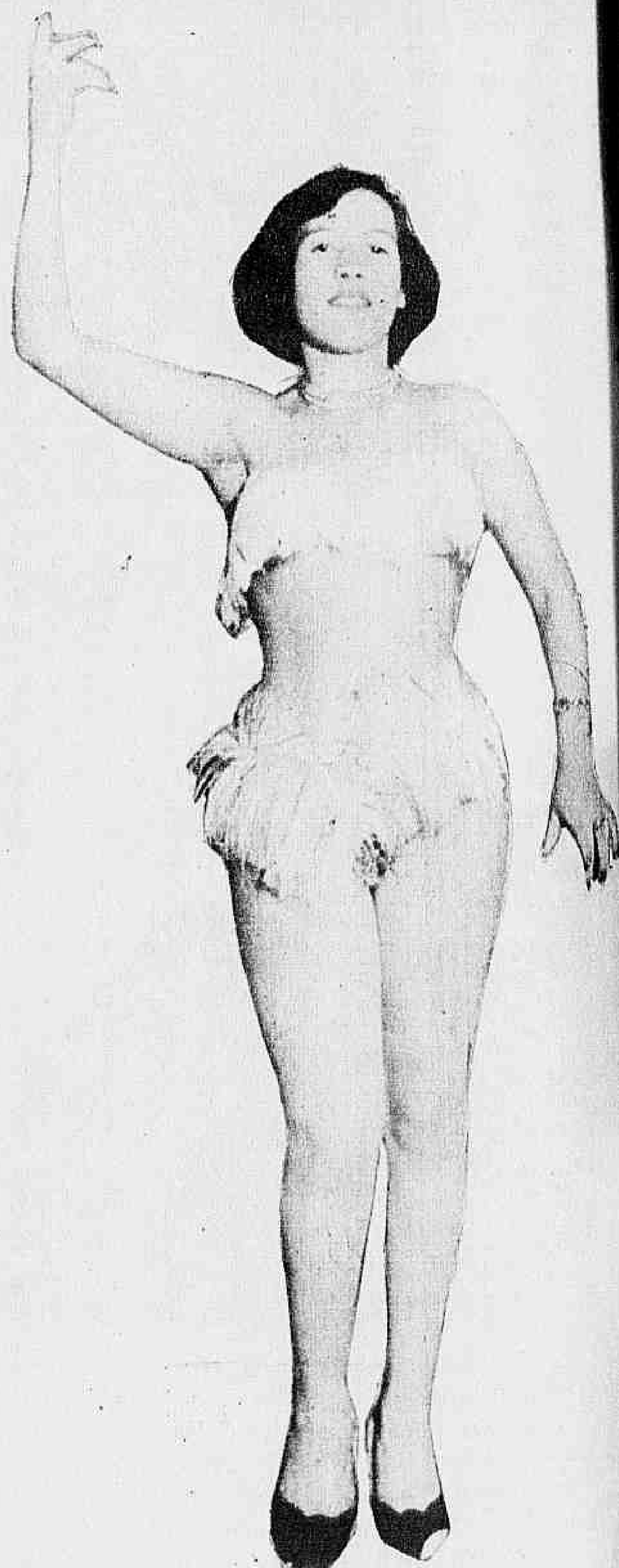
Texto de Dirceu Ezequiel
(Especial para CARIOCA)



Por ocasião da comemoração da passagem de seu primeiro ano no Rio de Janeiro, Pat King, a linda flor da Irlanda que a nossa boemia conquistou, ofereceu um "drink" aos amigos e à imprensa. **Aqui ela é saudada por** Jader Neves, Ted, **Alberto Ramirez**, Jacques, **Dirceu e Silvio Soldi, na "boite"** "Novo Mundo" **da praia do Flamengo**



Pintor e escultor modernista, e inveterado boêmio, apesar de ser jovem ainda, após uma noitada inspiradora nos recantos de recolhimento notívago da cidade, Carlos Sorensen dá vasão às suas predestinações artísticas, com muita inspiração



Leonora, uma linda "girl" do "Teatro da Madrugada", de uma "boite" de Copacabana



FERNANDO ALBUERNE, "El Trovador del Caribe"

I

A Baía de Guanabara: Copacabana, o Pão de Açucar, Cristo Redentor, a Boa Vista, Praça Paris — a "Cidade Maravilhosa" enfim! tudo isso vimos no olhar cristalino de Ninon Sevilla em sua última noite no Rio. Ela mantinha aquilo tudo na retina, e ainda o carinho com que a cercaram todos aqueles com quem conviveu.

Como uma folha sêca que cai no lago, uma lágrima fugaz e sincera turvou a vista do "Ciclone Cubano", que antes de partir já sentia saudades do Brasil, e quedava-se no contemplação da nossa paisagem noturna.

Ela é sensacional! Na sua última noitada no Rio, a "princesa da dança centro-americana" e "rainha do mambo" percorreu os recantos boêmios de Copacabana, à procura de um máximo de recordações e consôlo. Apesar de haver regressado ao México, permanecerá, porém, sempre no Rio, através de seus gestos simpáticos e filmes aqui exibidos.

Até breve, Ninon Sevilla!...



Ninon Sevilla, antes de regressar ao México, faz-se faceira, sentada na mala já pronta, oferecendo aos seus "fãs" brasileiros o melhor de seus sorrisos, como grata recordação

II

A batalha dos novos na arte tem-se evidenciado muito, ultimamente. Carlos Sorensen é um dos grandes combatentes e idealista. Trabalha madrugada afo-

(CONCLUE NA PÁGINA 74)



Na noite da despedida, Ninon Sevilla passeia por Copacabana, visitando seus bares e "boites", "arreglando" lembranças. Em trânsito pela Av. Atlântica, aí está a "estrêla" cubana acompanhada pelo repórter, Oswaldo Eboli, e "La Coqueta", e ainda rodeada de "fãs" e admiradores



SWEATER, TIPO 1952

Na página seguinte os leitores encontrarão uma reportagem sôbre "sweaters". E acima a sempre glamorosa Gingers Rogers, de "sweater" e boina, com brincos de fantasia. E como ela está linda!

NOVO "GLAMOUR" PARA SUAS "SWEATERS" VELHAS

QUASE tôda moça tem em seu guarda-roupa uma ou duas "sweaters" que poderiam ser retiradas da sua proteção de naftalina e tornarem a ser novas para a primavera, se ela soubesse tratá-las, para ter êste "new-look". Judith Braun, trabalhando recentemente num filme da Universal, teve a idéia de fazer três simples modêlos com diferentes vistas, usando-as com uma saia rodada de feltro. Uma jóia fantasia, um bordado ou uma golinha são o bastante para fazer realçar a elegância simples dêste vestuário.

Comecemos pelo modêlo de "sweater" de mangas curtas e em lã verde escuro. Judith acrescenta uma meia dúzia de correntes douradas em volta da gola, bem junto ao pescoço. Brincos também dourados em forma de argolas completam a elegante nota a um "sweater" comum.

Para os dias mais frios Judith recorre aos dois "sweaters" de mangas compridas que estavam guardados desde o ano passado. Ela, porém, torna-os irreconhecíveis, mesmo para os amigos mais íntimos. Num "pullover" azul marinho de gola virada junto ao pescoço, abre a parte da frente e com um fiozinho de arame por dentro, sustentando-a para cima, transforma-a numa moderna gola alta. Brincos feitos com moedas de prata e um colar no mesmo estilo são o complemento dêste econômico e elegante vestuário.

Para a noite, a inteligente atriz recorre às pérolas que ela arruma em volta de diferentes tamanhos sôbre a gola de um "sweater" cinza chumbo. Brincos de pérolas realizam êste efeito que tôdas as mulheres gostam de repetir porque não cansam nunca.

Para outras idéias, Judith sugere que se reunam todos os velhos ornamentos que se possua, limpe-os, repasse-os e estenda-os sôbre a cama antes de escolher o que melhor combina com a "sweater" que vai vestir e lhe dará uma nova aparência. Às vezes uma golinha de veludo, cuja côr contrasta com a da "sweater" e combina com a bolsa e as luvas é um achado maravilhoso e de pouco custo.

Antes, porém, de cortar a gola de uma "sweater" tenha o cuidado de não deixar fugir as malhas. Para isso deve passar um alinhavo por dentro, desenhando a forma que deseja e dando um espaço de um centímetro, onde deve cortar.







PALESTR

LUCIO FIUZA

EM pleno ano de 1952 ainda se pode conversar com Napoleão Bonaparte. Mesmo, decorridos 131 da morte do famoso batalhador, ainda é possivel ouvir-se sua voz retumbante, observar-se seus aspectos altruísticos. E como ? Um recurso espiritualista ? Não. Através da Arte. Da prodigiosa arte de representar, que tem recursos para reviver notaveis acontecimentos, que decorreram há tantos anos e fazer renascer importantes figuras que atuaram sôbre a terra, com as mais surpreendentes missões.

É verdade que o cinema nos tem mostrado, dentro dêste aspecto, coisas maravilhosas. Sôbre os homens do passado, mesmo aqueles que já deixaram êste reino terrestre há séculos, a fascinante arte das duas dimensões tem conseguido transportar para a tela, verdadeiras obras-primas. Impecaveis têm sido os papéis de Mme. Curie, soberba foi a apresentação de Frederico Chopin e notabilíssimos, os ressurgimentos de Napoleão. Várias vezes temos visto o "Pequeno Caporal", vivido por brilhantes artistas do "ecran" e não nos es-

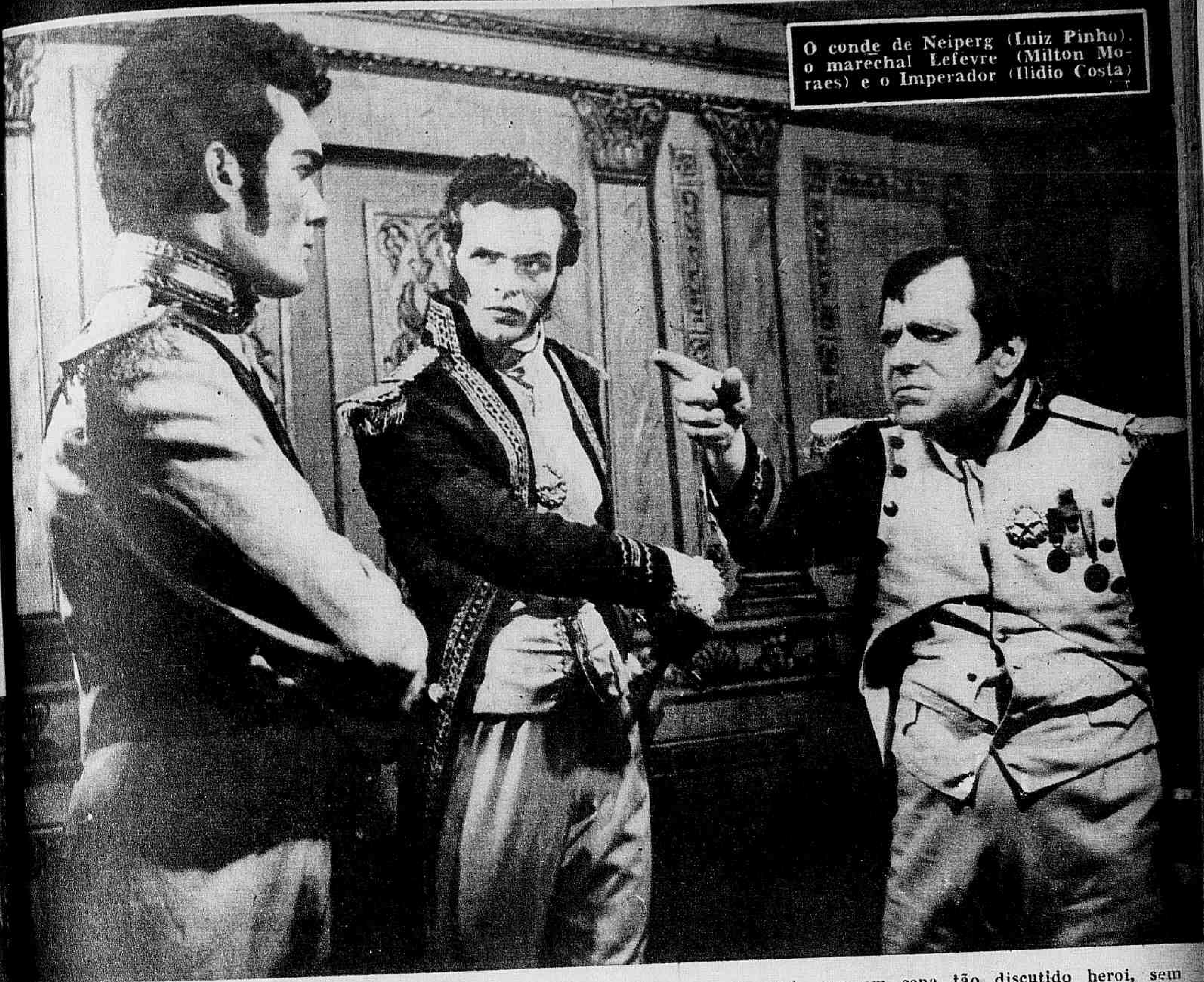


Catarina, aos pés de Napoleão, suplica benevolência para Neiperg.



Napoleão, em sua côrte, palestra com Lefevre, Catarina e Fouché. (Ilidio, Milton Moraes, Alda Garrido e Ribeiro Fortes).

ANDO ÇOM "BONAPARTE"



O conde de Neiperg (Luiz Pinho), o marechal Lefevre (Milton Moraes) e o Imperador (Ilidio Costa)

quecemos que uma das melhores interpretações foi feita por Charles Boyer. Em teatro, confessamos, foi a primeira vez que assistimos a um Bonaparte. Que coisa deliciosa! Ver e ouvir o homem que foi considerado um semi-deus e que dominou sôbre a terra como poucos! É estupendo ter diante dos olhos essa figura imponente, reconhecidamente heroica; dentro de um palco, a dez metros de nós, palpitante, impulsivo, tolerante e místico. Um Napoleão igual ao verdadeiro... Sim, em pleno ano de 1952, conseguiu Alda Garrido, montar a famosa peça "Madame Sans Gêne", cujo enrêdo gira em tôrno dêsse homem com o qual o mundo inteiro ainda se preocupa, dessa "águia" que tombou, mas que continua sendo reverenciado "como o homem mais audacioso que talvez tenha existido".

Todos sabemos que Napoleão tinha qualidades de verdadeiro feiticeiro. Mesmo os soldados medrosos, o imortal Corso sabia-os dominar, disciplinar e colocar em linha de frente, impávidos e perigosos. E se aos seus comandados bradou "Soldados, do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam" — nós poderemos responder ao inspirado guerreiro: — e a humanidade vos contemplará por mais quarenta séculos, Napoleão Bonaparte!

A História repetirá sempre os feitos homéricos dos grandes cérebros da terra. Napoleão foi um dêsses notáveis cérebros. Um gênio da matemática e um fantástico estrategista. Napoleão continua vivendo. Continua sendo lembrado como raros homens. Continua sendo um símbolo.

Eis porque os escritores, de vez em quando, o encarnam em vibrantes papéis, principalmente na literatura dramática. E Napoleão é solicitado nos palcos. Todavia, não é coisa facil colocar em cena tão discutido heroi, sem o perigo do ridiculo.

Uma platéia inteira, de um modo geral, conhece Napoleão. Não poderia aceitar uma interpretação qualquer, mediocre. E Alda Garrido, desassombradamente, montou "Madame Sans Gêne", sabendo que o vigor de seu ato final pesava nos ombros de um impecavel Bonaparte. Como resolver o problema no que respeitava ao fisico, a configuração de rosto — "olhar de águia, nariz adunco, lábios estreitos e apertados" e o corpo de mediana estatura, com tendência à rotundidade? Mas, em momento algum o problema surgiu. A empresária Alda Garrido tinha ao seu alcance, um artista, que, mesmo sem o menor traço de maquilage, tinha o aspecto de Napoleão. Restava, apenas, sujeita-lo a especiais ensaios. E o ator

(CONCLUE NA PÁGINA 74)

VARIEDADES MUSICAIS







Por DANIEL TAYLOR

N.º 155

FESTAS JUNINAS

ENTRE as celebrações que mais concorrem para enriquecer o folclore brasileiro, destacam-se as festas juninas, impregnadas de alegria e esplendor. De norte a sul e de leste a oeste, todo o Brasil comemora os festejos de São João com o mais vivo entusiasmo. No céu luminoso fulguram os balões para o encanto da gurizada, as fogueiras ardem em tôdas as cidades, vilas e povoados, enquanto se contam algumas histórias ao pé do fogo.

O espírito cristão de sua origem está, como se pode constatar, impregnado de lendas, sonhos, romance... E a música popular brasileira contribue largamente para fixar na lembrança do povo o lirismo e tôda a beleza dos festejos juninos.

"Variedades Musicais", no propósito de contribuir para o brilho dêsses tradicionais festejos, tem o prazer de apresentar aos seus incontáveis leitores a relação dos últimos sucessos em gravações, no gênero. Pedimos, pois, sua atenção para a sub-seção "Ritmos Gravados", onde publicamos as novidades.

E, para terminar, desejamos aos nossos amáveis leitores e leitoras uma feliz festa junina.

LETRAS SELECIONADAS

Aqui vai a letra do samba-canção de Lupiscinio Rodrigues e Francisco Alves, "P'ra São João decidir", gravado por Francisco Alves, para os festejos juninos:



Atendendo a pedidos, publicamos esta pôse de Nelson Gonçalves, um dos mais destacados intérpretes da música popular brasileira

Aquele dia, levantei de madrugada
Porque a noite passada
Eu não consegui dormir;
Rosinha disse que ia pôr num papelzinho
O meu nome e o do vizinho
P'ra São João decidir:
O que ficasse de manhã mais orvalhado,
Ia ser seu namorado,
Ia com ela casar
E eu tinha tanta confiança nêsse santo
Que apostei um conto e tanto
Que era eu quem ia ganhar.

Sabem o que foi que eu vi,
quando rompeu o dia?
Ouvi foguete que explodia,
Buscapé, bomba, rojão;
Era o vizinho, que já tinha triunfado
Festejando, entusiasmado,
O dia de São João.
Então, de noite,
foi mais grossa a brincadeira,
Acendeu-se uma fogueira
Todo mundo foi pular;
Só eu, chorando a traição daquele santo,
Soluçava no meu canto,
Vendo a lenha se queimar.

*

Ainda para os festejos juninos, oferecemos a letra da marcha de Benedito Lacerda, Felisberto Martins e Alberto Manes, "Desce de novo ao Jordão", gravada por Dircinha Batista:

São João, meu São João,
Que no céu vive a brilhar
Desce de novo ao Jordão
Vem a terra batizar...

(Meu São João)

Lá no azul do infinito
Onde tenho meu olhar
Vejo um santinho bendito
Que nós vâmos festejar.

Nesta noite luminosa
Que é tua, São João,
Nossa prece fervorosa
Te enviamos num balão.

A MÚSICA DO LEITOR

AURORA SANTANA — Rio. Gratos pelas suas desvanecedoras palavras. Segue a letra do fox "I'll build a stairway to Paradise", apresentado, de modo espetacular, por George Guetary, no filme da Metro, "Sinfonia de Paris":

Une chanson
C'est Paris, c'est Montmartre
C'est le jour que s'éveille
com' un pinson
Allons mon vieux cà va?
Car l'amour est là
Ah, quel grand bonheur

It's madness
To be always sitting
around in sadness
Oh — when you could be learning
the stops of gladness
Ah — you'll be happy when you can do
Just six or seven
Begin today
You'll find it nice
The quickest way to Paradise
When you practico
Here's the thing to do
Simply say as you go

I'll build a stairway to Paradise
With a new stop everyday
I'm going to get there
at any price
Stand aside, I'm on my way
I've got the blues
And up above it's so fair
Shoes, go and carry me there.

*

FÃ DE MARIO LANZA — Rio. Quanta gentileza! Aqui vai, em absoluta primeira mão, tal como a publicação supra, a letra da bonita valsa que Mario Lanza e Ann Blyth cantam em "O Grande Caruso", intitulada "The loveliest night of the year":

When you are in love
It's the loveliest night of the year
Stars twinkle above
And you almost can touch them from [here

Words fall into rhyme
Any time you are holding me near
When you are in love
It's the loveliest night of the year

Waltzing along in the blue
Like a breeze drifting over the sand
Thrilled by the wonder of you
And the wonderful touch of your hand
And my heart starts to beat
Like a child when a birthday is near
So kiss me my sweet
It's the loveliest night of the year!

(Publicamos esta letra, cantando...).

*

RITA STUART — Belo Horizonte. Obrigado. Eis a letra de "Because of you", de Arthur Hammerstein e Dudley Wilkinson, gravada por Tony Bennett:

All my days were lonely ones
Till you came along
Now my days are happy ones
You filled my life with song.
Because of you there's a song
In my heart
Because of you my romance
had its start
Because of you the sun will shine
The moon and stars will say
you're mine
Forever and never to part
I only livre for your love
and your kiss
It's paradise to be near you like this
Because of you my life is now
worth while
And I can smile
Because of you.



Hugo Del Carril, "astro"-cantor do cinema argentino

Sugestiva foto de Carmélia Alves, que inspirou aos fãs os seguintes "slogans": "Rainha do Baião", "Favorita do Paraná", "Rainha da Simpatia", "Favorita dos Estudantes", e, finalmente, a "Princesa do Rádio"

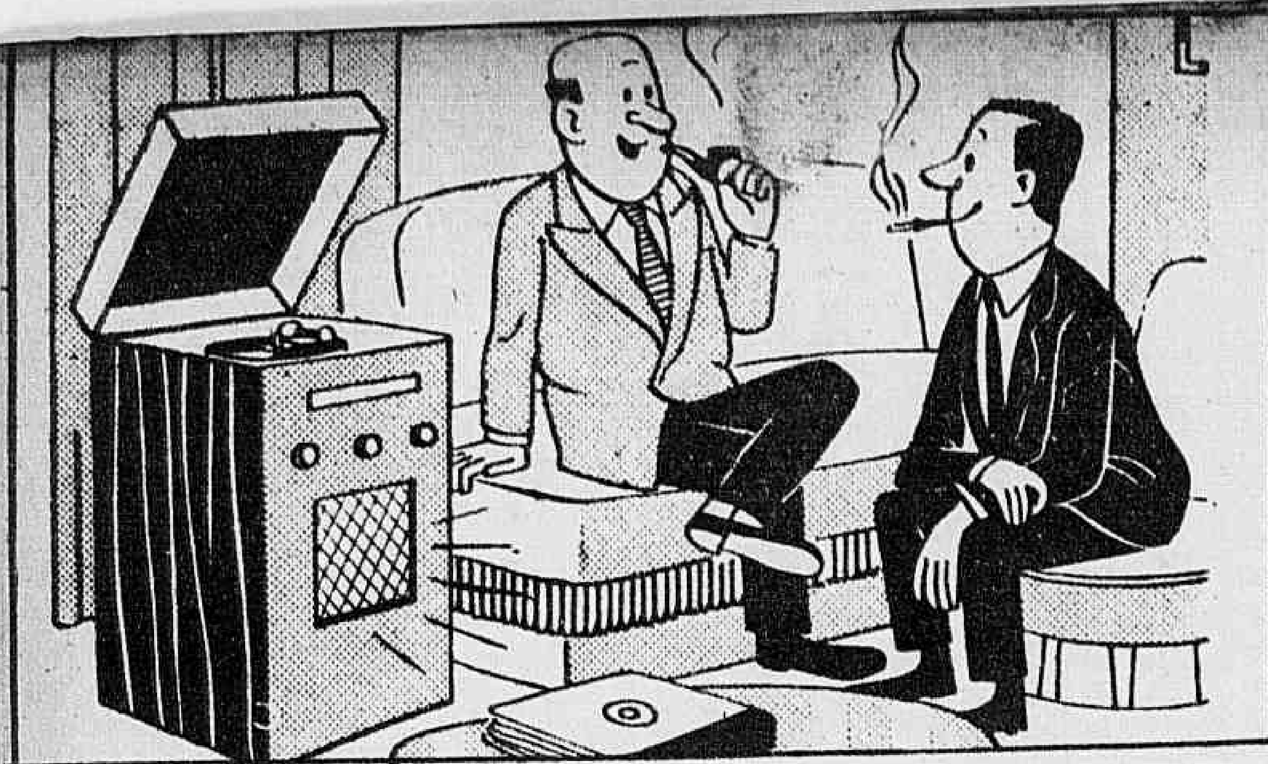
RITMOS GRAVADOS

NA ODEON — Odete Amaral, com acompanhamento de Regional, se apresenta com um samba e um baião, para os festejos juninos que se aproximam: o samba — "Não soltem balão" — é de autoria de Pereira Matos e Ayrton Amorim; o baião — "Canjiquinha" — é de Cliton Ribeiro e A. Xavier.

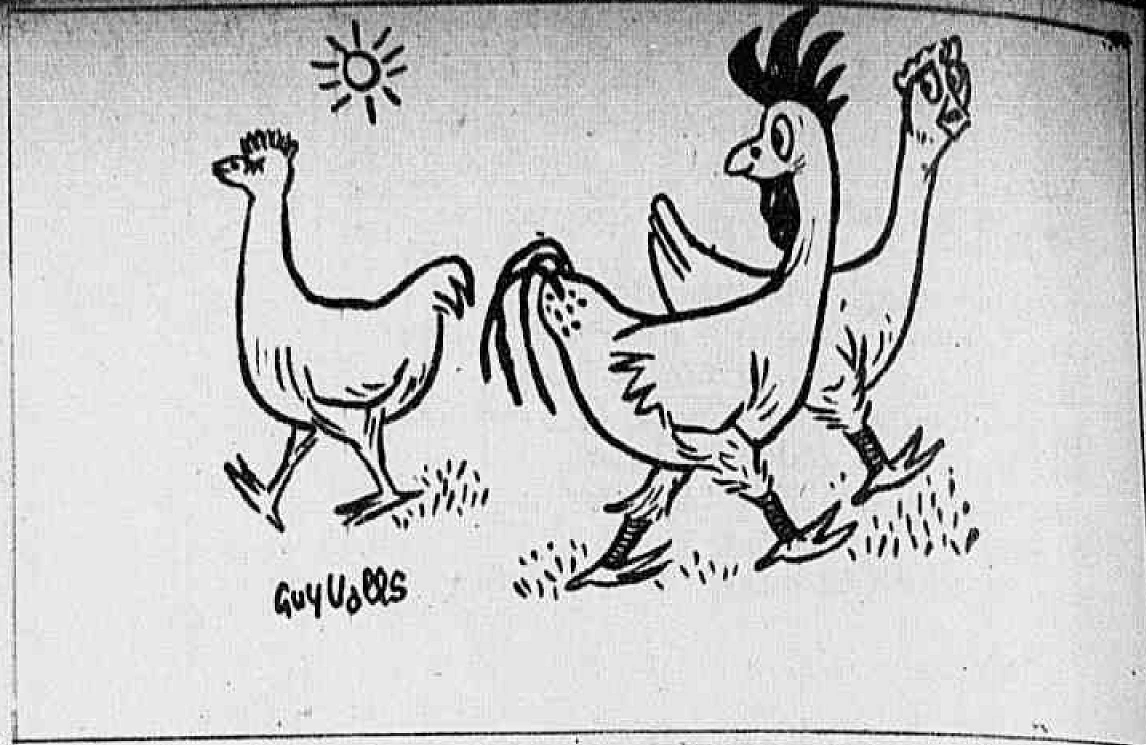
* Francisco Alves, sob acompanhamento de Regional, gravou a marcha "Tempo feliz" e o samba "P'ra São João decidir". A primeira é de autoria de David Nasser e do próprio Chico; o samba trás as seguintes assinaturas: Lupiscino Rodrigues e F. Alves.

* "Desce de novo ao Jordão", marcha de Benedito Lacerda e Felisberto Martins, e "Noite de junho", marcha-rancho de Paulo Soledade e Fernando Lobo, compõem o disco junino da querida cantora Dircinha Batista, que é acompanhada de uma boa orquestra.

(CONCLUE NA PÁGINA 74)

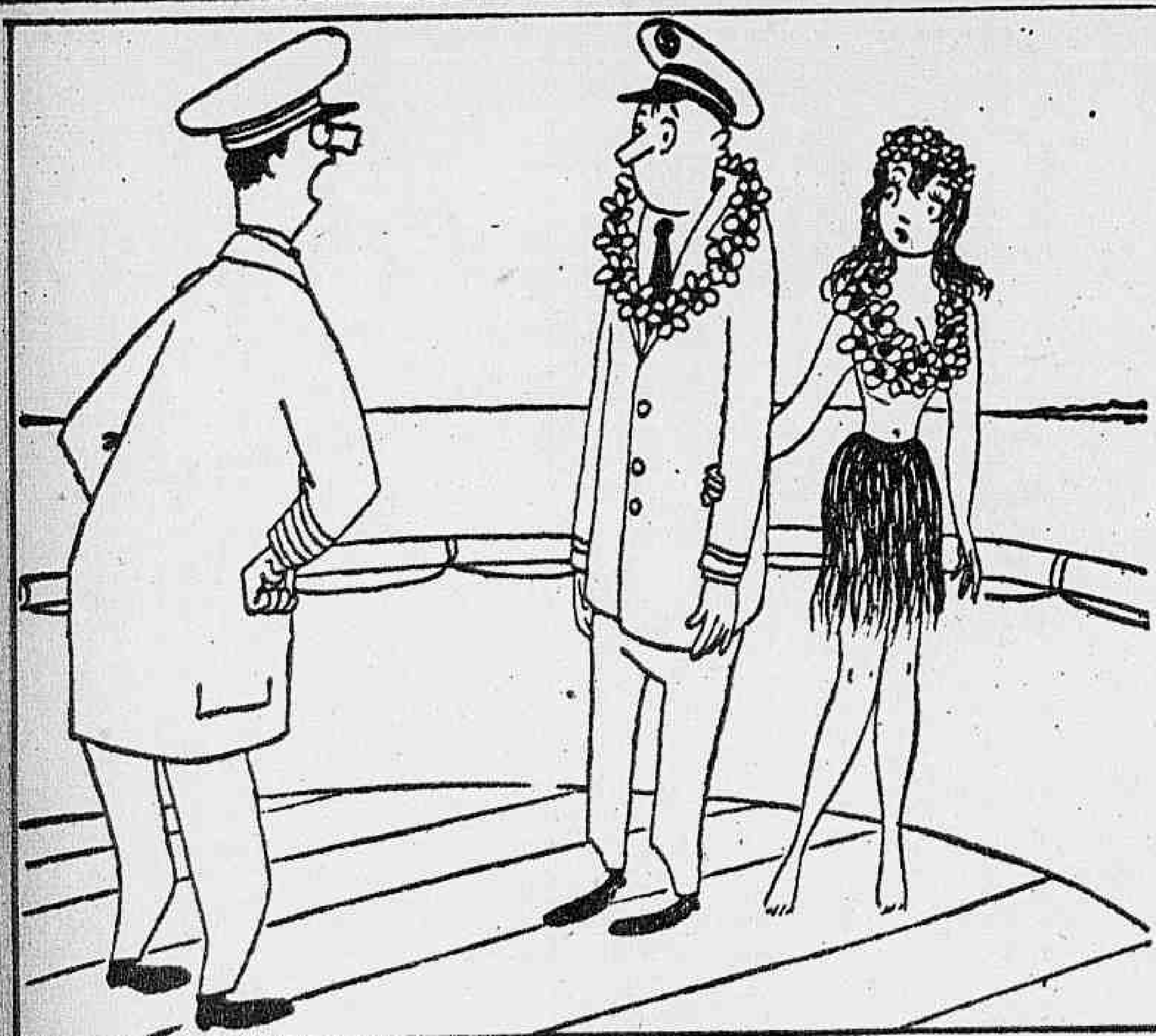


Esses discos de longa duração são muito repousantes. Acontece ainda que minha mulher não pode dizer uma palavra durante trinta minutos

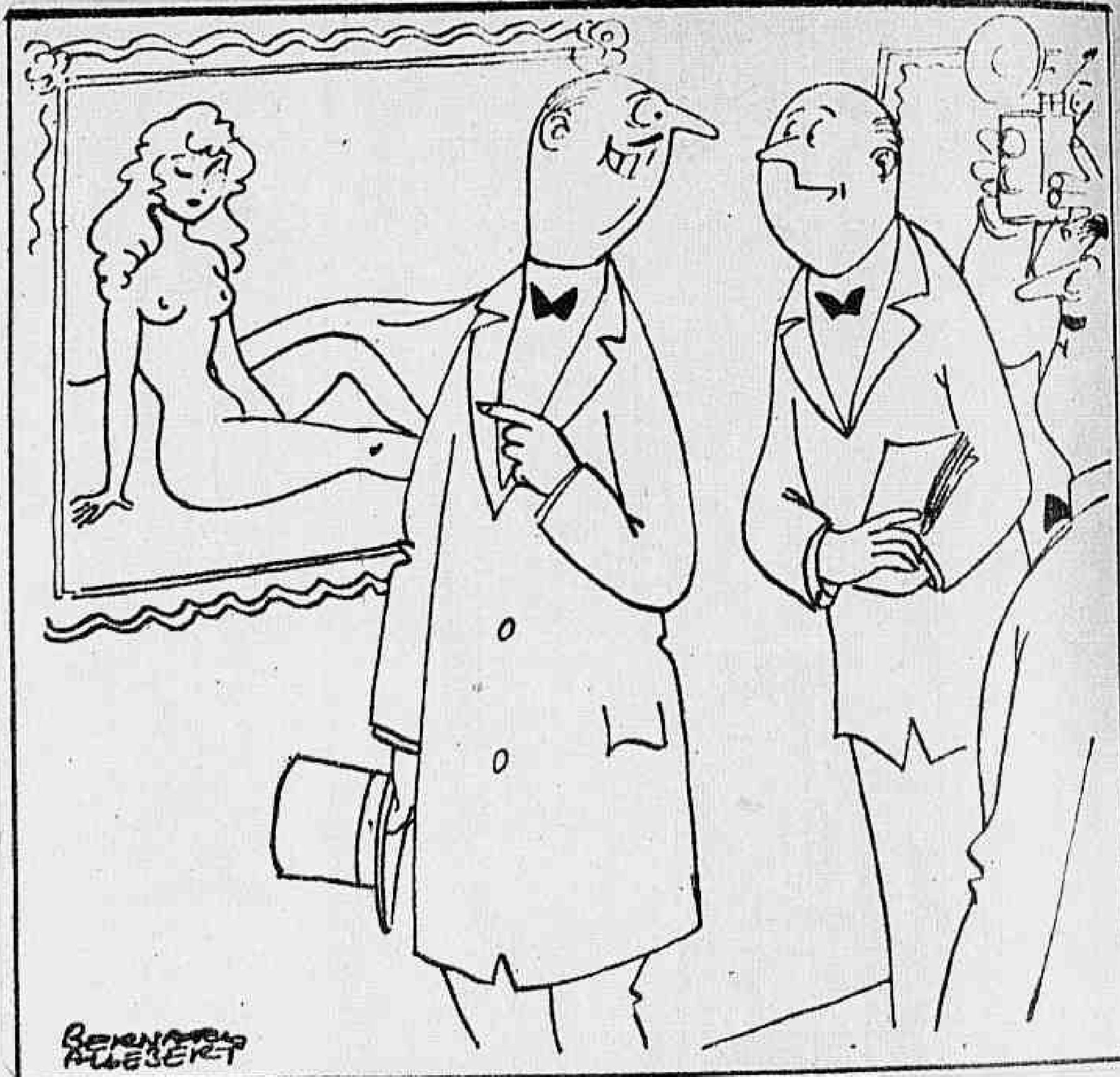


Quando acabará você com essa mania de virar os olhos para tôdas as galinhas que encontra na rua?

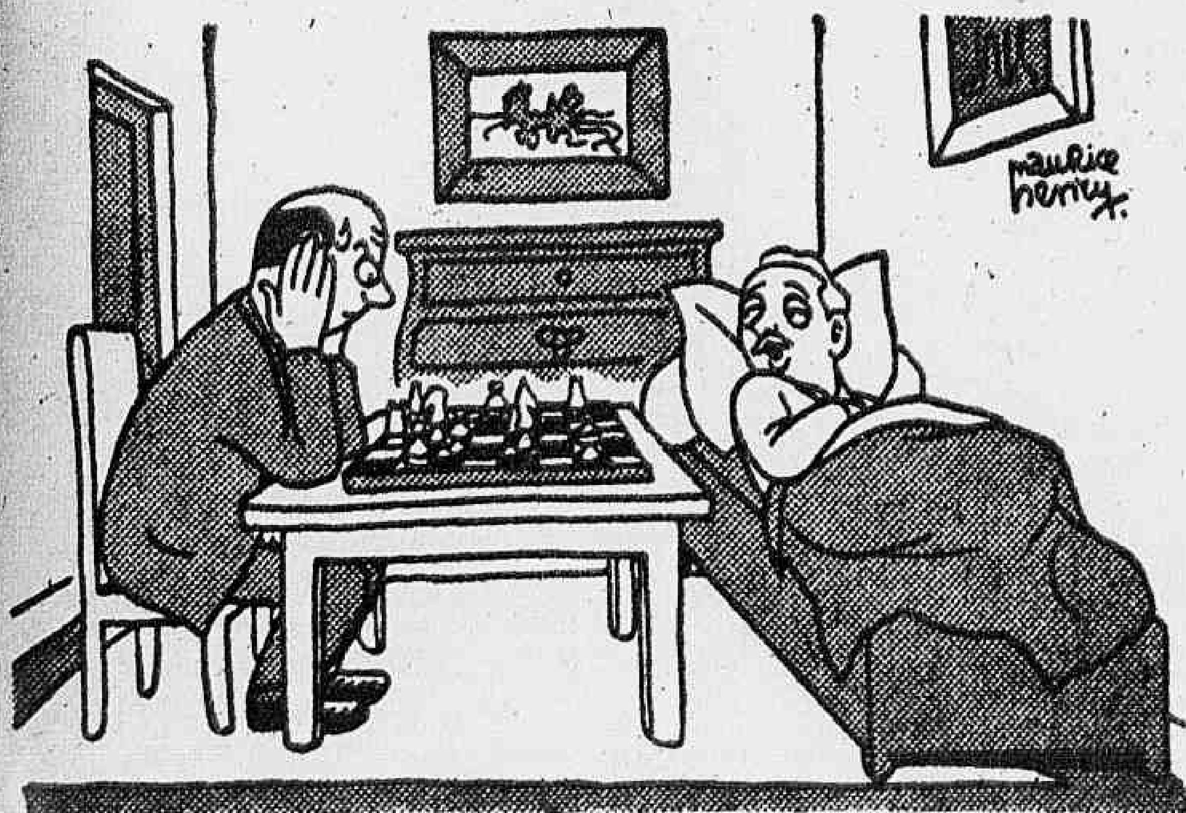
O ESPIRITO DOS OUTROS



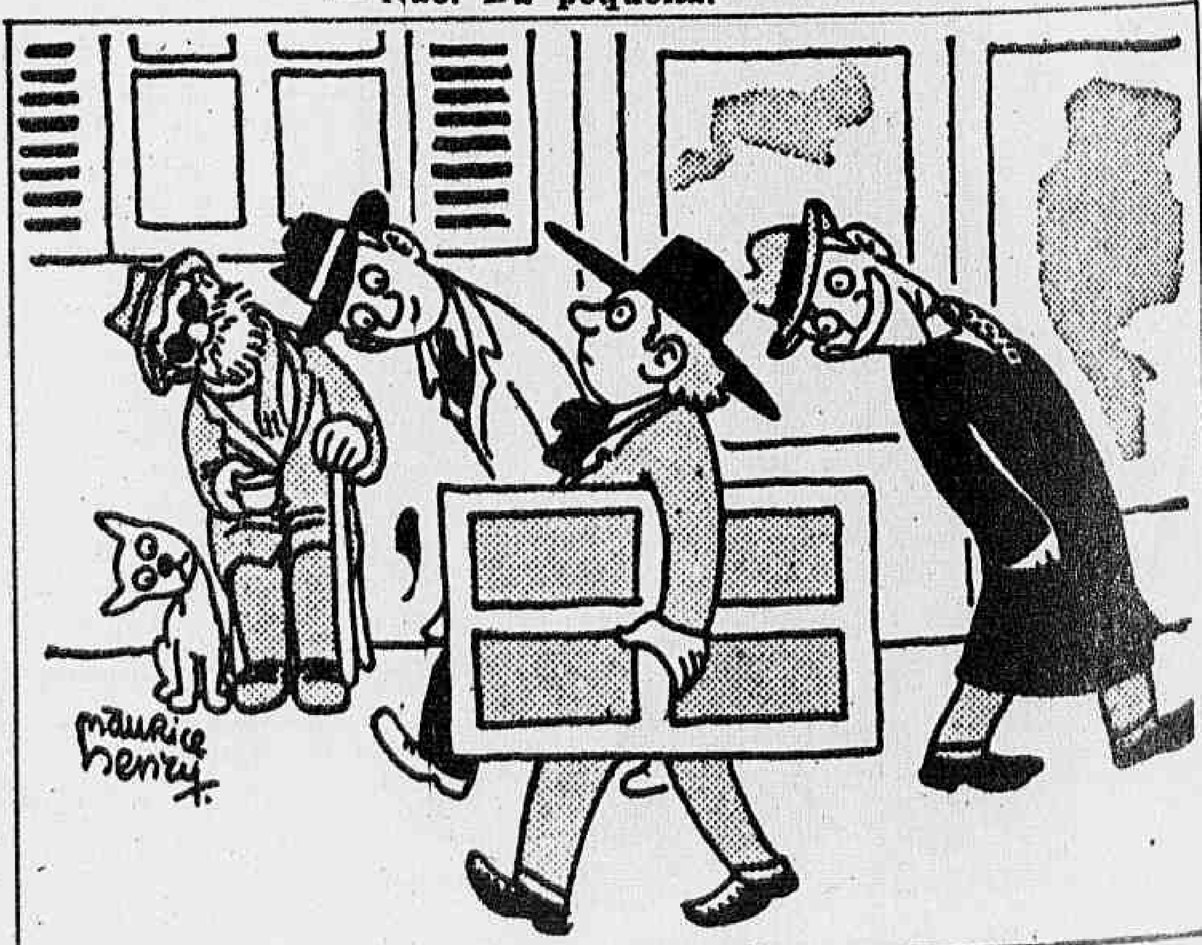
Quando deixará você de trazer lembranças de todos os países por onde anda?



— O senhor sabe o nome?
— Do pintor, senhor ministro?
— Não. Da pequena.



Depois que tiver feito sua jogada, me acorde, tá bem?



Sem palavras



"A vida a dois é uma experiência perigosa e frequentemente fatal"

ENTRE as numerosas esposas — tôdas legítimas — que têm enchido com a sua ternura e a sua graça a vida de Sacha Guitry, uma das mais interessantes foi Genevieve de Sereville. Um dia Sacha descobriu-a. Levou-a para o teatro. Casaram-se. Mas um dia também chegou a vez de Genevieve tomar o mesmo rumo de Charlotte Lyses, Yvone Printemps e Jacqueline Delubac, as esposas precedentes do autor de "Beaumarchais". Eles se separaram e Sacha já se acha hoje casado, pela quinta vez, com Lana Marconi.

Recentemente um jornalista perguntou a Genevieve sua opinião acerca do casamento. Ela respondeu:

— Por natureza, sou contrária, ao ma-

(CONCLUE NA PÁGINA 72)



Sacha Guitry de quem a linda e encantadora Genevieve de Sereville foi a quarta espôsa, predecessora da atual, que se chama Lana Turner

A QUARTA ESPOSA DE SACHA GUITRY FAZ AS SUAS CONFIDENCIAS

GENEVIEVE DE SEREVILLE E' CONTRÁRIA AO CASAMENTO, MAS CONFESSA QUE DEPOIS DE SACHA NÃO PODE MAIS AMAR A NENHUM OUTRO HOMEM



"Sacha foi o único homem a quem amei verdadeiramente"



"Não acredito em beleza de homem. Isto é uma coisa secundária"



ELIZABETH II, A SETIMA MULHER NO TRONO INGLES

De M. RODRIGUES PINHO

POR fôrça da morte de Jorge VI e quando ainda se encontrava em viagem de recreio a cêrca de quatro mil milhas de distância da velha Londres, Elizabeth II se viu rainha da Comunidade Britânica, subindo, assim, ao trono de seu augusto pai. Com a morte de seu rei, festejado e querido pelo povo britânico, assistiu-se à Inglaterra viver como que um momento bem grave da sua maravilhosa História, tão grave que ela mesma se viu compelida a encarar de frente e aceitar, com aquele seu bom humor e frieza de espírito, sobretudo com muita serenidade, as maiores responsabilidades de sua vida; não se deixou trair por um possível pensamento derrotista, nem alterou as suas próprias feições e bateu-se com a adversidade, com o mesmo espírito que lhe outorgou o título de rainha das Democracias, cujo paladino, Winston Churchill, parece viver, como nenhum outro,, aquela estupenda frase de Taine, dirigida, por uma bonita manhã de sol inglês, a Shakespeare: "O inglês, como as bóias, nunca vai ao fundo, mesmo quando o mar é mais bravo e furibundo". Jamais a Inglaterra, em suas lutas, quer as internas quer as de caráter externo, se deixou levar por ilusões ou fantasias e tôda a sua política de conquista se arrastou, sempre, para assegurar o seu próprio viver, num arquipélago universal, a ponto de, tal qual Dom Quixote — êsse maravilhoso aventureiro, que fazia, em suas próprias aventuras a busca do princípio da razão de ser da Humanidade em face do amor e da exaltação, à cavalaria — não se deixar levar pelo fantástico da luta contra moinhos de vento.

E essa mesma Inglaterra da Home Fleet teve o mais nobre comportamento ao ser colhida pela morte serena e suave de seu querido rei Jorge VI. Inclinou-se, no mais grave gesto de respeito e de saudade, e deixou-se banhar pelas lágrimas mais piedosas. E como o refrão é certo quando diz que, rei morto, rei pôsto, de imediato, fez subir ao trono a bela Elizabeth II, como uma flor mimosa da mais alta aristocracia inglêsa. E pronto. Lá vemos, agora, êsse ramo novo — conta apenas vinte e sete anos a nova rainha — a defender e a impôr a dignidade soberana do soberano povo inglês. Sempre foi do gosto — e porque não se dizer — da máxima preocupação de Jorge VI, fazer da sua mimosa Elizabeth uma mulher capaz de seguir seus passos, ao suceder-lhe, e seguir seus exemplos no trono da terra-berço das Democracias, para que ela se afirmasse, antes de mais nada, "leal servidora do seu povo". Não era por menos que Elizabeth constituia uma preocupação constante do rei seu pai; também dos amigos mais chegados à Família Real. Por isso, quando em passeio com sua irmã mais velha, era hábito desses amigos exclamarem: "lá vem o cardo e a rosa". Sim, o cardo sendo a irmã e a rosa sendo Elizabeth, a futura e linda rainha. Nem o luto nos corações e nem a melancolia da alma, lembrando, possivelmente, a própria melancolia dos personagens de Ossian, haveria de provocar, na velha Inglaterra, gritos e afrontamentos ou clamores de revolta, apenas porque a Morte, com as garras aduncas, lhe roubara o rei querido. Talvez a certeza da existência de Elizabeth, preparada, já, para suceder ao próprio pai, tranquilizasse, um pouco a velha Albion, tanto mais que a nova rainha já dera a conhecer ao seu povo o espírito que a animava, quando afirmou que a sua vida, "longa ou curta, seria tôda ela dedicada e consagrada ao vosso serviço e ao da grande família a que pertencemos todos". Isso, ela o disse no dia em que completara seus vinte e um anos! E, certamente, agora, que ela vem de ser oficialmente coroada rainha, embora o crepe a cobrir-lhe o coração de filha, o povo inglês estremece-a junto de si e exclama: "God save the Queen!".

E com Elizabeth II a Inglaterra conta a sétima mulher que tem assento no trono de marfim e ouro da Grã-Bretanha, tendo as seis anteriores sido a formosa Jeane Grey, Maria Tudor, Elizabeth I, Maria II, Ana Stuart, Vitória I, tendo esta se afirmado como a imperatriz das Indias e a maior soberana da Europa. Amou com verdadeira loucura seu marido, o famoso príncipe Alberto. Por isso, a época da rainha Vitoria foi a mais alta da Grã Bretanha. E agora, ninguém melhor que Elizabeth II para afirmar que a Inglaterra, longe de encarnar o poema hamletiano, construiu-se a si mesma e, de experiência em experiência, atingiu a noção exata da própria realidade, não precisando recorrer às iluminuras do Espírito para sair de uma possível nuvem metafísica, isto é, do "Ser ou não ser".

Confia no seu futuro e robustece a confiança no seu próprio destino, o destino de um povo sadio e forte e que não será capaz de entregar-se quando os acontecimentos lhe são contrários. E' confiante e robustecida, também, que a nova rainha percorre, já agora, a estrada mais luminosa do estupendo dever patriótico. E dizemos, então, seguindo o próprio inglês: "God save the Queen!".



Os desajustamentos na felicidade do casal

UMA PALESTRA COM NELSON DE SOUZA CARNEIRO, O AUTOR DE «O CULPADO FOI VOCÊ»

REPORTAGEM DE RADIANCE COSTA
ESPECIAL PARA CARIOCA

Há problemas na organização social de cada povo que, pendendo de solução imperativa, encontram obstáculos na religiosidade e nos preconceitos presos às bases de sua instituição tradicional.

O divórcio na atualidade da família brasileira, pela religiosidade de sua constituição, se afigura a um dêsses teorêmas logarítimicos. Não obstante os poucos dias de existência, na comunidade social, tenho, experimentalmente, acompanhado, em seus vários aspectos, o crescente das desuniões, dos desencontros e das separações conjugais, na proporção geométrica do progresso e da civilização.

As causas se multiplicam, procurando encontrar justificativa na incompatibilidade de gênio, na má conduta de uma das partes, na ausência completa de afinidade, na diferença de nível de fidalguia, educacional e até econômico.

E estas meditações no complexo de fatos e de experiências, sôbre o momentoso assunto, ora em evidência no cenário brasileiro, conduziram-me, sob impulsos, espiritual e patriótico, a procurar entendidos na questão social e jurídica do divórcio, como remédio para essa periclitante situação da família e da sociedade.

No Congresso Nacional e na Imprensa do Brasil, prescrevendo a instituição diréta ou indireta daquêle remédio para o mal das uniões ilegais que se amiudam, apresenta-se como pioneiro, revelando brilhantismo e devotamento na defesa da causa, o deputado Nelson Carneiro. Tive a felicidade de avistar-me com o nobre parlamentar e ouvir-lhe a palavra fluênte, para afastar dúvidas e elucidar pontos que me vêm saturando a alma de brasileira nêsse sentido.



O deputado, jornalista e escritor Nelson de Souza Carneiro em sua mesa de trabalho

Dois projetos da iniciativa do Sr. Nelson Carneiro agitam a Câmara Federal e apaixonam, de norte a sul, a opinião pública do país. São os chamados projetos do divórcio. E o seu autor, não contente com a tribuna parlamentar, os debates públicos, o rádio, a televisão, as conferências, lançou mão do teatro e, através de uma divertida comédia, «O Culpado foi Você», que obteve grande êxito artístico, levou às camadas populares a sua tese. No Palácio Tiradentes, encontrou grandes vozes a seu lado, como os Srs. Vieira de Melo, Nestor Duarte, Oswaldo Orico, Menotti del Picchia, Vieira Lins e a senhorita Ivete Vargas. Entre seus adversários, figuram em primeiro plano os padres Arruda Câmara, Medeiros Neto e Ponciano dos Santos, além

(CONCLUE NA PÁGINA 79)



Radiance Costa em palestra com o autor de «O culpado foi você»

DIARIO DE VIAGEM

LEONOR TELLES

NOS DOCES CAMPOS DA FRANÇA...

20 de setembro — Irun é a última parada, na Espanha. Aqui nos demoraremos o tempo suficiente para a revista alfandegária e uma pequena refeição, atravessando, em seguida, a fronteira em direção à França. Mais uma vez, tenho oportunidade de verificar a gentileza dos espanhóis e, sòmente como ilustração, reproduzo um diálogo êntre guardas da alfândega e uma passageira do trem.

— La espera su novio en Brazil?

— No, no tengo novio.

— No lo creo en España teria Ud. uns diez...

— Usted és muy gentil...

— No, procuro una novia brasileña, a mi me gusta mucho las brasileñas. Consigame usted trabajo en Rio de Janeiro e yo me iré en seguida.

E aí está o que se chama um «piropo» em espanhol.

Uma campainha sôa, chamando os pssageiros para o trem. A última etapa do expresso espanhol. Já todos acomodados, acenamos adeus para Irun, e atravessamos curiosos a fronteira. Em meia hora, estaremos na França e Hendaye será o ponto de partida.

—***—

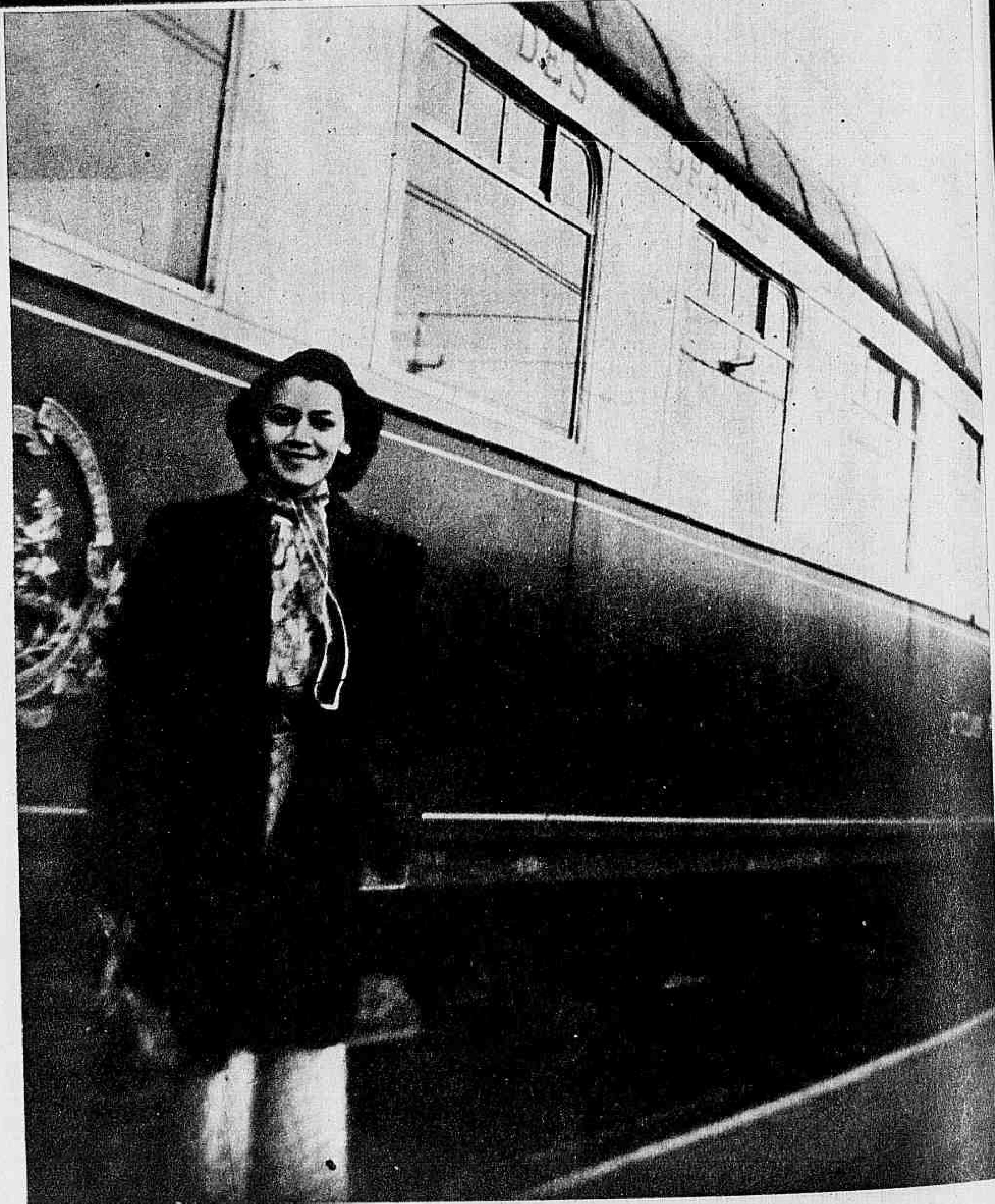
Hendaye. Solo francês, a expectativa de ouvir o idioma falado na sua terra de origem. O movimento é grande. A estação imensa e repleta de trens. Vamos agora mudar de comboio — o expresso de París nos espera, do lado esquerdo, e os carregadores se precipitam para o transporte das bagagens dentro do Armazém da Alfândega, para a revista, inspeção, e declaração das moedas em trânsito. Só depois de preenchidas estas formalidades, poderemos transportar as malas para o expresso.

Há uma fila enorme e, enquanto espero, leio nas taboletas da estação as indicações para outras cidades da França, inclusive Lourdes, a cidade que atrai milhares e milhares de peregrinos, de todas as partes do mundo. É uma pena que eu não possa ir até lá: a Wagons-Lits não incluiu Lourdes no meu roteiro.

Então ouço alguém dirigir-se a mim, em francês, indagando de minhas malas. São os irrepreensíveis guardas da duana, que muito gentilmente abrem a minha bagagem indagando se levo algum objeto sob direito; ante a resposta negativa, traçam círculos à giz nas malas, e os carregadores já as transportam para o trem. Agora, no guichet para declaração de moedas, exibo meu passaporte e êles anotam as importâncias, em escudos, cruzeiros, pesetas e

(CONCLUE NA PÁGINA 77)

Minha bagagem foi ràpidamente desembaraçada; dou umas voltas pela estação, compro umas revistas e jornais e, com os meus companheiros de viagem, entro no bar para uma ligeira refeição. Tenho ocasião de experimentar o tempêro da terra e provar um delicioso vinho. O ambiente é tão perfeitamente idêntico àquêle já descrito em romances espanhóis, que tenho a impressão de estar revendo, em tintas animadas, aquêlas páginas que só existiam na minha fantasia. Minhas companheiras acham-me um tanto sonhadora, porque estou sempre observando, procurando gravar o máximo as coisas que vejo, e colhendo informações, pontos de vista, etc. Soube assim várias coisas sôbre a Espanha, seu govêrno, a maneira de viver. Muita gente sonha imigrar para o Brasil, — o país da liberdade, como me disse um espanhol, — mas a exigências e formalidades são um sério obstáculo à concretização daquêle sonho. Ainda em Irun, tenho oportunidade de distribuir uma linda coleção de postais das cidades brasileiras, a algumas pessoas que me solicitaram, e sinto uma alegria indescritível ao ouvir suas exclamações de admiração, ante as vistas do Pão de Açúcar, Copacabana, a Baia de Guanabara, os arranha-céus de São Paulo, as pontes iluminadas de Recife, o magnífico traçado de Belo Horizonte, o lindo rio Guayba em Porto Alegre, as jangadas de Fortaleza, e outros pontos do nosso Brasil.



Leonor Teles a caminho de París

A PROPOSITO DE UM ROMANCE

(Conclusão)

HILDON ROCHA



Albert Camus, o romancista de "A Peste"

Uma das maiores insuficiências de "Memórais de Lázaro", talvez a única que nos prepare para a descoberta das demais, é o hiato quase intransponível entre o enrêdo do livro e a atenção do leitor. Hiato, a que melhor chamarei de abismo, porque, na realidade, a **história** não logra mobilizar nosso interêsse.

Neste ponto, quero reconhecer a existência do fato intrigante e paradoxal que é o de se ler às vêzes com prazer e disposição um romance vulgar e superficial, e a mesma coisa prontamente não suceder com um romance de alto valor artístico e humano. Com "A Peste", de Albert Camus, isso acontece até certo ponto da obra, e só um digno esfôrço da inteligência nos leva para a frente, onde iremos descobrir a grandeza daquele livro.

Se o trabalho de Adonias Filho se aprisiona obstinadamente ao macabro e ao trágico, em cujo clima as cenas mais brutais se concretizam, — por que não nos consegue arrebatar? Por que não nos empolga pelo menos por êsse aspecto, ao qual alguma coisa inexplicável e negativa em nossa natureza não é indiferente? Algumas razões provàvelmente virão se impor como explicação para o fenômeno, menos duas, de certo: em primeiro lugar, a de que o livro não apresente qualidades literárias; e em seguida, a de que do conteúdo dêle não se exale a atmosfera inalienável à ficção.

Qualidades literárias, estas existem, apesar do artificialismo dominante na maior parte da composição. Elas estão visíveis, não obstante o propósito e a insistência com que o romancista tenta subverter a ordem da frase. Não sou dos que repelem a aventura da originalidade na maneira de escrever, mas sempre considerando igualmente importante a noção dos limites. Há uma lógica na sintaxe, e violentá-la demasiado nem sempre resulta favoràvelmente.

Os poetas do passado, sobretudo os clássicos, se valiam do recurso da inversão dos elementos da oração, porém por fôrça das injunções do verso, da rima e, não raro, da estrofe. Na prosa, entretanto, são perniciosos êsses desvios. Sente-se em Adonias Filho a preocupação de ser o escritor de estilo próprio — e isso êle o é, ainda que de modo não definitivo. De vez em quando êle alcança surpreendentes efeitos, o que deixa a vista, de forma ainda a mais perceptível, os momentos mal sucedidos, e são aquêles em que leva ao extremo a subversão da compostura estilística tradicional.

Com os altos e baixos e tôdas as suas irregularidades de concepção e estrutura, o livro mantém os seus instantes de beleza artística e de boa qualidade literária. Páginas se apontam que mereceriam as honras antológicas — o que vale como demonstração cabal de que estamos em face de um verdadeiro escritor. Ou melhor, de um talento criador não apenas de mundos inquietos e inquietantes, mas ainda de formas belas e imperecíveis.

Quanto ao que chamei de atmosfera inalienável à ficção, no livro há e em dose poderosa. Existe sim, porque êle tem poder dramático, dons de ficcionista, capacidade de compreender e captar o drama da alma humana. Não é esquemático e cerebral, como podem supor, mas, ao contrário, bastante impressionável e imaginativo O que penso é que as suas virtualidades de romancista, precisamente por terem sido treinadas um pouco tarde, ainda se encontram em estado embrionário. Desconcduzidas, desordenadas, não domesticadas.

Quase no fim do volume encontraremos a comprovação desta assertiva. O desfêcho da história é uma surprêsa — surprêsa naquele mundo infórme, nebuloso, infixo, em que o escritor encarcerou a sua visão e a sua imaginação, e onde nós, leitores, mal podemos entrever perspectivas. O romancista, pela primeira vez em todo o curso da narrativa, se liberta. Reencontra a humanidade que dêle se havia dissociado, e passa a se locomover em terra firme, no meio de criaturas — humildes, apagadas, de mínima expressão como caracteres, porém sêres reais e humanos. Para trás, os mostrengos do "Vale do Ouro": "Gemar Quinto, o leproso, Roberto, o irmão, Alexandre, o da caverna, os ossos de Rosália, a demente, o vento forte e constante, quase agreste, que impede se ouça na estrada o estalar do chicote, os gritos coléricos, e que deixa como um estigma a sua marca em tudo, na relva como nas pedras, nos pássaros como nas árvores, na terra como nos homens."

O próprio exilado do "Vale do Ouro", antes um indefinível e um indefinido, conquista novos traços e uma posição psicológica mais nítida No meio dos outros personagens, do velho Natanael e da sua pobre área, torna-se um homem aquele que antes se movia em passos de sonâmbulo ou de titere, de bruto com raciocínios lucidíssimos, o que o torna mais inacreditável.

O romancista que habita em Adonias Filho toma a direção dos próprios passos — e nos mostra um melancólico país em estado de precária civilização material e espiritual, porém através de lentes menos fôscas e onde alguma claridade já nos deixa ver as coisas sob contornos menos imprecisos. Através de visualidades reintegradas na paisagem verdadeira de nossa medíocre existência.

NOTAS DE UM CADERNO DE DECORAÇÃO

Regina de Abreu Fialho Sanches

CUIDADO COM OS ESTAMPADOS!

UMA colcha de laços azuis e rosas pálidas, o sofá de ramagens verdes da sala grande, a cortina riscada do bar... o que seria da casa sem estas pequenas notas alegres. Quanta originalidade dão à decoração.

Porém, da mesma forma que completam o ambiente, quando bem usados, podem, pelo contrário, estragar por completo a sala se não se sabe usá-los.

De acôrdo com o tamanho da peça, a luz, o estilo dos móveis etc.... há sempre o estampado apropriado quanto ao colorido, dimensões dos desenhos, estilo, etc....

Qualidade: — Em uma sala moderna, o tecido do estampado deve ser grosso, mais pesado, com ramagens estilizadas ou figuras fora do comum, combinando com o estilo da mobília.

Em um salão francês, os tecidos devem seguir o estilo mais fino; escolha sedas, "faille", brocados leves com desenhos pequenos.

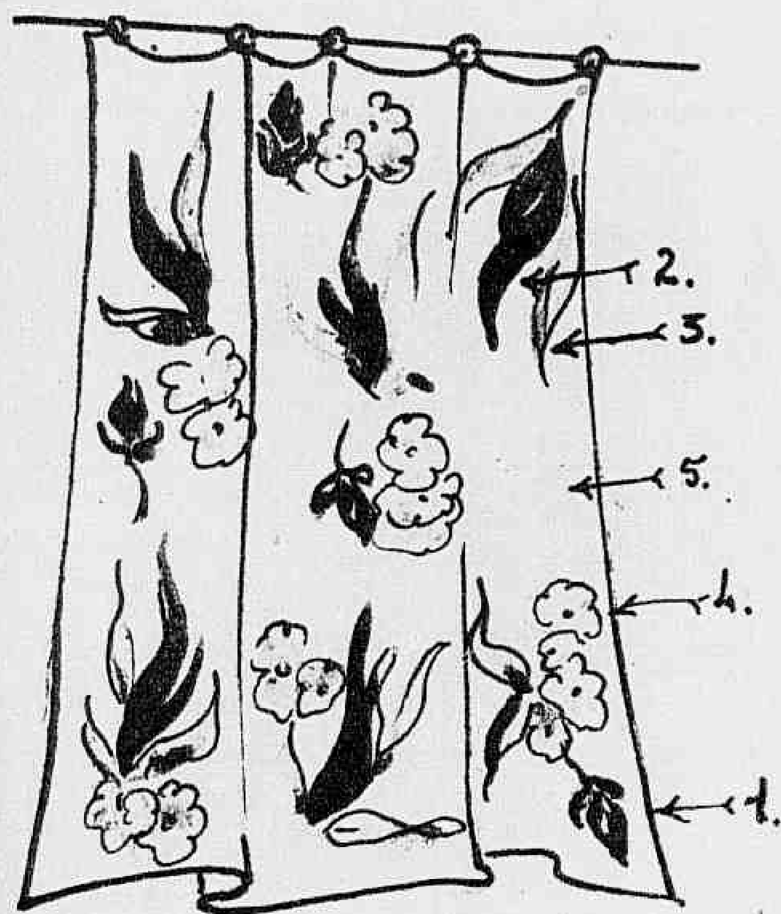
As varandas pedem tecidos floridos; os quartos, estampados delicados de côres mais suaves e assim por diante. Em um quarto pequeno, não se pode forrar o sofá com estampado graúdo, e numa peça mal iluminada, o fundo do tecido florido tem que ser branco ou muito claro.

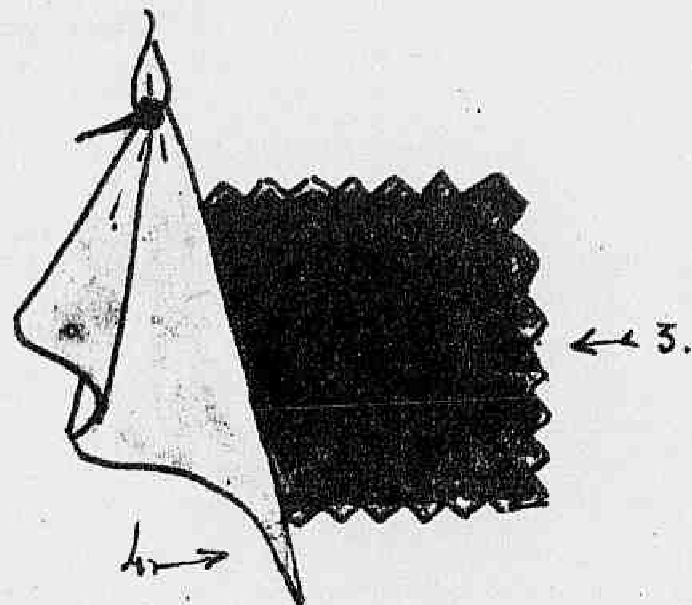
Uma poltrona muito grande forrada com pano liso, parece sempre mais discreta do que recoberta com estampado.

O sofá de quatro lugares só pode ser coberto com tecido desenhado, quando faz parte da decoração de um salão bem grande. Do contrário ficaria pesadíssimo. As cortinas laterais estampadas alegram muito a sala de estar, quando toda a decoração é desmaiada e clara. Porém, diminuem demais a peça se há muita variedade de côres nos outros móveis estofados.

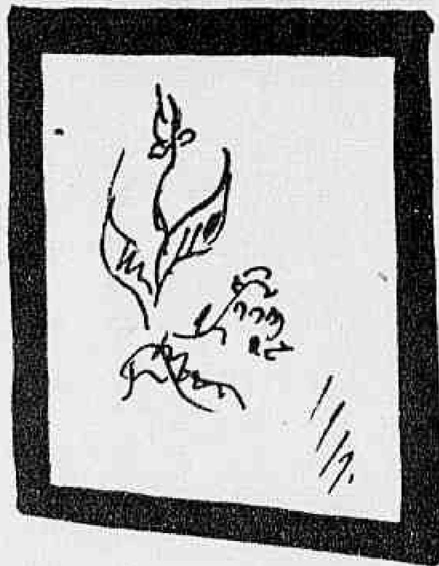
O estampado que se usa em uma peça importante da sala, serve como ponto de partida para tôda a combinação de côres da decoração. Tira-se de seu colorido uma tonalidade desbotada para as paredes, uma côr neutra escura para o tapete, outra mais viva para uma poltrona ou duas, e enfim o tom forte, que aparecerá só nos detalhes. Um exemplo completo: estampado de flores, com um fundo amarelo claro; folhas em dois tons de verde, sendo um escuro e outro suave; umas flores grandes em cinza e uns botões de rosa em vermelho escuro (grená). Paredes: amarelo bem claro. O tapete forrando o chão todo, se possivel, verde garrafa no tom mais escuro das folhas.

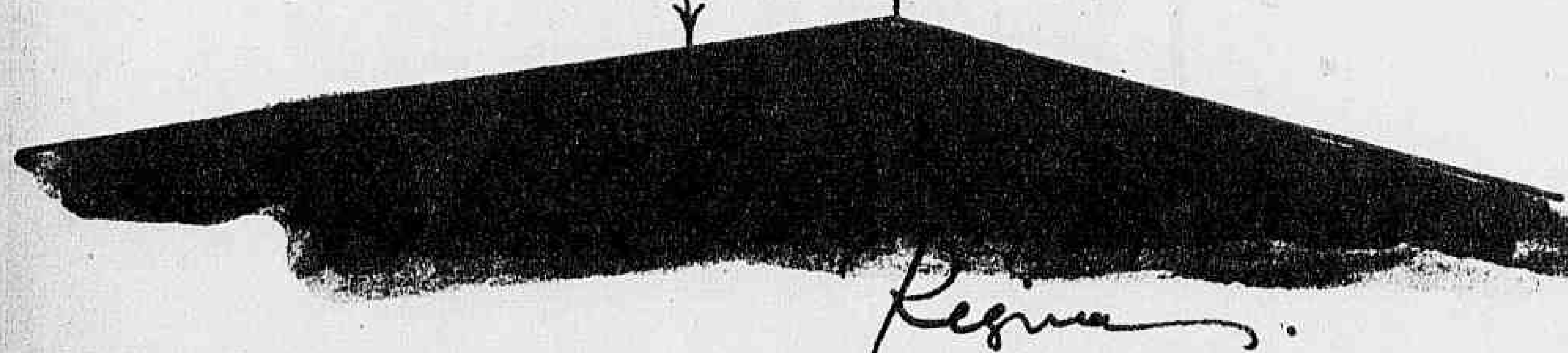
Duas pequenas poltronas forradas com tecido cinzento. (Tonalidade bem marcada). A "bergère" do canto da sala no tom mais claro do verde. As almofadas das cadeiras de jantar e um "abat-jour" na côr viva dos botões de rosa (vermelho). A decoração é alegre e muito harmoniosa. Foi fácil planejar êste colorido, com uns cinco minutos de observação do estampado. Procure fazer o mesmo partindo do tecido de seu sofá ou das cortinas de seu "living". Conserve a ordem certa na distribuição das tonalidades e lembre-se sempre de que deve haver uma côr clara nas áreas maiores. Uma escura, outra muito intensa e viva, outra neutra ou desbotada.











1. Molduras - bem vermelhas - (vivo) Botões de rosa.
2. Tapete - Verde escuro. Folhas + escuras.
3. 1 poltrona - verde + claro. Folhas + claras.
4. Cinza. 2 poltronas - Côr das Flôres.
5. Amarelo claro do Fundo - Paredes.

• —— x —— •

Pelas ruas tortuosas, ladeiras, becos acanhados, enfim, pela aparência contorcida de cidade colonial, Vila Rica, hoje Ouro Preto, lembra um organismo geográfico tal como a estrutura física do Aleijadinho.

Assim, a formação do escultor, mais do que a de qualquer outro anterior ou posterior, sofreria, a par do que seu trágico destino, a influência do meio ambiente.

Neste sentido, se há uma obra que expresse a sua procedência humana e territorial, esta é a de Antonio Francisco Lisboa.

Analisando seus ressentimentos transmitidos, como verificaremos, vingativamente às suas esculturas, teremos uma medida, senão exata, proporcional da sua alma. Juntando essa medida ao meio em que surgira e vivera o artista, obteremos conhecimentos vantajosos na reconstituição biográfica e psíquica que nos propomos.

O Aleijadinho — digamos desde logo — "aleijava" o que talhava ou esculpia por vingança, alheia, muitas vezes, à sua vontade consciente. Casos houvera, entretanto, em que a intenção vingativa transparecera nitidamente. Entre este, salientamos o de São Jorge, que se encontra na Matriz de Ouro Preto, onde se percebe, nas feições do santo, traços caricaturais de José Romão, ajudante de ordem do general D. Bernardo José de Lorena. Relatam alguns biógrafos que esta vingança proviera da descortês atitude daquele militar ao escarnecer do escultor mencionando a fealdade do seu físico.

Desprezado, humilhado, Antonio Francisco Lisboa permitiria, então, que o Aleijadinho desforrasse máguas íntimas. E esta desforra atingiria, no ímpeto da criação, não só aos homens como também aos santos numa explosão de revolta, nesta altura, inconsciente.

Corroído pela lepra, abatido antes disso pela inferioridade da sua condição de filho bastardo e, sobretudo, amesquinhado pelas constantes alusões à sua côr parda, refugiaria-se na arte, êsse escudo das almas feridas. E, como um gladiador, da forma grotesca tanto quanto comovente, atirar-se-ia à sua escultura.

O resultado desta luta interior aí está enfrentando os séculos como um grito de dor e gênio nos umbrais das igrejas, nos oratórios, em suma, onde a inquietação humana procura paz e tranquilidade para sua perene angústia.



Lavabo da Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, trabalho do Aleijadinho

ARTE, POVO E ELITE

H. PEREIRA DA SILVA

(X)

Irônica fatalidade! A calma de espírito — momentânea que fôsse — aquele que iria, com sua contribuição artística, proporcioná-la a tantas criaturas descuidadas do sofrimento contido na deformação escultórica ante a qual dobrariam os joelhos, não em reverência à arte, mas unicamente ao significado religioso, jamais a conhecera.

O Aleijadinho não poderia — portador que fôra de um destino inclemente — legar-nos um protesto de revolta mais humana do que a de estender à divindade sua vingança sublimada.

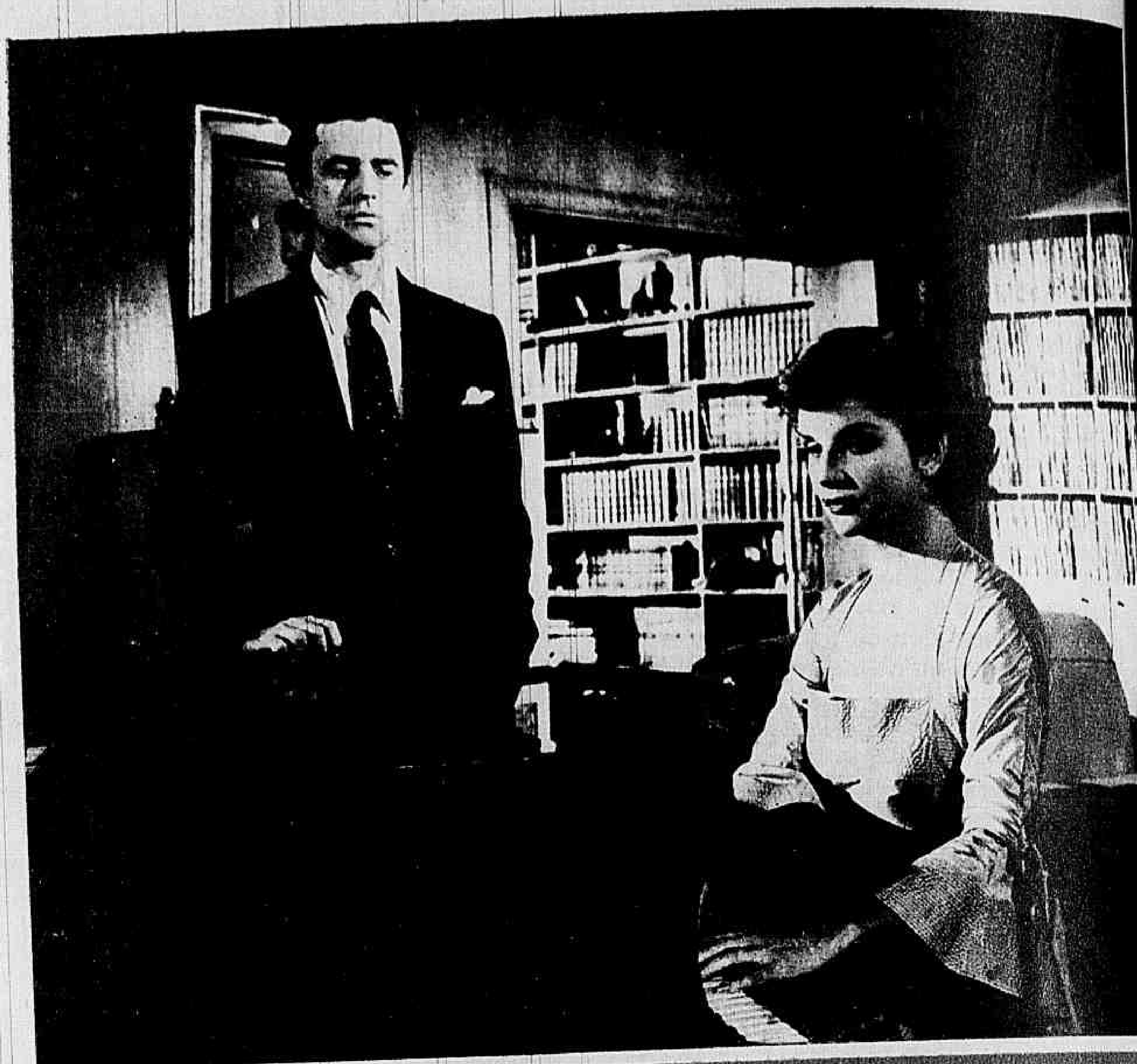
A darmos crédito à informação de que aos quarenta e sete anos contraira o artsta o mal de Hansen, trinta e sete longos e penosos anos suportara êle uma vida de apodrecimento gradativo. Não fôra a purificação paralela do seu espírito, convertendo em obras primas o que a terrível moléstia aos homens comuns não concede, sua arte seria somente "aleijada".

Não dispomos de dados precisos, irrefutáveis, que nos assegurem uma prova de que antes da moléstia o Aleijadinho deformasse suas estátuas. Em réplica, também não dispomos de dados contrários a não ser um Cristo talhado dentro da mais perfeita manifestação anatômica, destoando do conjunto de sua obra. Tudo leva a crer que êsse Cristo, tão antagônico tecnicamente aos profetas conhecidos, fôsse trabalhado quando seu estado de saúde ainda não fôra afetado.

(CONCLUE NA PÁGINA 79)

7ª ARTE

POR VAN JAFA



Alberto Ruschel e Tonia Carrero em "Apassionata"



Elena Varzi, uma beleza sublunar

"Cristo proibido"

(Il Cristo proibito) Apresentação Art Filmes — Direção de Curzio Malaparte — Lançado na linha do Art Palacio.

Assim como Jean Cocteau, maior que a sua contribuição e mensagem, Curzio Malaparte deve ser aplaudido pela sua presença na sétima arte. E' a presença do intelectual no cinema, como uma fonte renovadora de valores e sensibilidades, mesmo a despeito de suas deficiências iniciais, que com o tempo serão, por certo, superadas pela prática. Há, e não podia deixar de haver, ainda muita palavra, onde só devia existir a "palavra" da imagem, do gesto, da expressão, daquilo que prescinde a palavra falada ou escrita. Mas, e talvez exatamente por isso mesmo, nesses defeitos que se denunciam aos olhos de todo mundo, é que a fita do autor do memorável "Kaput" deve ser analisada. E indagamos: — que têm feito aqueles que só se dedicam ao cinema? Quase nada, essa é a verdade. Nada senão imprimirem no celulóide uma história destituida de qualquer inspiração para atender à grande freguesia cinematográfica de tôdas as latitudes. Às vezes, e quantas!, essas fitas nem sequer mantêm o respeito e a dignidade técnica, que ao menos deviam obrigatoriamente ter. Assim, vamos ver sem partidarismo provinciano o que de "novo", sob o sol dos refletores, Malaparte trouxe no seu primeiro experimento em linguagem cinematográfica.

"Cristo proibido" não é uma obra prima, e está longe disso. Independente dêsse ângulo pretensioso, a fita possui outros dignos de atenção. Malaparte é, e não podia deixar de ser, um esteta.

Assim como Cocteau, sem termos de comparação pretensiosa, Malaparte é um apaixonado pela figura humana. Sente-se visivelmente uma preocupação estética na enquadração das imagens e também uma insistência da câmera em certos detalhes da figura humana, notadamente as mãos, a boca, os cabelos etc. Malaparte procurou na história contemporânea, produto da última guerra mundial, em singular paralelismo com uma outra história que aconteceu precisamente há vinte séculos, sugerir uma nova interpretação do cristianismo. De outro modo conseguiu seu intento, porque a pergunta fica dentro de nós. Entretanto, Malaparte se perde muito num exaustivo prólogo, em que as cenas são muito estendidas, consequentemente cansativas. E há coisas soltas, como a figura daquele pai paralítico sem autêntica função na história e desaparecido com o primeiro plano, que é dado a figura da mãe que, inexplicavelmente, foi entregue a uma artista que não defende o seu grande papel. A mãe é uma das maiores criações do cristianismo e tem sempre um papel fecundantemente místico, traço de ligação dos mais fortes. Malaparte errou quando escolheu aquela artista e ainda mais quando a sua direção não atua sôbre ela. Raf Vallone, que é uma edição italiana de Burt Lancaster, "rouba" as honras da fita totalmente. Gino Cervi tem uma ponta. Alain Cuny comparece no mestre Antonio. Elena Varzi, um tipo de beleza sublunar. A direção de Malaparte carece ainda de certos requisitos cinemáticos que imprimem a fitas dêsse gênero, um valor e uma profundidade maiores. A música de Malaparte é nula ou quase nenhuma, com exceção de uma sequência idílica onde a música é usada com precisão. Fotograficamente não existe nada de extraordinário, apesar da preocupação estética de enquadração. Sou contra aquêle prólogo falado e muitas outras coisas mais. Mesmo assim deve-se ver "Cristo proibido", que, apesar de ser realizado por um iniciado na sétima arte, tem coisas de veterano. Em verdade, não é "aquilo" que eu esperava que fosse, forte, apaixonado, irritantemente humano, revolucionário, mas também não é "aquilo" que certos críticos, domesticados pela produção norte-americana, acharam.

"O grande Caruso"

(The great Caruso) Metro Goldwyn Mayer — Direção de Richard Thorpe — Lançado na linha dos Metro.

A pedido não se sabe de quem, talvez de algum espírito santo misterioso, é reapresentada a biografia de Caruso, que na apresentação da fita avisa: "qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência".

Meu Deus, que mal eu fiz à Metro para merecer tal castigo?!

"O gênio no asilo"

(Mr. Belvedere rings the bell) 20th Century Fox — Direção de Henry Koster. Lançado na linha do São Luiz.

Encontrei o meu amigo doutor Aloysio Fragoso, que me assaltou com a seguinte frase — "vá ver "O gênio no asilo", não como crítico, mas como gente que sente, que vibra, que ama a vida". Assim fiz. Fui. E' evidente que não necessito de recomendação para assistir Clifton Webb, nem tão pouco Clifton Webb necessita que seja indicado. Tenho pelo meu amigo. Clifton Webb uma dessas paixões que me fariam ir a Madureira exclusivamente para vê-lo. E sem dúvida que, quando vou ver uma fita de Clifton Webb, somente vou para assistí-lo. Mas "O gênio no asilo" é uma barbaridade dessas que Hollywood comete a sangue frio. Encaixaram à fôrça o delicioso personagem Mister Belvedere numa pecinha cretina. Tudo é muito pobre, muito sórdido e em absoluto contraste com a tese que é pretendida. Sem dúvida que a velhice ou a mocidade é um estado d'alma, interdependente da verdade fisiológica. Há adolescentes com atitudes e reações de sexagenários, como existem sexagenários radiosos mentalmente. A tese é bela e em parte de autenticidade comprovada. Mas aquele asilo sujo e mal cuidado, sem arestas de sonho, nem coisa alguma, só serve para um pastor e uma moça dedicada brincarem de amor. Clifton Webb salva-se disso tudo pela tangente, com meia dúzia de "gags" inteligentes. De resto tudo é muito pobre de intenções e falho como realização cinematográfica. Henry Koster, o responsável pelo "Meu amigo Harvey", nada pôde fazer, nem ninguém poderia. Sabedor, como sou, de que o meu ami-

(CONCLUE NA PÁGINA 72)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL



Jardel Filho, visto pelo lapis de Josémir, inspirado numa foto de Rosenbauer

NOVIDADES, BOATOS E MEXERICOS DE HOLLYWOOD

Por MARIA GERTRUDES

A história de Hollywood acaba de registrar o seu maior incêndio, O fogo, cuja causa ninguém conseguiu determinar, destruiu o maior «palco» dos estúdios da Warner Bros e os prejuizos atingem a $ 1,500,000! A parte dos estúdios atingida representava uma seção da cidade de Nova Iorque, medindo 120 pés de largura por 320 de comprimento e atingindo a altura de sete andares. Os bombeiros, locais e convocados das cidades mais próximas, foram grandemente auxiliados pelo pessoal da Warner, que, sem distinção de posição, se lançou ardorosamente ao trabalho de salvamento. Burt Lancaster, Ray Bolger, Steve Cochran, Gordon MacRae foram dos que mais se distinguiram na luta contra as chamas e até o próprio vice-presidente Jack Warner andou a correr e a carregar material tentando diminuir, o mais possível, o grande prejuizo. A ação devastadora do fogo destruiu, em três horas, três acres de edifícios e equipamento precioso.

—***—

Decididamente tudo anda bem entre Lana Turner e Leo. É essa pelo menos a impressão que nos dá a notícia de que a Metro deu permissão à estrêla para que, findo o trabalho que desempenha atualmente em dois filmes dessa companhia, tire prolongadas férias. Brevemente teremos em terras cariocas a sedutora atriz que aqui filmará algumas cenas de «Amantes Latinos», partindo logo depois para a Argentina, onde irá conhecer a família de Fernando Lamas com quem, segundo dizem, se casará. Do nosso continente, Lana irá diretamente para a Europa onde pretende passar o Natal. Acompanhará Lana nas sus férias sua filhinha Cheryl.

—***—

Eis aqui uma interessante notícia que nos chega de Moscou: os mais populares filmes estrangeiros já exibidos na capital vermelha são, sem contestação, «Tarzan» e «Tarzan no Oeste». Precedendo, porém, a apresentação dessas fitas os exibidores soviéticos explicam à audiência que:

— Tarzan foi abandonado na Africa quando pequenino e criado pelos macacos sem o «menor contacto com a perniciosa influência burguesa americana ou inglesa».

—***—

A crescente popularidade de Dale Robetson está preocupando bastante os seus companheiros da 20th Century-Fox... Pode-se medir a sua cotação com o público pelo resultado da estatística recentemente publicada pelo estúdio. Dale, um desconhecido não há muito, ocupa agora o segundo lugar na correspondência dos fãs, «ensandwichado» entre Betty Grable, em primeiro, e Jeanne Crain em segundo. Que homem de sorte não acham?

—***—

Os estúdios pensarão duas vezes, no mínimo, antes de filmarem a biografia de um personagem célebre que tenha parentes vivos. Vejam só o que aconteceu com a Metro que anda às voltas com um processo que lhe foi movido, na Itália, pelos parentes de Enrico Caruso que alegam que o filme «O Grande de Caruso» foi feito sem que fossem consultados. Um neto do famoso cantor chegou mesmo a declarar que Mário Lanza é um principiante cuja voz é digna de ser comparada a do «Grande Caruso»... A história de Valentino também está dando «pano para mangas». A irmã e o irmão do ator estão questionando com o estúdio por várias razões.

—o*o—

Eddie Anhalt teve, há pouco, a prova cabal que por mais realista que se seja é impossível contentar todo mundo. Logo depois de ser apresentado ao público «My Six Convicts», Eddie recebeu uma carta de um fã declarando que na opinião dele, o filme não era muito convincente por que as cenas passadas na prisão eram «elaboradas» demais para serem críveis.

Ora, acontece que sendo um apaixonado da realidade Anhalt filmou quase que toda a fita dentro da própria Penitenciária de San Quentin! As cenas consideradas irreais tiveram o seu «cenário» construido pelo govêrno da Califórnia.

—o*o—

Chega a Hollywood mais uma «importação» européia. Trata-se de atriz espanhola Maria Rosa Salgado que Alexander Paal conheceu no Velho Continente e imeditamente contratou. O primeiro papel que Maria Rosa desempenhará para o cinema americano será o que fora destinado a Ava Gardner em «Sombrero», tendo sido para êsse fim cedida aos estúdios da Metro.



Oleo Loção Brilhantina

Phenomeno TARRÉ

3 Produtos indispensaveis para ONDULAR FORTIFICAR E FIXAR os cabelos

PERFUMARIA TARRÉ
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO-60 – RIO

ESTUDE

Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Gratis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.

CAIXA POSTAL, 5.215 – SÃO PAULO

CARTEIRINHAS DE COURO



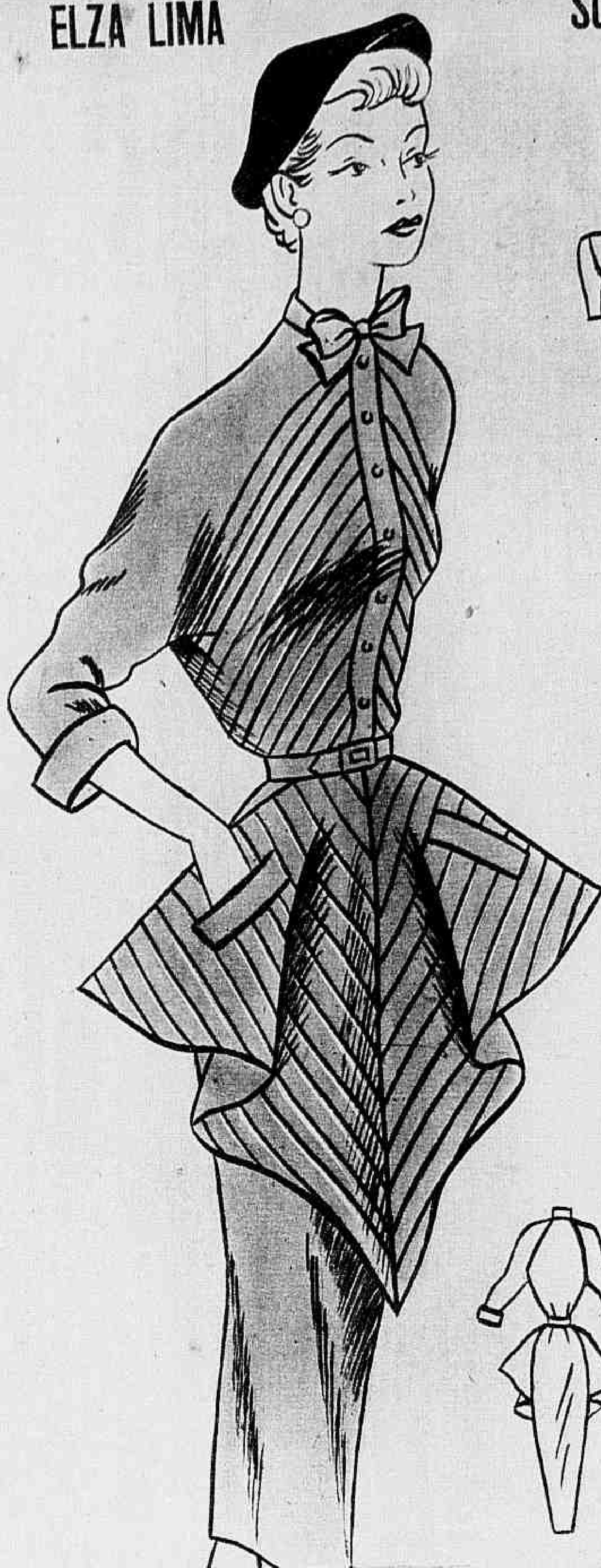


para Sindicatos, Associações, Clubes, Colégios, etc. Pedidos para o interior
Quantidade mínima até 100 carteirinhas
pelo REEMBOLSO POSTAL, a
G. MATTOS
Av. Presidente Vargas, 986 — Sob.
Caixa Postal 4848 - Tel. 23-5098 — Rio
Representante em Belo Horizonte
JOSÉ GONÇALVES DE SOUZA
R. Espírito Santo, 480-1.º And. S. 2.

SONIA MARIA



ELZA LIMA



SONHADORA DO SUL





RESPOSTAS ÀS LEITORAS

SONIA MARIA — Campos. Esse figurino destaca-se pela originalidade da gola e aba do casaco. Os botões são recobertos. Vejamos o estudo. Caráter generoso e leal. E' conveniente, porém, não confiar cegamente nos outros, para não ser prejudicada nos seus interêsses. Bastante inteligente, poderá vencer se dominar a impulsividade. Há um certo perigo de perder os bens por falta de reflexão ou persistência. Terá uma vida muito agitada, bem como as fadigas podem prejudicar-lhe o sistema nervoso. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 24 de julho e 23 de agôsto, 23 de novembro e 21 de dezembro, 21 de janeiro e 19 de fevereiro.

ELZA LIMA — Guaratinguetá. Escolhi êsse elegante modêlo para a sua fazenda. A frente da blusa e o avental da frente da saia são trabalhados em nervuras. A saia bem justa e os botões são recobertos. Horóscopo: Você é dotada de espírito metódico, prático. Vontade firme, aliada a uma inteligência construtora. Raciocínio rápido e eficiente. Saberá aos poucos ir garantindo o seu futuro, pois tem senso econômico. Por esfôrço próprio conseguirá vencer na vida. Deveria dedicar-se ao magistério. E' possivel, também que faça um casamento feliz. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro, 22 de junho e 23 de agôsto, 22 de abril e 21 de maio, 24 de outubro e 22 de novembro.

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a MARION. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7.

Queira juntar aos pedidos de modêlos a data completa do nascimento, para o horóscopo.

SONHADORA DO SUL — Dom Pedrito. Eis um original figurino. A frente da blusa e barra d afaixa são trabalhadas com perspontos. A saia é lisa. Vejamos o seu estudo: Sua imaginação é muito fértil. E' preciso saber controlá-la. Temperamento voluntarioso e independente, mentalidade penetrante, inteligência e fácil assimilação. Cuidado com queimaduras. Anunciam-se viagens agradáveis. Você tem confiança em si, portanto, não desanimará fàcilmente e saberá levar ao fim seus planos e idéias. Terá sempre boas relações sociais. Casamento feliz, principalmente se fôr com rapaz nascido entre 21 de março e 19 de abril. Harmoniza-se também com as pessoas nascidas entre 24 de julho e 23 de agôsto, 21 de janeiro e 19 de fevereiro, 23 de setembro e 28 de outubro.



BROTINHO — Minas. Guarneça o seu casaco com gola e punhos de veludo. O corte é simples, de acôrdo com o seu pedido. Segue o estudo: Tem raciocínio claro e propensão para os estudos. Mas sua vontade não é firme e deixa-se persuadir com facilidade porque acredita na sinceridade de todos aqueles com quem convive. Precisa acautelar-se para não sofrer as grandes decepções a que está sujeita. Mas sua simpatia natural e seus bons sentimentos lhe darão com certeza bons e fiéis amigos. A dificuldade está em não confundí-los com os insinceros. Desconfie dos lisonjeiros. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas de 22 de dezembro a 20 de janeiro.

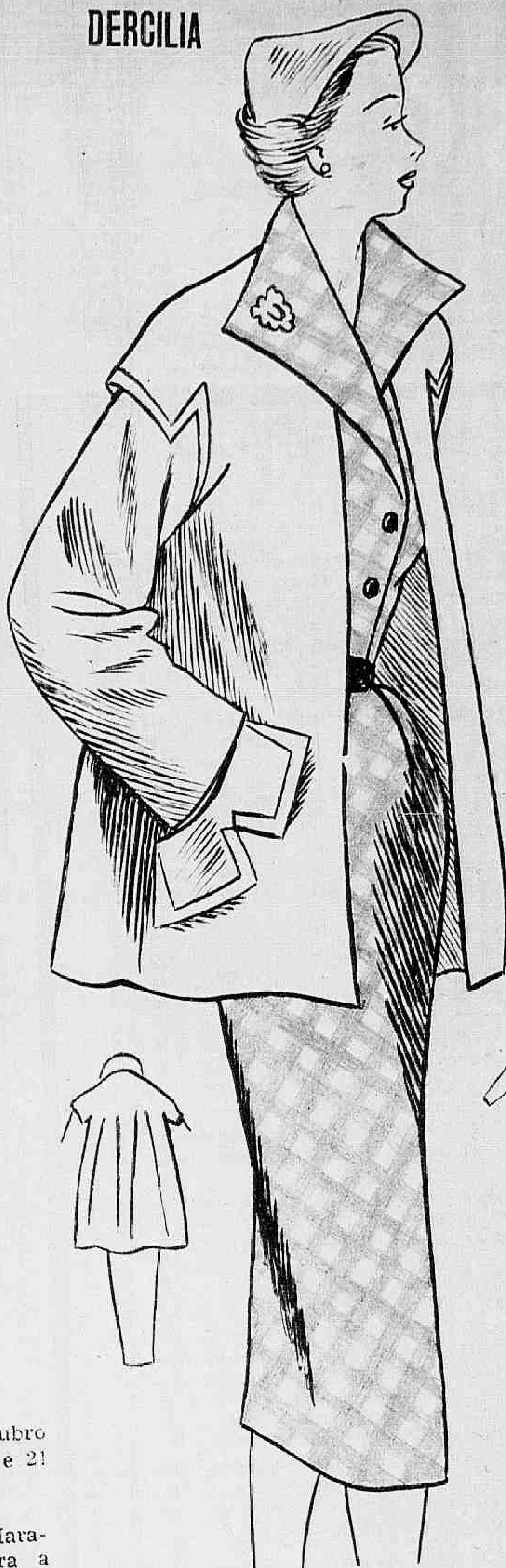
ROSA MARIA — Petrópolis. Escolhi para você êsse elegante costume. A saia é justa na frente e tem do lado uma prega. O casaco é guarnecido com bolsos grandes e os botões devem ser da mesma fazenda. Horóscopo: Sua principal qualidade é a franqueza. Tem também um verdadeiro culto pela liberdade. E' um espírito independente e, por isso, tem frequentes desentendimentos com pessoas de sua família. Está bem orientada e não sucumbirá, se seguir com perseverança seus ideais. Mas precisa compreender os objetivos dos que discordam de seus pontos de vista e, conquanto não se deixe dominar pela vontade alheia, deve ser tolerante com as opiniões alheias para evitar rixas desagradáveis. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas de 23 de setembro a 22 de outubro.

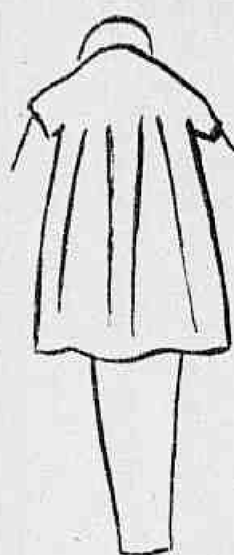
GILDA — Distrito Federal. Eis um elegante modêlo. A saia é lisa, a sobre-saia em "godet" e a gola você pode usar de duas maneiras. Seu estudo: E' dotada de sensibilidade e gôsto pela arte, tenacidade e imaginação fértil. Humor mutável, o que a torna incompreendida. Procure ser mais firme e combater o pessimismo e o mau gênio. Verá que tudo lhe correrá melhor desde que modifique o seu modo de ser. E' bem possível que venha a ter uma situação financeira apreciável. Harmoniza-se com as

ALICE R. M.

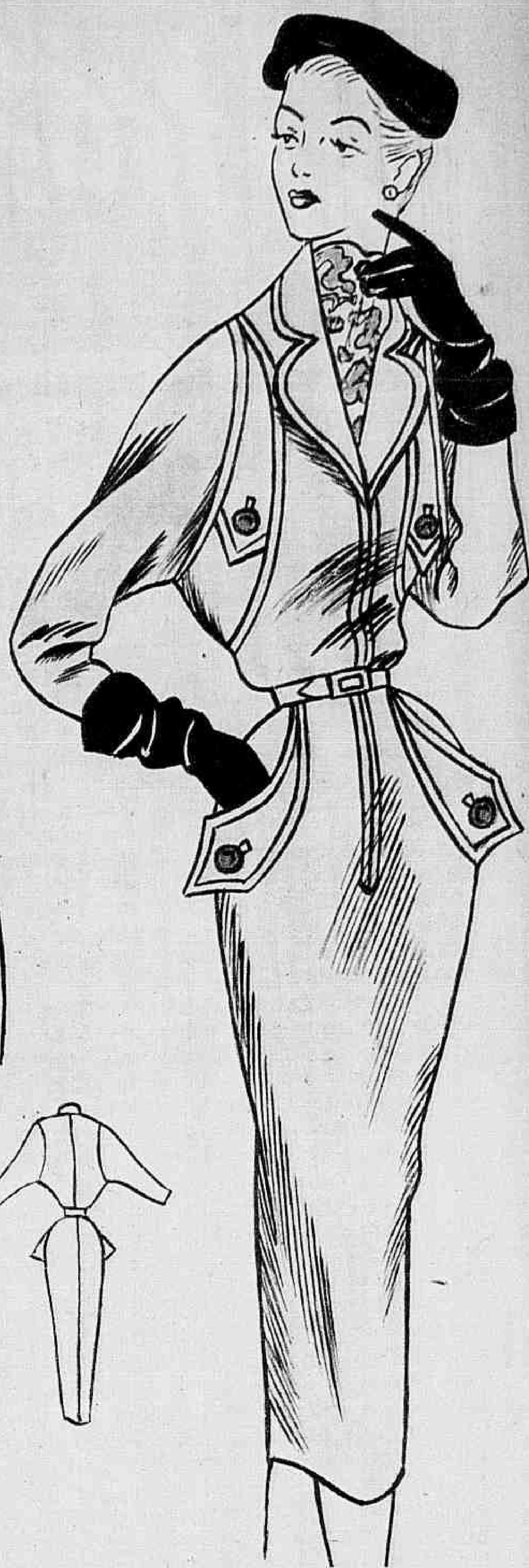


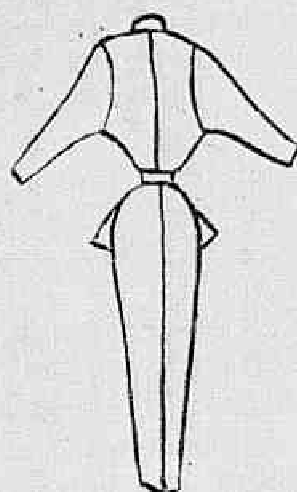
DERCILIA





ELOA' SANTOS





pessoas nascidas entre 23 de outubro e 21 de novembro, 20 de fevereiro e 21 de março.

ALICE R. M. — São Luiz do Maranhão. Aproveite êsse modêlo para a sua fazenda. O corte do casaco é simples. Os botões são recobertos. Vejamos o seu estudo: Caráter desconfiado e hesitante. Deve sempre refletir antes de tomar uma resolução e depois enfrente a situação corajosamente; do contrário, você será sempre vencida pela timidez. Tem boa intuição que deve ser aproveitada nos estudos e aplicada nas artes. Há muita probabilidade de encontrar pessoa amiga que lhe será de grande utilidade, quer na orientação da vida, quer como amparo moral. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de maio a 21 de junho, 23 de setembro a 23 de outubro, 22 de março a 21 de abril.

DERCILIA — Distrito Federal. Eis um original conjunto de vestido xadrez e casaco de uma só côr. Os bolsos são muito originais e a manga tem um corte raglan. Horóscopo: Você possui um espírito contemplativo que se encanta com as belezas da natureza. A vida no campo far-lhe-á bem. Tem bom raciocínio e juizo, portanto está em condições a ocupar um emprêgo de responsabilidade. Firmeza de vontade, embora se deixe persuadir facilmente pelas pessoas lisonjeiras e maneirosas. Seu signo anuncia um casamento feliz mas recomenda muito cuidado na escôlha de seu futuro marido. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 22 de abril e 21 de maio, 22 de dezembro e 20 de janeiro, 22 de junho e 23 de julho.

ELOA' SANTOS — São Paulo. Muito elegante ficará êsse vestido em lã fina, principalmente para moça alta e esbelta como você. Horóscopo: Você é sociável, afetuosa, firme nas afeições. Terá fôrça e coragem para levar avante os seus projetos. Procure, portanto, aperfeiçoar-se nos estudos para ter uma base de cultura. E' conveniente, também, dominar o gênio para sua maior felicidade. Seu signo promete êxito artístico. E' impossível que com tantas qualidades positivas você não se esforce para vencer na vida. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de março e 21 de abril, 23 de novembro e 21 de dezembro, 22 de maio e 21 de junho.

Por trás do Dial

As cartas para esta seção devem ser enviadas a Miguel Curi, redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio

NOVELAS EM FÉRIAS

Nas minhas férias, ouvi mais rádio do que de costume. De dia, principalmente. São novelas uma em cima das outras. É da Nacional prá Tupi, desta pr'aquela. De quando em vez, à noite, entra a Mayrink. A Nacional sempre em primeiro, na preferência. Devo dizer que a iniciativa de ouví-las não partia de mim, mas, invariávelmente, de um rabo de sáia. Acontece que estou ali e fico também a ouvir. Depois, interesso-me pelo andamento da história. De passagem, desejo confessar o meu desapontamento pelas novelas que, sem uma contextura psicológica atraente e profunda, não se enxameiam de lances de maior ação. Esta, mormente no rádio, onde a imaginação do ouvinte trabalhe a todo fogo e é o indispensável e eficiente complemento do novelista — é o motivo mais forte para agradar. Se a trama psicológica for efetivamente bôa, como o foi em «Fôrças do Coração», em tradução e adaptação de Mário Faccini, com Rodolfo Mayer e Isis de Oliveira nos personagens capitais — a novela agrada, prende e encanta. E é bom realçar que prende e encanta os ouvintes de qualquer grau de cultura ou de nenhum grau.

Já em «Inocência de Celina», de Castro Gonzaga, da Tupí, e em «Fim de uma desilusão», de Mário Moreira, da Nacional, o desenvolvimento da história peca pela monotonia, arrasta-se num meio tom de psicologia e ação, onde nem uma nem outra chegam a criar um estado de emocionado interêsse. Caso inverso é o de «O sol não chega até aqui», de Padua Corrêa, da Tupí, na qual a predominância é a da ação, numa sequência delas que despertam e mantêm a atenção do sintonizador. As suas duas principais intérpretes, nos papéis de «Bárbara», e de «Diva», têm um desempenho convincente, seguro, cabendo a «Bárbara» um tipo frio de mulher magnificamente apreendido pela intérprete. Não sei quem são as rádio-atrizes, mas é justo louvá-las, bem como o diretor e ensaiador.

Também não posso esconder meu desencanto pelo seccionamento moral do entrecho de «Minha Devoção», novela de J. Silvestre. A partir do instante em que «Carlota» não resiste ao seu amor pelo «Dr. Nestor», que falece após deixar em gestação um herdeiro — a novela desfigura-se no seu clima psicológico, no seu conteúdo, deixando uma aura de tristeza nos ouvintes. Em mim, deixou. Mais ainda: deixou o sulco de um «trauma», pois estimaria muito que a novela fosse se estendendo como um hino de realização, como um exemplo do que pode a inteligência e a vontade, transformando aquêle vilarejo sem luz e sem nada numa vila progressista e tomada do ânimo de ir cada vez mais para a frente. Se assim fosse, eu continuaria ouvindo a novela, mas desde que lhe caiu o pano grosso da «dramatice», êle me desinteressou.

Bem, eu ia escrever outra coisa... e vou ficar por aqui porque o espaço já está reclamando. A «outra coisa» fica para depois. Trata-se de saber se o rádio deve ser tão rastaguera, na sua «ligeireza» ou se deve misturar um pouco de cultura e arte à sua programação.

MIGUEL CURI

Noticiário

No dia 14, festejando seu aniversário e o de Linda Batista e assinalando a volta de Emilinha Borba e a inauguração da temporada de Léo Marine, Cesar de Alencar transmitirá seu programa do Teatro João Caetano — A Guanabara está experimentando seu transmissor de 10 kilowatts — Wilton Franco renovou seu contrato com a Tupí — Nestor de Holanda vai lançar um programa no Rádio Clube do Brasil — A Nacional estreiou o programa de Fernando Lobo, «Estrelas ao Meio Dia», com Dircinha Batista, na última segunda-feira — Almirante desligou-se da Tupi — A A-9 prepara novos lançamentos.

Vamos trocar cartas?

O Instituto Brasileiro de Aperfeiçoamento Individual, presidido pelo engenheiro Olavo Freire Junior, com sede na capital de São Paulo e Caixa Postal nº 2.701, é uma «sociedade anônima de cooperação educacional», ministrando, por correspondência cursos de toda a natureza para desenvolvimento das aptidões e tendências pessoais.

De lá, escreve-nos para sugerir a realização de um concurso entre os adeptos e praticantes da epistolgrafia, já que o Instituto, tendo um «Curso Prático de Redação», se oferece para dar uns prêmios, quais sejam, os de alguns cursos inteiramente gratuitos.

Tempos idos, já efetuamos aqui um concurso para premiar as melhores crônicas sôbre a correspondência epistolar. Não sabemos se, agora, devemos atender à lembrança do IBAI — mas, de qualquer modo, rogamos aos leitores que nos remetam suas sugestões e que espécie de concurso deveriamos realizar.

—*—

O endereço de Isabel Cristina ou Tereza Cristina foi aqui publicado em abril e maio, mas ela nos manda dizer que foi alguém sem sua concordância que no-lo enviou. Quer significar que não pretende estabelecer qualquer intercâmbio. Mora em Curitiba, à Av. Munhoz da Rocha.

—*—

Vera Lucia e outras, de Divinopolis, e João dos Santos Milheiros, de Lisbôa, por falta de endereço, e Antônio, de S. Paulo, por falta de sobrenome, tiveram sua inscrição anulada.

—*—

Myriam J. Japud, da rua João Pinto, 35, em Florianopolis, quer o endereço de Laura Batista, do Rio, que lhe escreveu sem lhe dar a sua direção.

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

Para que sua inscrição nesta seção seja valida, deve vir acompanhada dêste cupão, sem o que não será atendido. Em sua inscrição, o leitor terá que dizer porque pretende iniciar uma permuta de missivas, dando, depois, o seu nome completo, idade, profissão,

ocupação, endereço e, se os tiver os seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte até aqui.

A seguir, damos o nome dos que desejam firmar uma troca de cartas com os seus patrícios ou não. Entre parentesis, vêm os nomes das cidades, seguindo-se-lhes o dos correspondentes, sua idade, endereço e suas preferências.

DISTRITO FEDERAL — Nadia Lucrecia Campos, 20 anos, com cadetes e universitários do Br. e est.; R. Fábio Luz, 34, Meier — Luiz Deolindo Filho, rádio, cine e teatro; P. Marinha, Corpo de Fuzileiros Navais, ilha das Cobras.

PARÁ — Belém — Elza Helena Cruz, 21 anos, com maiores de 23; Av. Cmte. Braz de Aguiar, 151 — Cleonice Malato, 20 anos; R. Municipalidade, 1.014.

CEARÁ — Aracati — Dilma e Ivone Correia de Oliveira, 19 e 17 anos, com graduados da Base Aérea de Fortaleza e S. Paulo e do Rio e de São Paulo; Av. Cel. Alexanzito, 403. (Fortaleza) — José Geraldo Nunes, 20 anos, em esp. e port. com os 2 sexos do Br. e est. sôbre esportes e trocas; R. Dona Leopoldina, 656, Aldeota — Nicia Maria Magalhães, 18 anos; R. Duque de Caxias, 1.761, Otávio Bonfim — Ivelise, Neyla e Sandra Maia, 19, 18 e 17 anos, com maiores de 19 do Rio, S. P. e R. G. do Sul; R. Guilherme Rocha, 895.

PIAUI — Teresina — Mara Nubia, 18 anos; R. Clodoaldo Freitas, 1.803 — Dourizete Maria, 18 anos; Av. José dos Santos, 289.

MARANHÃO — S. Luiz — Isabel Cristina Moreira, 15 anos; R. F. Marques Rodrigues, 506 — Raimunda Iara Santos, 13 anos; R. Jansen Muller, 96 — Maria do Socorro Marques, 18 anos; R. de Santana, 155 — José da Costa Oliveira, 20 anos; Estrada da Vitória, 27.

PERNAMBUCO — Recife — Leonice F. dos Santos, postais, com Br., Esp., Ital., e Frc.; R. da Glória, 256, Boa Vista — Antônio Maranhão Dias, 18 anos, esportes, teatro, mus. e rádio, com os 2 sexos de Alagoas, Sergipe, Minas, Bahia, Paraiba, S. P. e Rio; Av. Rosa e Silva, 1.336, Aflitos — Glória de Lourdes Menelau, 21 anos, com Br. e est.; Av. José Rufino, 1580, Areias — Edmundo Mendes, 28 anos; R. da Conceição, 81, Boa Vista. (Goiana) — Florentino Alcantara, postais com o Norte e Nordeste.

PARAIBA DO NORTE — Itabaiana — Maria Helia A. Correia, 23 anos, cartas e trocas; Cel. Firmino Rodrigues, 61.

RIO GRANDE DO NORTE — Natal — Alba Melo, 25 anos, cartas e trocas com Rio, R. G. do Sul, S. P. e Minas; Corrêia Teles, 225.

BAHIA — Salvador — Isalice Sena, 24 anos, com maiores de 24, cartas e postais; C. Postal 89. (Vitória da Conquista) — Eunice Guimarães Lacerda, 23 anos; Posto de Higiene — Iracy Ferraz, 23 anos, com o Sul e Rio; C. Postal 33. (Ilheus) — Rosangela de Lima, 26 anos, com maiores de 26 e Alexandrina Lima; Marques de Paranaguá, 221.

ALAGOAS — Palmeira dos Indios — Fabiola M. Melo, 16 anos; R. Cicero de Goes Monteiro, 87 — José F. Lima, 23 anos; R. Independência, 24 (Maceió) — Joyce e Soly Palhares, 19 e 20 anos; R. do Cravo, 371, Pajussara — Luiz Pinheiro de Novais, 20 anos, com os 2 sexos do Br., Port. e Américas; Comendador Teixeira Bastos, 470 — Neli Pessoa e Mali Casado, 35 e 28 anos; Cruz de Almas, 424.

SERGIPE — Aracajú — José Gonçalves Filho, 17 anos; R. Capela, 177.

ESPIRITO SANTO — Dailce Magali Barreto, com formados e universitários além de 25 anos; R. Rodrigues Arzão, 24, Forte S. João.

MINAS GERAIS — Santos Dumont — Geny Villa, 25 anos, cartas e trocas, com Br. e Port; R. Alagoas, 12. (Barbacena) — Pierre Pitaleigh, com moças estudantes do Br. e est.; Escola Preparatória de Cadetes do Ar. (Pouso Alegre) — Elba Rosas, com maiores de 39 anos; C. Postal 224. (Juiz de Fora) — Maurício P. Miller, 19 anos, com o interior de Pernambuco, S. P. e Pará; C. Postal 106. (Belo Horizonte) — Nina Rose de Carvalho, com maiores de 20 anos; R. Carijós, 561-4º andar, sala 403. (São João Del Rei) — Mayla e Mary Regina Valery, 16 e 15 anos; R. Duque de Caxias, 83. (Rio Pomba) — Selva Moreno e Rosalia Martins e Ana Maria Vasconcelos; Av. Dr. José Neves, 249, e 274 (Itajubá) — Isabel Cristina, 27 anos, com maiores de 29 a 30; C. Postal 89; (Alfenas) — Meire Maria Borges, 27 anos; R. Juscelino Barbosa, 138. (Tupaciguara) — Richard Kos, 16 anos, cartas e trocas com o Br. e Américas; R. Potier Monteiro, 79. (Araguari) — Malba Helena Veloso, 20 anos, com os 2 sexos além de 20; C. Postal 184 — Maria Stela, 22 anos, com maiores de 25; R. Bueno Brandão, 270 — Regina Helena dos Santos, 20 anos; C. Postal 156.

S. PAULO — S. José dos Campos — Sandra da Fonseca, 18 anos, mus. e poesia com maiores de 19; R. Dolzani Ricardo, 772. (Americana) — Gloria Matos, 35 anos, com maiores de 35 a 45; R. 12 de Novembro, 66. (Assis) — Clara Nard, 21 anos; C. Postal 226. (S. Paulo, capital) — Judite e Laura Mendes e Jutta Schloesser, todas com 20 anos; Av. São João, 327-3º andar e 327 só.

RIO GRANDE DO SUL — São Marcos — Zaira Libardi, 22 anos, com maiores de 24 do Rio, cine e rádio; São Marcos de Caxias do Sul. Assim mesmo. (Caxias do Sul) — Rosangela Fantine, 27 anos, com católicos além de 28 do Br.; Esp. e Artg.; C. Postal 43. (Vacaria) — Edson Quintela Martins, 17 anos, com estudantes de psicologia e veterinária mormente de Porto Alegre e Cataguazes; R. Dr. Flores, 425. (Porto Alegre) — Miriam Cavalcanti, 21 anos, com maiores de 25 do Rio; Av. Bento Gonçalves, 2.323, apt. 6 — Roseli Tavares, com maiores de 20 anos; R. Itapera, 362. (Santa Cruz do Sul) — Sandra Helena Foster, Vera B. Dorneles, Susana Regina Becker, Tania Regina Pagel, Carlos Alberto Thomé e Jaime Alberto Pagel, de 14 a 19 anos, e Rui Delmar Thomé, 16 anos; C. Postal 205. (Garibaldi) — Terezinha de Baggis, 19 anos, em esp. e port. com Br. e est. cartas e trocas; R. Flores da Cunha, 674. (São Leopoldo) — Arí Castilhos, 20 anos, com os 2 sexos; R. Independência, 530. (Montenegro) — Mayra Giacomoni, 27 anos, mormente mus. e lit. com os 2 sexos; R. Oswaldo Aranha, 2.206 (Panambi) — Lory Linn, 17 anos; Panambi, Municipio de Cruz Alta.

ASIA — Macau — Antônio Fernandes Martins Pires, quer uma madrinha de guerra; 1º Cabo, nº 1.003, Fortaleza da Guia.



O senhor fica sonolento depois das refeições? Isso é sintoma de uma digestão pouco normal. Convem nesse caso tomar uma dose de SAL DE UVAS PICOT em meio copo de água. Altamente digestivo, tira o peso do estômago e alivia a cabeça.

SAL DE UVAS
PICOT
REFRESCANTE E GOSTOSO



EM VIDROS DE 3 TAMANHOS
DIGESTIVO
LAXANTE
ANTIACIDO

REFRESCANTE · ESTOMACAL · SABOROSO

CASACOS DE PELE



ESTOLA — BOLEROS — FABRICAÇÃO PRÓPRIA
PREÇOS DE RECLAME
Cr$ 350,00 — 400,00, até 650,00
Casacos de pluma, Lontra, Pitigris e outras qualidades. Peles importadas da França e da Inglaterra
AV. 13 DE MAIO, 23 — 9.º — SALAS 1.903 e 1.915 — TEL. 32-0305
ED. DARKE, PROXIMO AO LARGO DA CARIOCA



O CARTAZ

SONIA Ketter é o vulto que, contristados, focalizaremos hoje aqui, numa homenagem comovida àquela que foi tão dramàticamente colhida pela fatalidade.

Dona de uma personalidade marcante, Sônia cativava instantâneamente todos que com ela tivessem contacto. Bela, jovem, alegre e cheia de vida, possuidora de uma acentuada sensibilidade artística, Sônia tinha tudo para vencer, não só na carreira artística, como em qualquer outra atividade a que se dedicasse. Havendo se iniciado no teatro com a grande Dulcina, Sônia Ketter logo se viu vitoriosa, devido, não só à sua decidida vocação artística, como à sua inata capacidade de, desde logo, se adaptar à psicologia do personagem que interpretava.

Requestada pela televisão, Sônia passou a ser pràticamente a "rainha" da Televisão, pelos seus dotes pessoais e artísticos. E nunca título nenhum foi tão merecido quanto o que Sônia, em sensacional concurso, obteve em 1951: "Miss Objetiva, Rainha dos Fotógrafos".

Foi essa encantadora artista que, num dêsses golpes cruéis do destino, nos foi arrancada, num dos mais lamentáveis desastres dos últimos tempos. O seu desaparecimento, tão prematuro, está sendo lamentado em todo o Brasil, mormente nos meios artísticos, onde Sônia era queridíssima. O golpe que sofreu a televisão, além de dolorosíssimo, é irreparável.

Mas a sua suave lembrança permanecerá para sempre no coração de todos.

COMO PE

A correspondência destinada a esta seção deve ser enviada a PAULO JOSE' — Redação de CARIOCA, praça Mauá, 7, 3.° andar, contendo exclusivamente a opinião dos ouvintes, e não pedidos de fotografias, endereços, etc., os quais não serão atendidos, em virtude de fugirem aos objetivos desta seção.

Prezado Sr. Paulo José — Saudações — Sirvo-me dessa valiosa seção, para dar minha opinião sôbre a mais linda, a mais simpática e talentosa "estrêla" do rádio brasileiro. Não é preciso dizer que se trata da encantadora Emilinha Borba, que se encontra em vitoriosa excursão pelas capitais do Norte.

Emilinha, além de ótima cantora e de possuir uma voz que nos encanta, é gentil e atenciosa com os fãs.

Aqui na Bahia o seu sucesso foi estrondoso. A favorita de todos conquistou para sempre o coração dos baianos. Suas audições na Rádio Cultura foram sempre com o auditório superlotado e seus números bisados. Emilinha é linda (muito mais linda do que parece nas fotografias) e sabe como ninguém cantar com graça e brejeirice.

Parabens à Rádio Cultura por proporcionar à Bahia o prazer de admirar a maior "estrêla" do Brasil.

Parabens à "estrelíssima" Emilinha Borba e que sua carreira continui sempre em crescente sucesso.

Para o senhor, um abraço e meus agradecimentos pela possível publicação desta.

Cidinha — Bahia.

*

Prezado senhor Paulo José — "Como Pensam Os Rádio-Ouvintes" é por excelência a página democrática e muito útil, onde a fã externa sua opinião a respeito de seu artista favorito.

Há na radiofonia brasileira um cantor, um jovem cancioneiro, que encanta os ouvintes de rádio com sua dulcíssima e emocionante voz; com sua inspiração sadia e pura de verdadeiro poeta, êle é o responsável por tanta poesia envolvendo o coração e a alma de cada criatura que vive e sonha.

Ao Ivon Curi, êsse maravilhoso cancioneiro romântico, compositor de sucessos verdadeiramente encatnadores, como: "Obrigado", "Humanidade" e muitas composições emocionantes e belas na sua pureza, encanto e inspiração — envio por intermédio de "Como Pensam Os Rádio-Ouvintes" a minha mensagem de fã que muito admira a sua maravilhosa voz e composições de uma beleza sem par e sem igual.

Ao senhor Paulo José, o meu obrigada.

Paula — Soledade — Rio Grande do Sul.

NSAM OS RADIO-OUVINTES

O RADIO HA DEZ ANOS



ZILAH FONSECA, que naquele tempo era exclusiva da Mayrink, declarava ao repórter que o seu sonho era entrar para o rádio-teatro, pois tinha um desejo louco de viver papéis de emoção



MARIA EDUARDA, a voz de veludo que fazia aquele belo programa "Pátria Distante", dizia que não queria nunca perder o sotaque lusitano, pois com êle ajudava ainda mais os ouvintes do seu programa a evocarem Portugal

Prezado Sr. Paulo José — Mais uma vez, sirvo-me dessa seção que, para mim, é uma das melhores em matéria de opinião de fãs a respeito de seus artistas preferidos.

Como o senhor já deve saber, os meus artistas prediletos são: Emilinha e Barcelos, e o meu contentamento maior foi em saber que ambos foram eleitos "Melhores de 51". Realmente, êles mereciam, pois Emilinha foi a cantora que maior sucesso obteve no ano findo. Quem não se lembra do maravilhoso bolero "Dez Anos" e da não menos famosa "Canção de Dalila", que alcançou retumbante êxito?

Quanto ao Barcelos, seu título como melhor animador, também foi justo, pois Barcelos sabe como animar seu programa de um modo todo especial, diferente dos demais. Méritos para isso não lhe faltam.

À Emilinha e ao Barcelos os votos sinceros de sucessos constantes em suas brilhantes carreiras artísticas. E ao senhor Paulo José, os meus agradecimentos pela publicação desta.

Yolanda — Copacabana — Rio

*

Prezado senhor — Sendo uma antiga ouvinte da Rádio Nacional e apreciadora dos programas animados por Cesar de Alencar, dirijo-me a essa seção solicitando de V. S., o especial favor em atender-me nesta minha justa reclamação.

Sendo o referido artista popularíssimo em São Paulo, como é do conhecimento dessa grande emissôra, nós, os paulistas, admiradores de Cesar de Alencar, estamos sendo prejudicados, devido aos seus programas serem truncados com "A Tarde Esportiva".

Com a criação da Rádio Nacional Paulista, torna-se fácil a essa emissôra co-irmã satisfazer os seus milhares de ouvintes paulistas destacando-o para esta capital, como vem fazendo com os seus esperados programas "Balança, Mas Não Cai" — "Taboleiro da Baiana" — "Ouvindo e Aprendendo", etc.

Esperando ser atendida nêste meu justo pedido, desde já agradeço. Atenciosamente,

Helena Santiago — São Paulo

*

Prezado senhor Paulo José — Na qualidade de antigo leitor da revista CARIOCA, é que me utilizo das suas páginas para externar a minha opinião no que se refere aos nossos cantores de rádio, o que, aliás, desde há muito desejo fazer.

Antes, porém, cumpre-me ressaltar a minha indiferença quanto à escôlha de cantores radiofônicos, embora tenha eu um pouco de razão para dar elogios a três grandes padrões de nossa música popular, que são reconhecidamente — Orlando Silva, Augusto Calheiros e Vicente Celestino, os quais, a meu ver, devem ser considerados os número "1" no âmbito da radiofonia nacional.

Creio, entre nós tão cedo não haverá tão bem formada "tríade vocal", tampouco ninguém saberá interpretar com tamanho orgulho e com tanta harmonia as nossas canções que, são invejadas por todo o mundo, e nenhum cantor ou cantora, qualquer que seja o seu gênero de música, arrancará os aplausos de nossos públicos como êsses três cantores o fizeram. Isto é sabido de todos.

Existem por este Brasil a fora centenas de cantores que merecidamente, também, têm o seu valor artístico: mas... somente Orlando Silva, Augusto Calheiros e Vicente Celestino souberam empolgar as nossas platéias e, por isso, devem e podem ser os embaixadores da nossa música. Devemos ficar, pois, certos de que as suas vozes ficarão à nossa posteridade como um verdadeiro símbolo, uma autêntica glorificação à nossa música tão regional e tão brasileira!

Esperando que os demais leitores de CARIOCA tenham disto conhecimento, pelo que lhe sou sinceramente grato, subscrevo-me, atenciosamente.

Antenor Queiroz — Garanhuns — Pernambuco.



PAULO PORTO, o galã que vem brilhando nos mais variados setores artísticos, como rádio, cinema, teatro e televisão. Ninguém esqueceu suas interpretações em "O Dominó Negro", "O Milagre do Amor" e vários outros filmes. Está atuando, no momento, nas novelas "Os Sobreviventes" e "O Sol Não Chega Até Aqui", aparecendo, ainda, nos programas de destaque da TV-Tupi

Pergunte o que quizer

Esta seção responderá às cartas dos leitôres sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS, Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

★

MARA RAFARD — Não tenho o endêreço da atriz em questão. Não sei como poderá comunicar-se com a mesma.

★

ADÃO FERREIRA DOS SANTOS — Companhia Cinematográfica Vera Cruz. São Bernardo do Campo, S. Paulo. Atlantida: rua Visconde do Rio Branco, 51, Rio. O endêreço de Fada e Eliana é o da Atlantida. O de Marisa, o da Vera Cruz. Da outra, não sei.

★

TERESINHA ORTIZ — Apauçu — Dick só fez "Somos dois". Fada Santoro: Atlantida-Estúdios, rua Visconde do Rio Branco, 51, Rio. Anselmo Duarte: Cia. Cinem. Vera Cruz, São Bernardo do Campo, S. Paulo. De Dick não tenho o endêreço.

★

MARIA SOUZA — Teófilo Otoni — 1º — Alan e Cornel: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal. Tyrone: 20-th-Century-Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. Errol: Warner Bros-Studios, Burbank, Cal. Robert: RKO-Radio-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. USA. Títulos, pela ordem: "United States Mail", "Four Days Leave", "American Gurerrilla in the Philippines", "Rocky Mountain" e "My Forbidden Past". 2º — Não tenho. Escreva-lhe para Cidade do México, México. 3º — Quando quiser. Convém, entretanto, esperar sempre a publicação da resposta para perguntar outra vez. E fazer poucas perguntas.

★

AQUILES FERRARI — Carasinho — Pode afirmar ao seu amigo que o filme "Obrigado, doutor!" foi rodado no estúdio da Cinédia, e não no da Atlantida.

★

LÚCIA CARVALHO — Rio — Infelizmente não tenho notas para informar o que pede. Só sei que no citado filme ouvia-se "A flauta mágica", de Mozart, e uma composição de Liszt, cujo nome não me recordo. Mas acredito que haviam outras músicas, entre elas talvez a que interessa a leitora.

★

NORMÉLIA — Rio — A primeira é francesa (1911), seguida de uma americana (1915), uma italiana (cuja data não tenho), uma tchéca (1927), uma russa (1928), uma alemã (1937), a segunda francesa (1937), a argentina (1946), e uma italiana (1947-48).

★

L. B. — Jardel Jercolis Filho, trabalhou em "Prá lá de boa", feito em 1948. Depois, creio que não filmou mais.

★

ALBERTO RODRIGUES — Em "Casbah": Tony Martin — Pepe le Moko, Ivonne De Carlo — Inez, Marta Toren — Gaby, Peter Lorre — detetive, Hugo Haas — guia do Casbah, Thomas Gomez — inspetor, Douglas Dick — traidor de Pepe, Herbert Rudley — amante de Gaby. A bailarina é Katherine Dunham.

★

TANIA — Rio — O autor da peça "The Voice of the Turtle" é John Van Druten.

★

JOSÉ LUIZ — Pôrto Alegre — Em "A noite te molhos": James Mason, Wilfrid Lawson, Mary Clare, Joice Howard, Tucker McGuire e John Fernald.

★

EDDIE SHAW — Rio — Não sei notícias de Elisabeth. Não filmou mais desde seu primeiro filme americano — "Paris está chamando". Tem 51 anos. Quanto aos filmes de E.V.S. — "Captain Mac Lean" (extra), "Ghost", (ator e conselheiro técnico), "The Birth of a Nation" (ator e assistente), "Intolerância" (ator e assist.), "Corações do mundo" (idem), "Old Heidelberg" (assist. e conselheiro), "Malditos homens" (ator), "Delírio de aparecer" (ator), "Macbeth" (assist.), "Menos que o pó" (assist.), "Panthea" (ator), "For France" (conselheiro), Entre dois amores" (ator), "The Unbeliever" (conselh.), "A mulher polícia" ,ator), "In Again, Out Again" (dir. artist.), "O coração da humanidade" (ator), "Maridos cegos" (autor, diretor e ator), "Maquiavelismo" (autor e dir.), "Espôsas ingênuas" (autor, dir. e ator), "No redemoinho da vida" (autor e diretor de parte do filme, que foi terminado por outro), "Ouro e maldição" (adaptador e dir.), "Viuva Alegre" (adapt. e dir.), "Marcha nupcial" — "Lua de mel" (autor, dir. e ator), "Tempestade" (cenarista), "Minha rainha" (autor e dir.), "O grande Gabbo" (ator), "A última revelação" (idem), "Maridos e amantes" (idem), "Esquadrilha perdida" (idem), "Como me queres" (idem), "Alô belezas" (autor e dir.), "Romance sangrento" (ator), "Dois suspeitos" (idem), "O crime do Dr. Crespi" (idem), "Os castiçais do Imperador" (cenarista), "Anna Karenina" (idem), "A boneca do diabo" (idem), "Entre duas mulheres" (autor e cenarista), "Marthe Richard espionne au service de la France" (ator), "A grande ilusão" (idem), "L'Alibi" (idem), "Mlle Docteur" — v. inglesa (ator), "L'Affaire Lafarge" (ator), "Les Pirates du Rail" (idem), "Cinq Jours d'Angoisse" (idem), "O mistério do colégio" (idem), "Ultimatum" (idem), "Gibraltar" (idem), "Rappel Immediat" (idem), "Derriere la Façade" (idem), "Ciladas" (idem), "La Revolt des Vivants" (idem), "Tempête" (idem), "O mundo tremerá" (idem), "Macau, inferno do jôgo" (idem), "Paris-New York" (idem), "Sedutora aventureira" (idem), "Náufragos" (idem), "Cinco covas no Egito" (idem), "Estrêla do Norte" (idem), "Tormenta sôbre Lisboa" (idem), "Agente de Scotland Yard" (idem), "A grande paixão" (idem), "The Mask of Dijon" (idem), "Angela e Satanaz" (idem), "On ne meurt pas commeça" (idem), "La danse de mort" (adaptador e ator), "Sérénade ou Bourreau" (ator), "Signal rouge" (idem), "Crepúsculo dos Deuses" (idem), "A máscara de um assassino" (idem), "Nous n'irons plus au ciel" (idem), e "Le Crime est tué (idem). A "estrela" de "O fogo e a palha" foi Asta Nielsen. Pelo menos não conheço outro filme com êste título.

★

BELINHA — Pôrto Alegre — Joan Crawford já interpretou, desde que deixou a Metro: "Alma em suplício", "Acórdes do coração", "Fogueira de paixão", "Extase de amor", "Caminho da redenção', "Os desgraçados não choram", "Mlle Fifi" (convidada), "A dominadora" e "This Woman is Dangerous". O endêreço é Warner Bros-Studios, Burbank, Cal. USA. Use o título original "Harriet Craig".

★

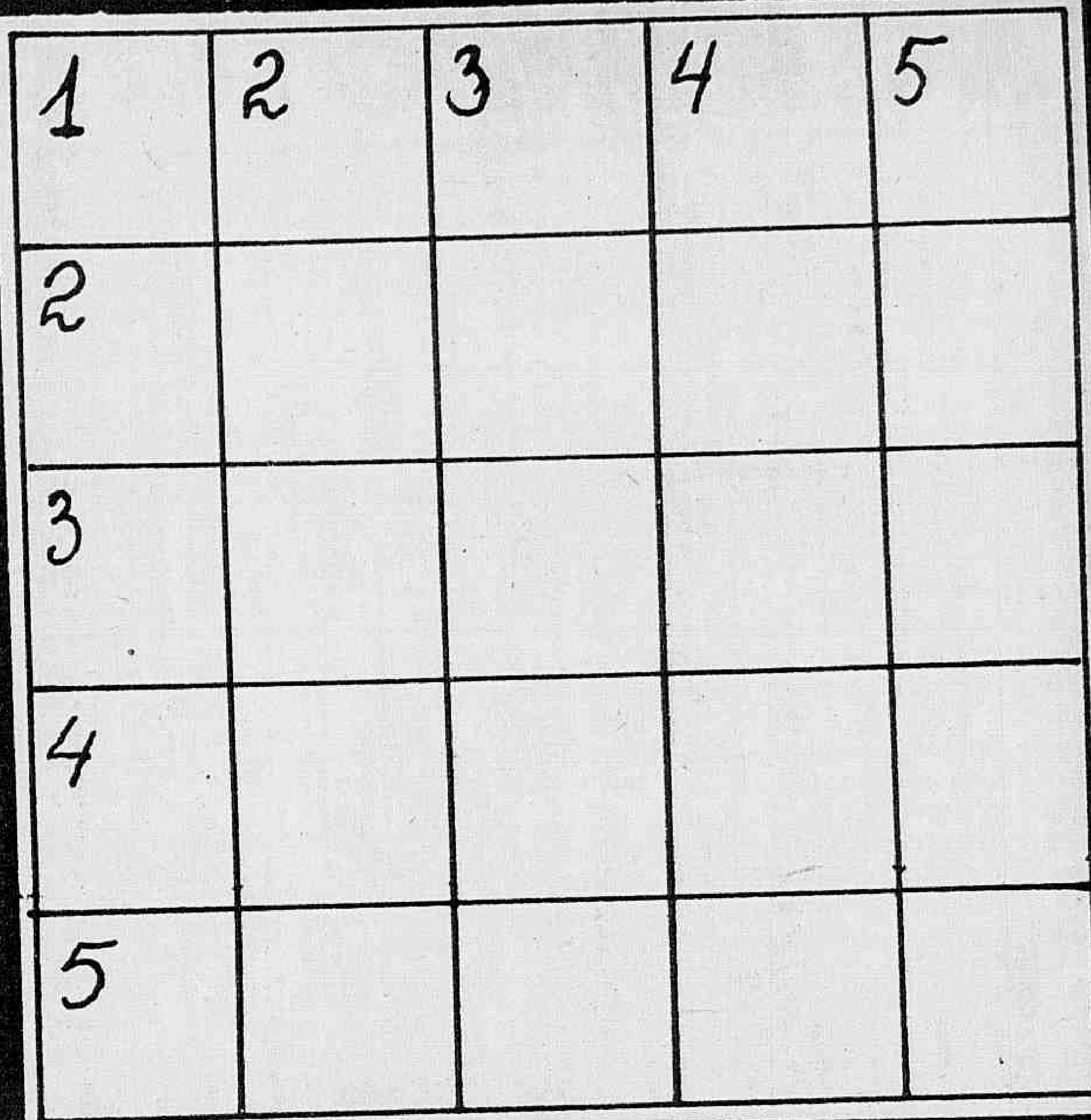
MARIA ROSA — Rio Grande — Anselmo Duarte nasceu em Salto, Estado de S. Paulo, a 21 de Abril de 1920. A lista de seus filmes é a seguinte: "Inconfidência Mineira", "Querida Suzana", "Um pinguinho de gente", "Não me digas adeus" (no cinema argentino), "Terra violenta", "O caçula do barulho", "Carnaval no fogo", "A sombra da outra", "Aviso aos navegantes" e "Tico-tico no fubá". Escreva-lhe para a Cia. Cinematográfica Verá Cruz, São Bernardo do Campo, S. Paulo.

★



Para seu RECREIO

POR WILSON COUTO



PROBLEMA VELO-VELA

HORIZONTAIS — Fardo; pacote — 5. Planta da família das Leguminosas-Papilionáceas (plu.) — 6. Vara transversal da parreira — 7. Nome de uma árvore da ilha de São Tomé (plu.).

VERTICAIS — 1. Sova; pancadaria — 2. Navegam — 3. Espécie de Gibão — 4. Ligeireza.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PROBLEMA SONINHA

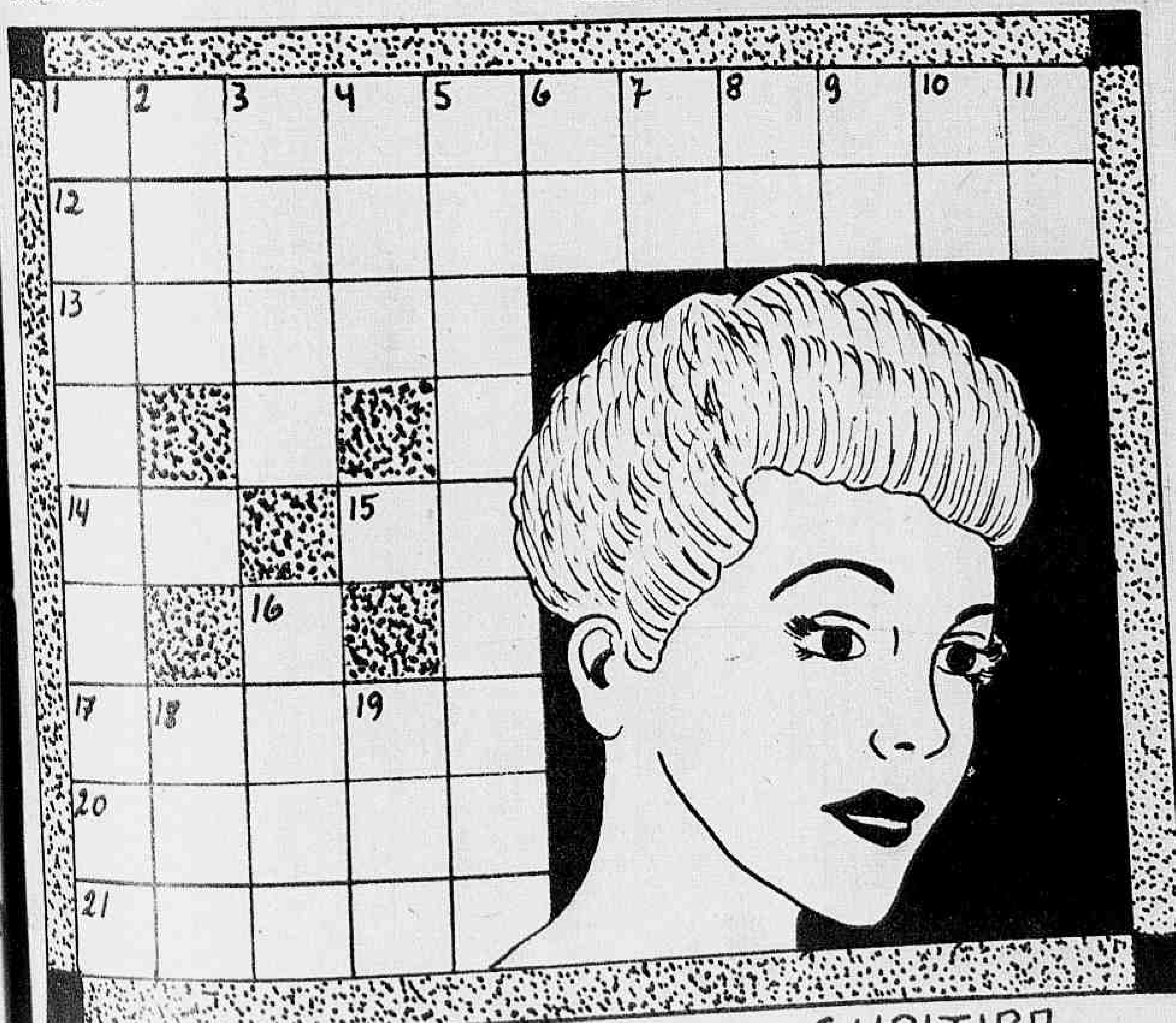
HORIZONTAIS — Camada — Lona — Nú — Atar — Brasil.
VERTICAIS — Al — Monta — Anuas — Da — Ar — Ri.

PROBLEMA ESCADA

HORIZONTAIS — Timão — Pirão — Moção — Farão — Lição — Limão.
VERTICAIS — Li — Fim — Maçã — Porão — Tição — Irão — Mão — Ão.

PROBLEMA LÂMPADA

HORIZONTAIS — Alta — Culpam — Révora — Som — Ego — Oc — Pi — NS — Pitangas — Ato — Oto — Otária — Ores.
VERTICAIS — Sopa — Crócito — Atuem — Totó — LV — Pá — Ar — Pó — In — Ré — Apare — Gois — Magnata — Osso.



OTAIBAH V. PREHS — CURITIBA

PROBLEMA CARIOCA

HORIZONTAIS E VERTICAIS

1. Remediar.
2. Espécie de amaranto.
3. Nascimento.
4. Terra sulcada.
5. Amofinar; atormentar.

PROBLEMA OTAIBAH

HORIZONTAIS — 1. Espécie de alpendres (plu.) — 12. Dinheirama — 13. Brinquedo — 14. Artigo plural — 15. Sétima nota musical — 17. Mulher de Xangô — 20. Secar-se — 21. Planta da família das Umbelíferas.

VERTICAIS — 1. Que diz respeito ao amor — 2. Parte — 3. Cultivas — 4. Região antiga da Bretanha, ao sul do Loire — 5. Abonará — 6. Valor fonético da letra "N" — 7. Duas vezes 500 em romanos — 8. O mesmo que preguiça — 9. Pratica — 10. Luz que emana da ponta dos dedos — 11. Sobrenome — 16. Elo — 18. O mesmo que arara — 19. Sadias.

CORRESPONDÊNCIA

NEUZA DA COSTA BARROS (Nesta) — Seu problema será publicado com alguma modificação. Não se preocupe

(CONCLUE NA PÁGINA 72)

Respondendo Aos Ouvintes de "NO MUNDO DOS SONHOS"

Programa de Gastão Pereira da Silva, apresentado pela Rádio Nacional, todos os sábados, às 11 e 15. Se o seu sonho não foi radiofonizado, procure a resposta, que você pediu em sua carta, aqui.

CORRESPONDÊNCIA

Nº 8021 — RUTE ROSA MACHADO — E. DE MINAS — O fato de estar cega hoje e ter enxergado anteriormente, explica perfeitamente os sonhos «visuais» isto é aquêles em que V. vê pessoas e coisas antes da cegueira. Coisas que os olhos não viram mais não podem ser mais «vistos» nos sonhos, senão através dos «olhos da imaginação». Mas os cegos em geral «vêem» por meio do sentido do tato, como acontece quando estão acordados. Os sonhos dos cegos sempre nos preocupou muito. Já fizemos mesmo uma «enquette» entre pessoas que são privadas da visão e chegamos a seguinte conclusão (dos poucos casos que conhecemos): — o cegos de nascença não «vêem» nos sonhos. Eles sonham como «vivem», isto é, através do tato. Os que não são cegos de nascença, vêem até o momento em que se viram privados da «vista», isto é, o «sentido visual do sonho» vai até a época em que a pessoa em apreço «enxergava». Depois disso, sonha como qualquer cêgo nato. E é justamente isso que aconteceu com V. que vê perfeitamente em sonhos os filhos que V. «conheceu» antes de ficar cega, não vendo, entretanto, a «caçula», por ter esta nascido depois que lhe faltou a luz dos olhos. Contudo, V. estranha que tenha sonhado com a sua filha menor, isto é, com a «caçula», «vendo-a» no sonho. Mas como a «viu»? V. não diz. Talvez a sua imaginação tenha secriado a imagem que V. faz dela (semelhante a dos outros filhos, quando pequeninos) e não que V. tenha visto a «imagem real», isto é, como a sua «caçula» o é na realidade. Isto é um ponto muito importante que nós gostariamos de esclarecer, pois tem bem mais importância do que o próprio sonho que nos mandou e que não encerra nenhum «sinal de alarme», ou melhor, nenhum «aviso» mal, pelo menos na aparência. O que o sonho traduz é que V. sendo cega tem medo que aconteça alguma coisa a sua «caçula» e que V. não possa «ver» em tempo de salvá-la de qualquer perigo. Existe estrada de Ferro próximo a sua casa? Enfim, volte a nos escrever. Os seus sonhos nos interessam. É pena que êste seja tão pequenino que não dê para ser radiofonizado.

Nº 8008 — LUCIO SOBRAL — E. DE S. PAULO — O sonho que nos enviou, além de ser escrito em papel pautado, não tem valor psicológico. É um simples reflexo da realidade.

Nº 8042 — MARILIA PINHEIROS — E. DE S. PAULO — Sonho muito significativo o que nos enviou. Parece que a elaboração onírica trabalhou em filigrana! É pena que seja tão descritivo e que não se preste à técnica de radiofônica. É sonho para ser «lido» e não para ser «ouvido». É um dêsses que deverão figurar em um próximo livro sob o assunto e que estamos preparando. É claro que não será identificado por nenhum leitor. Valerá sempre o pseudonimo, como em geral se faz em tôdas as observações de caráter cientifico. O sonho está todo naquêle trecho em que V. revelou os «contra-tempos», os «mal-entendidos» surgidos no seu noivado! Então, tudo isso está nitidamente simbolizado no sonho. tôdas as dificuldades que se apresentam para V. conseguir formar o «bouquet» são alusões às «intrigas», aos «embara-

(CONCLUE NA PÁGINA 77)



Foi um acontecimento de relêvo social a realização do enlace matrimonial do Dr. Fernando Purita, médico anestesista, com a Dra. Maria de Lourdes Bittencourt, médica ortopedista, ambos colegas de turma, há dois anos formados pela Faculdade Nacional de Medicina. A noiva, que é neta do saudoso Sr. Inacio Bittencourt, é filha do Sr. Ismael Bittencourt e da Sra. Marina Bittencourt, e, o noivo, é filho do Dr. Francisco Purita e da Sra. Filomena Ursala Bittencourt. Paraninfaram os nubentes o professor José Batalha e espôsa, e o ministro Waldemar Ferreira Marques e senhora Filomena Purita. Após os atos civil e religioso, os noivos ofereceram aos seus amigos uma recepção

Discoteca

MÚSICA, IMPRENSA E RÁDIO NO AGRESTE



Estelita Gonçalves

APRAZ-NOS incentivar nesta crônica a dinâmica juventude do Agreste, onde os valores novos no âmbito das hertzianas, da imprensa, ou da música popular e erudita vêm oferecendo sensíveis progressos ao escoar dos ciclos da unidade do Tempo. Em boa hora surgiu, em Caruarú, a emissora ZYK-22. Nomes evidentes do microfone carioca por lá desfilaram, tais como Carmélia Alves, Adelaide Chiozzo, Renato Murce, Emilinha Borba, ou cantores como Black-Out, constatando o ambiente acolhedor e as iniciativas admiráveis da radiofonia matuta. Luiz Torres, jovem inteligente e trabalhador, que nos habituamos a admirar desde a fase em que éramos colegas de Ginásio, está à frente da Difusora de Caruarú" e divide com Luiz Queiroga, seu diretor-artístico, a faina diária. O corpo redacional tem em Antonio Miranda, uma figura de primeira classe, jornalista brilhante que é, culto e batalhador sincero das coisas e da gente do Nordeste. O "cast" de cantores tem em Estelita Gonçalves, intérprete dos ritmos e música pan-americana, cantora de apreciáveis recursos, e possui um autêntico "virtuose" do teclado em Giuseppe Mastroianni. Aluno que foi da pianista Djanira Barbalho, agora sob orientação do maestro Manoel Augusto, no Conservatório Pernambucano de Música, o pianista Mastroianni muito poderá oferecer em prol da arte musical nordestina, talentoso como é, cônscio dos seus deveres e de sua arte, merece os nossos encômios e a simpatia dos seus conterrâneos. "Discoteca", que sempre incentivou os novos, ajudando-os na labuta artística, não poderia ficar indiferente em se tratando de autênticos bandeirantes da radiodifusão no Brasil. Oportunamente, ofereceremos aos nossos leitores maiores detalhes em tôrno dessa gente boa e simples, amiga leal, verdadeiros apóstolos da música e do rádio nacional.

CLARIBALTE PASSOS

NOVAS VITÓRIAS DO "DELICADO"



Waldyr Azevedo

* Conforme já anunciamos, anteriormente, o instrumentista Waldyr Azevedo continua obtendo triunfos sensacionais com o seu baião-milionário — "Delicado". O famoso "band-leader" norte-americano Stan Kenton acaba de gravar essa composição em disco "Capitol Records". Ao mesmo tempo, a "Decca" lançou de "matriz" nacional, da gravadora "Continental" essa popular melodia. Sucederam-se, após, a "Decca" francesa e a "Mercury Records". Aguardemos uma grande reportagem que vamos publicar dentro de alguns dias.

OS MAIORES SUCESSOS NACIONAIS



Dóris Monteiro

* Dóris Monteiro a linda "estrêla" da Tupi, cujo aparecimento no fundo fonográfico com o samba "Se Você se importasse" de Peterpan, ainda hoje é sucesso de venda e popularidade, acaba de lançar o seu segundo disco. Trata-se de "Quantas Vezes", samba de Peterpan e "Bate um sino além", melodia do mesmo gênero, em etiqueta "Todamérica". Indicamos para a sua coletânea.

(CONCLUE NA PÁGINA 77)

César de Alencar

SEÇÃO NACIONAL

Iniciamos aqui, nosso julgamento das gravações juninas de 1952, analisando o disco "Sinter" recém-lançado, de número 00-00.149. Face A: — "Fale na orelhinha de cá" (baião) de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira. Face B: — "Jica-Jica" (baião) de Dósinho-Carvalhinho-Manézinho Araújo. Interpretações vocais de César de Alencar e Heleninha Costa, acompanhados por pequeno Conjunto. Ambas as composições têm, realmente nítido cunho regionalista, com interessantes temas melódicos e textos literários bem ao gôsto do público. Todavia, o relêvo de "Fale na orelhinha de cá" é evidente. Trata-se de um excelente disco no gênero característico da nossa música popular. Ótima a conduta artística da dupla César-Heleninha. Cotação geral: ÓTIMO. Valor artístico: BOM. Valor comercial: promissor.

C. P.

OS DOIS DISCOS DO MÊS



Receba mensalmente os dois melhores discos de ÚLTIMOS SUCESSOS POPULARES lançados no Rio ou em São Paulo, POR APENAS Cr$ 55,00 SO' PAGOS cada vez que receber os discos no correio, pelo reembolso postal.
BASTA MANDAR seu nome e endereço para
ASSOCIAÇÃO DAS DISCOTECAS BRASILEIRAS
Caixa Postal — 4600 — Rio
Endereço Telegráfico — DISCOBRASI - RIO
MUITAS OUTRAS VANTAGENS lhe serão oferecidas imediatamente

Do MEU CANTINHO... PARA SEU LAR

Por MARIA CLARA

Victor Hugo, o grande escritor francês, utilizou-se em tôda sua vida, de penas de pato, para escrever as suas obras.

—x—

Os egípcios foram os primeiros em adotar e estudar a arte da perfumaria como um signo de cultura.

—x—

As rosas foram as primeiras flores usadas na fabricação dos perfumes.

—x—

Se a lapela do casaco está enfeitada com qualquer broche ou flor, a gola da blusa não deve ter outro adôrno.

—x—

Nunca se deixe dominar pelo desânimo. Reaja sempre e verá que consegue o que pretende.

—x—

A última obra de Moliére (1673), intitulava-se "O doente de Scisma", traduzida em verso pelo visconde de Castilhos.

—x—

Devemos fazer todos os dias alguns minutos de exercício de movimentos de respiração profunda para desenvolver e fortalecer os pulmões.

—x—

Xuthos é o nome que os gregos antigos davam á cerveja. Os latinos chamavam-lhe: curmen, siclea e cerevisia.

—x—

Allan Kardec é o pseudônimo de Léom Hippolite Denizart Rivail, o codificador da doutrina espirita. Nasceu em Lyon, a 3 de outubro de 1804 e faleceu em Paris em 31 de março de 1869, com a idade de 65 anos. Os seus restos mortais repousam no cemitério de Pére-Lachaise, em um túmulo que é um monumento dolmético.

—x—

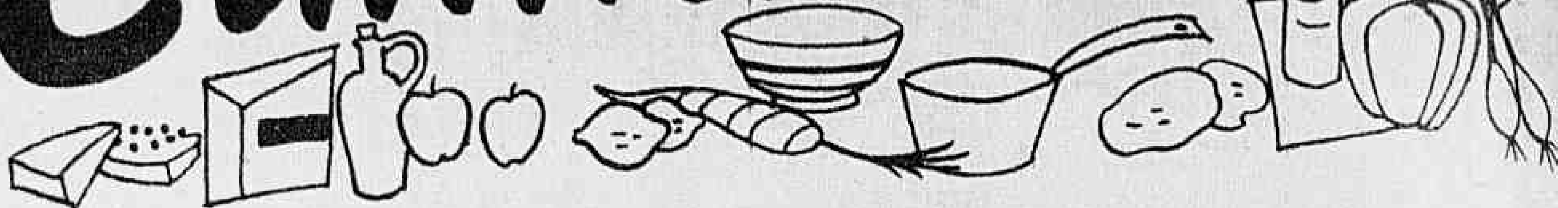
A tatuagem, segundo Heródoto, marcava, na Thrácia, a hierarquia e a nobreza.

—x—

Delly é o pseudônimo pelo qual se tornou famosa a grande romancista Marie Petitjean de la Rosiére, falecida em Versalhes, em abril de 1947, com a idade de 65 anos.

—x—

Culinária



Maria Celeste Ribeiro Barroso

PASTÉIS DE CAMARÃO — 2 xícaras de leite, 2 de farinha de trigo, 2 colheres de manteiga e pouco sal.

Leva-se ao fogo numa panela os ingredientes acima, logo que ferver liga-se a farinha de trigo de uma só vez, isto é, desmanchando antes a farinha com leite frio. Retire-se do fogo até desmanchar bem. Leva-se novamente ao fogo até que fique bem cozido e põe-se para esfriar.

Recheio: 2 xícaras de chá de leite, 2 colheres de maizena, 4 gemas. Ligar tudo e fazer um crême em fogo brando.

Faz-se um refogado com temperos e camarões, põe-se a cozinhar por alguns minutos numa panela tampada. Depois do môlho pronto junte-se-lhe o crême fora do fogo.

Abre-se a massa com o rôlo, passando um pouco de farinha de trigo para evitar que os pastéis fiquem encharcados.

PANQUECA DE CARNE — 1 copo de leite, 1 copo de farinha de trigo, 2 ovos inteiros, sal, e uma colher das de chá de fermento em pó.

Misture todos os ingredientes muito bem, batendo ligeiramente. Tome uma frigideira das menores do tamanho das panquecas que desejar. Unte levemente com gordura ou manteiga. Esquente a frigideira em fogo brando e só então deite dentro um pouco da massa, mas apenas uma camada fina, que dê para forrar o fundo. Passados uns minutos, quando perceber que a parte de baixo já está de boa consistência, (não deixe tomar muita côr) vire as panquecas com um garfo rápido. Assim que retirar do fogo, recheie cada panqueca com um recheio qualquer — um crême de camarões, um picadinho de carne, ou linguiça ou um picadinho de frango. Enrole uma a uma e arrume num prato. Cubra com môlho de tomates e polvilhe com queijo ralado. Sirva bem quentes.

OVOS AO MOLHO DE QUEIJO — Ovos, 50 gramas de manteiga, meio litro de leite, farinha de trigo 500 gramas, sal, noz moscada ralada meia colherinha, queijo, tipo Gruyàre 30 gramas.

Dourar a farinha na manteiga e adicionar depois a esta mistura o leite. Temperar a mesma com o sal e a noz moscada. Deixar ferver um minuto mais e deitar na composição o queijo ralado, e remover bem a mesma até que o queijo se encorpore bem ao môlho. Amanteigar uma travessa e colocar na mesma os ovos cozidos e cortados em metades. Verter sôbre êstes o môlho e levar a travessa ao fôrno até que se torne dourada a superfície da composição.

SALADA DE FRUTAS À JAPONESA — Tome um pequeno abacaxi e parta aos pedaços. Faça o mesmo com 6 laranjas e 4 tomates grandes sem sementes, tudo bem gelado. Tempere com 1 pitada de sal e o caldo de 1 limão, deite, às colheradas, dentro de 12 grandes folhas de alface branca repolhada, e arrume num prato. Se quiser, ponha 1 colherzinha de crême de leiteria sôbre as frutas.

BISCOITOS SALGADINHOS — 1 quilo de farinha de trigo, 1 xícara de banha derretida bem cheia e fervendo, 2 colheres bem cheias de açúcar, 2 colheres de amoníaco, meia colher de sal, 2 ovos, 2 xícaras de leite.

Põe-se numa bacia a farinha de trigo, faz-se um buraco no centro e deita-se o açúcar e o amoníaco, escalda-se com a banha fervendo. Misture-se bem estes ingredientes, acrescenta-se os ovos e amassa-se com o leite. Depois de muito sovada, abre-se com o rôlo bem fininha. Com a faca corta-se tirinhas de 3 centímetros e faz-se os biscoitos. Dora-se com gema, manteiga e um pouco de sal.

SOUFFLÉS DE QUEIJO — 2 colheres de sôpa de manteiga, 3 colheres de sôpa de farinha de trigo, meia xícara de leite, 1 pitada de pimenta do reino, meia xícara de queijo ralado, 3 ovos, sal.

Derreta a manteiga em banho-maria e junte a farinha, mexendo para dissolver bem. Adicione o leite, pouco a pouco. Junte a pimenta, o sal e o queijo. Bata as claras em neve e reserve. Bata as gêmas, junte a mistura quente do queijo, misture bem e deixe esfriar. Despeje depois esta mistura às claras em neve, mexendo bem. Asse em fôrma "pyrex" untada em banho-maria, fôrno moderado, mais ou menos durante 30 minutos.

SEGREDOS DE BELEZA



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÊL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÊL-HORMON n.º 2. BÊL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÊL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÊL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

MARITA



UM busto perfeito, firme, de tamanho médio realça a harmonia das linhas, põe em evidência a sua silhueta, de mulher. Mas um busto bonito só se pode alcançar por intermédio das massagens, fricções, duchas de água fria, que são eminentemente tônicas para os tecidos, e a ginástica respiratória. O estado geral do organismo influi, poderosamente, da firmeza do busto. E' pois necessário que o organismo esteja calcificado e a prática da ginástica ajuda-a conserva-los em boa forma. As massagens constituem um dos recursos excelentes quando se tem constância e não se abandonam dentro de breves dias.

A influência é todavia, notável. Praticam-se levantando um braço e logo aplicando-se massagem enérgica em toda a região do peito até o bordo saliente do músculo peitoral. Em seguida procede-se da mesma forma, erguendo-se o outro braço. Continua-se depois pela linha média do peito, até os flancos, alcançando-se tão atrás quanto seja possivel. Não se deve esquecer também a zona em redor do pescoço. E' bastante significativo isto, porque se trata de uma das zonas que mais cuidados merecem dada a sua evidente importância no conjunto da beleza do busto. Em geral, dez ou quinze minutos por dia de tratamento serão suficientes para se acelerar a circulação e nutrir os músculos. As duchas de água fria são mais eficazes, quando aplicadas depois de um banho morno. Às tais duchas se adicionam sal grosso de cozinha, usando-se uma colher de sopa por litro dágua. As fricções com vinagre branco ou sumo de limão sentem também grande efeito. São bastante recomendáveis como boas as fricções de sumo de limão misturado com aguardente. Eis umas sugestões preciosas para você conservar um belo busto.

* * *

A maquilagem dos olhos não é tão simples como parece. Há mulheres que usam um traço nas pálpebras inferiores e envelhecem bastante, sendo êsse detalhe impróprio à luz do dia. O primeiro passo para uma perfeita maquilagem de olhos é usar um colírio suave, tôdas as noites e antes de sair à rua. Êsse colírio descongestiona, clareia e faz brilhantes os olhos cansados. Em seguida vem o rimel. Molhe a escovinha em água ligeiramente morna, esfregue-a levemente sôbre o bastãozinho de rimel e depois, com a mão firme, passe-a sôbre os cílios penteando-os. A aplicação vai da raiz à ponta, dando-lhes ao mesmo tempo uma ligeira curvatura. Use rimel azul ou cinzento se tiver olhos azuis, para olhos castanhos rimel verde, para a noite, e castanho, para o dia, para os olhos pretos rimel castanho bem escuro. Só aplique o rimel nos cílios superiores, pois nos cílios inferiores envelhece e dá aos olhos uma expressão cansada. Se os seus cílios forem muito retos e pouco flexíveis poderá recorrer ao uso do ondulador especial. Êsse aparêlho concorre para dar uma viva expressão aos seus olhos. E finalmente ainda existe a sombra das pálpebras e que muito auxiliará a sua beleza. Mas lembre-se desta observação: sombra só à noite, sob a luz artificial. De dia é muito ridículo e abate bastante a sua fisionomia. Tenha, pois, o máximo critério ao fazer a maquilagem dos seus olhos. Você poderá ficar maravilhosa ou simplesmente mascarada, dando uma péssima impressão por onde passar.

* * *

CORRESPONDÊNCIA

ZULMIRA (Rio) — A pele escamosa ou retesada pode ser melhorada com agentes corretivos. Uma camada de creme após o banho opera maravilhas. Utilize um creme de consistência leve, destinado a amaciar a pele e assim livrá-la dos pontos negros. Sempre que for possivel faça massagens com a ponta dos dedos, em movimentos giratórios para estimular a circulação.

CRESCER ATÉ 16 cms.
EMAGRECER OU ENGORDAR
UM ASPECTO FISICO IDEAL
Em breve tempo (só 6 minutos diarios) com aparelhos patenteados, garantidos USA de terapia orto-mecanica. Surprendentes resultados em qualquer idade e parte do corpo desejado. Referencias medicas. Maximo sigilo.
PEÇA CATALOGO ILUSTRADO GRATIS A:
C. BERN Ltd.-Cx. Postal 9244 S PAULO

SEIOS PERFEITOS
APARELHO "STAR"
CREME "SEIN APPEAL"
Segredo de Hollywood
os mais modernos e eficazes meios para embelezar o busto
MAXIMA DISCREÇÃO
peça Folheto GRATIS a:
L. LIVIERO. caixa postal 9229 - SÃO PAULO

Cravos e Espinhas
Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais
Dr. Pires
(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
Rua México, 31 - 15.° — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso
Nome ....
Rua ....
Cidade .... Estado ....

MORREU SORRINDO

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 9)

nos a Bíblia, os cães devoraram. Célebre pelos seus crimes e impiedade, rainha de Judá, seu próprio povo justiçou-a no século IX, antes de Cristo, assassinando-a.

Mas, Sonia não tinha nada com essa gente. Era de descendência russa e não judaica. E brasileirinha legítima. Uma linda carioquinha com pouco mais de vinte anos. Não venham dizer que se pagam os pecados de outras vidas que tivemos. Se Sonia foi rainha, não foi de Judá... Ao contrário. Reunia à sua beleza dotes de um coração enternecido e cheio de doçuras.

Mas, agora, ouço de novo soar aos meus ouvidos a toada da ciranda:

Coração! ri devagar...
Não vais a dor acordar!

★

Sonia viveu e morreu sorrindo. Isso constataram os jornalistas que a viram morta. Os fotógrafos não quiseram fotografá-la no local do acidente. Mas podiam ter feito. Nem a morte, nem a dor, apagaram o seu sorriso. Era tão bela viva quanto depois de morrer. A dor não acordou no seu coração pequenino. Sonia era "mignone". Uma boneca de porcelana mas com a alma cheia de uma intensa alegria de viver.

E, quem sabe? vivia no momento trágico do desastre um instante feliz, que, por vezes, vale mais do que a vida — o instante em que chega o amor...

HISTÓRIA DE UM...

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 17)

breve, atingiamos a casa dos duzentos mil discos vendidos! Começaram a aparecer contratos aqui ,e para o exterior, parecia até sonho".

A TERRA DE SAN MARTIM

— "Buenos Aires, a linda e próspera capital da República Argentina, foi a nossa etapa inicial. Lá ficamos boquiabertos com a acolhida, o carinho do povo, a emoção causada pela música brasileira! Tudo era inacreditável para nós. Era quase irreal. No rádio, nas "Boites", e até mesmo nas ruas, o ar respirado era o "Delicado". Uma senhora chegou a despedir a empregada por haver quebrado o único disco que possuia do Waldyr! Vimos cenas e fatos que contando parece romance ou mera criação literária. Depois, o ambiente fonográfico local ofereceu margem para lançamento de várias gravações dessa música, chegando a cinco o número delas. Homenagens, recepções na alta sociedade, os jantares com o "Menu a la Azevêdo", caiam sôbre nós como se fôsse chuva. O nosso conjunto instrumental brilhou, liderado por mim e o Waldyr, divulgando todos os gêneros da nossa música. Que sucesso!"

NO URUGUAI

— "Não demorou muito as merecidas férias que exigiamos. Veio logo um contrato para irmos a Montevidéu, no Uruguai. As manifestações carinhosas, afetivas, oficiosas e particulares, também ali se renovaram. Nossos companheiros brilharam ao nosso lado. Repartimos, fraternalmente, tudo quanto nos dispensavam povo, rádio e imprensa dessa hospitaleira terra sul-americana. Trabalhamos a valer. Todavia, nossos esforços e energias foram amplamente recompensados. Embora diante de fatos, circunstâncias, e até costumes diversos no âmbito social e artístico dessa grande nação latino-americana, experimentávamos, sem dúvida, o ambiente amigo e aconchegador do nosso próprio lar".

AS NOVIDADES

— "Agora que estamos de novo em casa, nesta incomparável e dadivosa terra brasileira, devo acrescentar as últimas novidades em tôrno da carreira artística do Waldyr. Especialmente a recente carta que lhe foi dirigida pela "Decca Records" dos Estados Unidos da América do Norte, nos seguintes termos: — "Caro Sr. Azevêdo: Estamos ansiosíssimos em receber dados biográficos de V. S., bem como detalhes de sua carreira artística, a fim de consubstanciarmos um extenso plano publicitário que iremos fazer em tôrno da sua estupenda gravação de "Delicado". Como é do seu conhecimento, temos em sêlo de nossa fábrica e em nosso Catálogo, essa popularíssima composição, e inúmeros são os pedidos de informação a seu respeito que nos chegam às mãos. Agradeceriamos que os dados nos fôssem fornecidos com a máxima brevidade, o que antecipadamente lhe agradecemos. Sinceramente seu, — Michael Conner — Diretor de Relações Artísticas".

O FUTURO E O LAR

— "Longe de mim, modesto instrumento, impôr-me diante de vocês e monopolizar-lhes tôdas as atenções no curso desta narrativa despretensiosa. Faço questão de apresentar-lhes essas maravilhas que são as filhinhas do meu dono: a Marli e a Mirian. Elas constituem o maior tesouro do seu lar, juntamente com a sua dedicada e bonita esposa. Marli é a mais nova, e Mirian, a mais velha, elas é que o inspiraram a compôr a encantadora melodia "Pedacinhos do Céu". Na verdade, os olhos dessas lindas crianças têm a cor azul clara do firmamento, numa linda tarde de estio. Waldyr dá-lhes todo o confôrto, carinho, atenções. Em suma: vive em função delas, e para elas. Possui uma bela e aprazível residência, ultimamente reformada, com a necessária comodidade para a família. Pretende ir aos Estados Unidos e à Europa, numa demorada "tournée", às expensas, provàvelmente, de grandes firmas. Orgulha-me, sem dúvida, haver contribuido para a glória e êxito merecidos do Waldyr. De minha parte desejo apenas continuar usufruindo aquêle mesmo afeto de antigamente, é a melhor recompensa para minha alma diferente de instrumento. Aqui me despeço de vocês, pedindo-lhes que queiram sempre e incentivem ao Waldyr".

QUANDO SIMPATIA...

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 24)

Um dos atores que se apresentou, junto com o grande "astro" de Hollywood, John Garfield, em "Golden Boy", disse que últimamente êle parecia nervoso e deprimido.

John era filho de um alfaiate de um bairro pobre da parte baixa de Manhattan. Depois que deixou a escola, transformou-se em vagabundo e percorreu os Estados Unidos principalmente oculto em trens de carga e ganhando a vida com trabalhos no campo. Idealizando um dia trabalhar como ator, abandonou sua vida aventureira, indo trabalhar de graça no teatro de Eva Gallienne. Daí por diante, começou então sua ascenção na carreira artística, dando-lhe sempre, e cada vez, mais, prestigio como grande ator, tanto no teatro como mais tarde no cinema.

O último filme de John Garfield foi "Re Ran All The Way", e o ator estava preparando, em Nova Iorque, uma excursão teatral de verão, pelo interior dos Estados Unidos.

CARIOCA, no propósito de informar aos seus inúmeros leitores e fãs de John Garfield, publica êstes dados sobre a vida do grande "astro" que Hollywood acaba de perder.

APAGOU-SE UM...

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 19)

«descobertas» que mais tarde, com o correr do tempo, se tornaram verdadeiros cartazes. E foi exatamente o que ocorreu com Eleanor. Chegou, foi vista e venceu ! Após passar em todos os testes, foi contratada pela Warner Bros e lançada no seu primeiro papel, como «filha» do embaixador Davies, no celulóide «Missão em Moscou». Depois dêsse sucesso, seu contrato foi renovado e outros papéis se sucederam, sempre dando os mesmos resultados satisfatórios. E assim se passaram nada menos que 17 filmes. Sua última interpretação está destinada a lhe trazer novos louros, uma vez que foi dirigida por um dos maiores diretores do cinema americano, que é William Wyler, num celulóide que já conquistou alguns prêmios, como é êste «Chaga de Fogo» (Detective Story) onde ela aparece ao lado de Kirk Douglas e William Bendix.

A QUARTA...

Conclusão da página 49

trimônio. A vida a dois é uma experiência perigosa e frequentemente fatal. Pessoalmente sou selvagem e ferozmente independente. Na minha vida tem-me acontecido ser privada do amor pelo fato de não poder suportar a presença constante de um ser.

— E Sacha Guitri ? Vocês se casaram e levaram juntos muito tempo, interrompe o reporter.

Aí a fisionomia de Genevieve toma uma expressão diferente e ela responde:

— Sacha, diz a artista lentamente, foi o único homem a quem amei verdadeiramente. Ele me fez profundamente feliz. E' um ser, senão superior, pelo menos único.

A conversa prossegue e Genevieve confessa que os homens bonitos sempre lhe inspiraram desconfiança. Esse não é, por certo, o seu ponto fraco: a beleza física do homem.

Por último a antiga esposa de Sacha fez esta confidência:

Sou uma mulher que foge do amor.

7.ª ARTE

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 57)

go Aloysio Fragoso é um esteta autêntico, fiquei, espantado e mesmo alar-

mado dele haver gostado desse negócio. A verdade é que para gostar de uma fita, assim, é, como disse um amigo comum, Paulo Solon — "quem devia estar no asilo era o doutor Aloysio." Mas, meus amigos, Clifton Webb vem ai em outra fita e Aloysio Fragoso é um rapaz inteligente maravilhoso.

JARDEL FILHO
Um triunfo de ponta a ponta

Jardel Filho está na ordem do dia. Tôda a cidade comenta a sua luminosa vitória no papel de Marcos, vivendo, como assinala a crítica especializada, marcantemente o personagem de Anouilh. "Jezabel" constitui assim o prêmio justo e merecido ao seu talento e à sua devoção ao teatro, onde ingressou adolescente e agora, aos vinte e três anos, colhe uma surpreendente afirmação de seu valor e mérito reais. Surgindo há cêrca de seis anos, aproximadamente, na estréia de "Os comediantes", que assinalaram uma forte presença no teatro nacional, Jardel Filho, quer pela sua figura máscula, quer pelo seu talento moço, foi recebido como uma promessa feliz e promissora, naquele tão significativo acontecimento de renovação do teatro nativo. Descendente de uma família de estirpe no teatro brasileiro, Jardel Filho iria manter a tradição e criar renome como o tempo confirmaria mais para diante. Assim, de "Desejo" (que foi a peça de estréia dos "Comediantes"), de O'Neill, a "Jezabel", de Anouilh, Jardel Filho fez a sua trajetória de afirmação e glória. Conquistou, com o seu esfôrço e estudo, a posição que ora vive na cena brasileira. Se em "Desejo" êle era um autêntico personagem de O'Neill, em "Jezabel" é o próprio Marcos que Anouilh sonhou na sua autenticidade. Ainda com os "Comediantes", participou, ora aqui, ora em São Paulo, em "Rainha Morta", "Era uma vez um prisioneiro", "Vestido de noiva" e "Terras do sem fim", o livro de Jorge Amado que Graça Melo, com extraordinária habilidade, fez peça de teatro, onde Jardel Filho estava esplêndido e foi a peça com a qual "Os Comediantes" encerraram sua carreira de sucessos artísticos, deixando uma lacuna impreenchivel no teatro brasileiro. Depois Jardel Filho trabalhou ao lado de Dulcina, figurando na "Filha de Iori", de Danunzio e em "Já é manhã no mar", de Maria Jacinta, recebendo a "Medalha de Ouro" da Associação de Críticos Teatrais, como a revelação do ano. Com Dulcina fez ainda a reapresentação de "Chuva", "Anne Cristie" de O'Neill, "Aguia de duas cabeças" de Cocteau, "Avatar" e "Dona do mundo", ambas de Genolino Amado. Fez uma pausa e voltou ao lado de Bibi Ferreira, onde fez "Senhora", "Diabinho de saias", "A hipócrita", "Beija-me e verás", "Minhas queridas esposas", "Scampolo", etc. Participou do teatro revista, onde provou o seu valor em qualquer gênero, se bem que seja superior o seu talento dramático, figurando nos "Escândalos de 50", e foi especialmente contratado para o Teatrinho Jardel para estrelar ao lado de Mara Rubia e Valter D'Avila. Depois de um pequeno estágio, foi convidado para ser o galã de "Manequim", de Henrique Pongetti. Até que Carlos Brant e Helio Rodrigues, esses dois empresários que têm modificado com segurança e impertinência idealista o teatro nacional, tiveram a idéia de convocar Jardel Filho para "Os Artistas Unidos", onde a figura fascinante de Madame Henriette Morineau é centro e atração máxima. Ao contrário do que era de se esperar, madame Morineau, que é uma das mulheres mais excepcionais do nosso teatro, despindo o grupo que orienta daquilo que se chama estrelismo barato, tem feito uma obra meritória e digna dos mais irrestritos aplausos, compondo um teatro de equipe autêntico e valoroso. Estreando em "O complexo do meu marido", Jardel fez "A poltrona 47", "Um cravo na lapela", "Os ovos do avestruz" onde tinha uma "ponta" e agora" onde divide as honras do estrelato com Henriette Morineau. Assim sendo a orientação que "Os Artistas Unidos" imprimiram ao seu destino já definido na história do teatro brasileiro, é de que o artista trabalhe. Uma "ponta" ou um primeiro papel, o que vale não é o tamanho de texto, mas sim a qualidade do trabalho.

Jardel Filho é com "Jezabel" apontado unanimemente por tôda a crítica especializada para o prêmio máximo de interpretação masculina, o que de certo modo é um caso inédito no teatro brasileiro. Henriette Morineau, emocionada com o sucesso do seu pupilo, disse — "é como um filho que tive, o sucesso de Jardel no Marcos, pois precisamente há nove meses em 23 de agosto do ano passado, êle estreava ao meu lado".

Jardel Filho é sem favor algum um dos mais credenciados valores da nova geração e, segundo prognósticos, fará ainda este ano sua estréia no cinema.

Post-Scriptum

Bilhete para Maria Rossi (Araras) — Agradeço-lhe sinceramente a sua presença simpática e terna. Suas palavras, Maria, são dotadas da beleza e pureza que emanam do seu nome. Sempre que tiver tempo, retorne para conversarmos mais longamente. E creia-me amigo.

PARA O SEU RECREIO

Conclusão da página 67

com o desenho. Procure fazer os próximos problemas dentro do critério estabelecido nesta seção. Volte sempre.

Comunicamos aos nossos prezados leitores que somente serão publicados os problemas que vierem feitos a tinta nanquim e orientados pelo Peq. Dic. Bras. da Língua Portuguesa. Pedimos-lhes também que sejam evitadas palavras invertidas, incompletas ou iniciais de nomes.

CURIOSIDADES

Se um americano de São Francisco desejar oferecer à noiva, que vive em Denver, um pequeno, ou grande presente, ido diretamente de Paris, não há mais nada a fazer do que dirigir-se ao Sr. Denis e fazer-lhe a encomenda. Dez dias passados, a noiva receberá, por avião, um embrulho feito em papel ilustrado com cenas da vida parisiense e marcado com um rótulo dourado: "The Flying gift from Paris".

O Sr. Denis, inventor do "Flying gift", o presente voador, organizou um catálogo luxuoso onde aparecem desde o modesto frasco de perfume, por 7 dólares, até à reconstituição de uma carroça de pipas de vinho enviada por Luiz XV ao imperador da China, e que custa apenas 89 dólares. O presente mais caro é uma cópia, exata, de uma toalha bordada, que num Natal foi oferecido à princesa Isabel: 575 dólares.

Mas o Sr. Denis continua insatisfeito. O sonho dêle é estender a sua rêde de "presentes voadores" a todo o mundo.

*

A corporação de fomento colonial britânico está estudando o estabelecimento de instalações para converter a polpa do bagaço de cana de açúcar em papel, no território britânico das Caraibas.

Os tecnicos britânicos dominaram o processo de conversão do bagaço em papel, havendo demonstrado a conveniência econômica do processo. Já em 1941 facilitaram conhecimentos técnicos na primeira fábrica de produção em grande escala, situada nas Ilhas Filipinas.

*

Um professor peruano, cuja fama repercute em tôda a América Latina, visitou escolas técnicas e politécnicas da Grã-Bretanha.

Trata-se do doutor Don Fernando Romero, especialista em instrução prática do Departamento de Assuntos Culturais da Organização de Estados Latino-Americanos. O ilustre professor esteve numa dessas visitas a convite do British Council na famosa escola.

*

Não há forma da bisbilhotice internacional se conformar com o segredo em que decorreu numa reunião secreta, já alguns anos realizada em casa do presidente Truman.

Em Londres, o órgão liberal "News Chronicle", depois de criticar "o segredo" que envolveu essa conferência: "Indubitàvelmente a conferência teve grande importância. Mas ninguém sabe o que se passou. Parece-nos inútil todo êste mistério. Quando as pessoas se põem a adivinhar, pode ter-se a certeza de que as conjecturas são piores o que a realidade", foi o que disse um jornal de Portugal.

*

O maharajá de Cachemira, considerado o homem mais rico do mundo, recusou deixar seu filho à porta de um dos cassinos da França.

Ao fiscal que lhe disse: "Alteza, a sala está interditada a menores", o rico maharajá respondeu: "Meu filho tem 27 anos".

E, na verdade, segundo um repórter descobriu, o rapazola não tinha naquela época mais do que 17 anos...

TRÊS EXISTÊNCIAS NO...

(Continuação da página 37

outros papéis mantém a eficiência e o esfôrço, conforme, entre outros, em "Danças do Principe Igor", "Sinhô do Bonfim", "Papagaio do moleque", "Salamanca do Jarau" e "Quadros de uma exposição". É esforçadissima. Fora do "ballet" Ivone, prefere os concertos sinfônicos e de música pura.

Rosemary Brantes, ao contrário das suas antecessoras, demonstra inclinação apenas para o gênero brilhante. Possui qualidades técnicas de inegável destaque e tambem deverá progredir muito na carreira que abraçou. Além de figura adequada para a sua tendência tem igualmente notória fôrça de vontade. Começou a estudar "ballet" na sua cidade natal — S. Paulo, com as professoras Alina Biernascha e Maria Carmen Brandão. A primeira interpretação foi o "Bolero", de Ravel. Seguiram-se, entre várias outras, a "Morte do cisne", "Czardas", de Delibes; "Polonaise" de Chopin; "Papillon", de Mendelssoln; "Sonho fantástico", de Delibes e outros. Transferindo-se, em 1949, para o Rio de Janeiro, matriculou-se no curso oficial da competente mestra Madeleine Rosay. Naquele ano logrou o primeiro lugar entre as alunas da sua turma, sendo premiada com uma medalha de "vermeil" por sua justa aplicação. No ano seguinte, no espetáculo anual da Escola de Baile, foi a "lua" da dança das horas e viveu, com brilho, o solo "Valse Bluette", com música de Drigo, e "La Danza", de Rossini. Merecidamente, fez jus ao ingresso no Corpo de Baile do Teatro Municipal. Em 1951, data do seu ingresso, apareceu bem em "Maracatu do Chico Rei", em "Stella del Circo", uma das amigas de "Coppelia" e tambem integrante das Willis, de "Giselle". No corrente ano, em "Sinhô do Bonfim"; "Danças do Principe Igor", "Salamanca do Jarau", "Quadros de uma exposição", "Bodas de Aurora" onde logrou a sua melhor oportunidade, na primeira variação, papel dificil mas cumprido de forma a lograr destaque.

Em Buenos Aires, onde recentemente esteve, Josemary cursou as aulas de Vadislav Liniewski, do Teatro Colón. No Rio de Janeiro os seus mestres foram: Marila Gremo, V. Veltchek, Madeleine, Pierre Klimov, Eduardo Caton e Tatiana Leskova, que lhe outorgou a "chance" da discutida variação inicial de "Bodas".

Fora do "ballet", Josemary prefere o estudo do piano.

QUARTETO NOTURNO...

(Continuação da página 41)

ra em seu "atelier". Pinta, esculpe e expõe: está vencendo. A fim de se inspirar, recorre ao uisque e à música dos bares e "boites", em noites boêmias. Breve irá expôr os quadros que exibiu no Museu de Arte Moderna, no bar "Sirocco" ou no "Posto 5", este último decorado atualmente por Di Cavalcante.

III

Pat King é uma simpática irlandesa que atua em uma de nossas principais "boites". Faz, este mês, justamente um ano que ela chegou ao Brasil; e gostou tanto da "Cidade Maravilhosa", que resolveu ficar. Comemorando a passagem do seu primeiro ano em nossa terra, Pat ofereceu um "drink" à imprensa no local de suas apresentações noturnas.

IV

O grande sucesso da temporada verão-outono foi, sem dúvida, o cantor Fernando Albuerne, "El trovador del Caribe", que, na casa de recolhimento noturno da praça Mahatma Gandhi, conquistou muitas palmas. Albuerne esteve acompanhado pelo pianista Santos Menendez. Os "Lecuonas Cuban Boy's", Agustin Lara e Eva Garza foram as outras grandes atrações da temporada internacional de outono, nas "boites", "grills" e "Night Clubes" cariocas, onde se agita e vibra a boemia, um mundo de notívagos, fumo e bebida, cartazes com fôros de "Bib atraction" e lindas coristas.

PALESTRANDO COM...

(Continuação da página 45)

desincumbiu-se às mil maravilhas! A rudeza da voz, a imponência do corpo, as carecteristicas fisionômicas e os movimentos apresentaram-se como um formidavel "papel carbono" do temivel batalhador.

E, assim, surgiu, no palco do Teatro Rival, um perfeito Napoleão. Seu intérprete chama-se Ilidio Costa. E não é um dos nossos famosos artistas. Não. Ilidio Costa tem tido uma vida artística modestssima e, se o analisarmos detalhadamente, chegaremos à conclusão de que êle nasceu para fazer apenas um grande personagem em tôda sua vida — O Grande Imperador. No mais, Ilidio Costa tem apenasmente representado em "pontas", sendo êste seu principal oficio.

Sua biografia é pequena. Um homem que começou a arte em 1941, pontando na Companhia de Vicente Celestino, quando êste representava o "Ébrio". Depois teve a idéia de representar e foi viver um papel na peça "Casa de loucos". Foi uma loucura e um fracasso completo. Voltou a pontar e integrou-se na companhia de Bibi Ferreira. Justamente na ocasião em que esta montou "Os amores de Sinhasinha" Ilidio tinha um pequeno papel de um padre. Trabalho insignificante. Bibi havia prometido uma outra oportunidade e tinha mesmo em vista lançar o desconhecido Ilidio. Mas, por conveniência aceitou um contrato para ir trabalhar em Londres, e com a Bibi, foi-se a grande oportunidade de Ilidio. Trabalhou depois com Sandro e Itália Fausta e com Delorges.

Finalmente surge a hora decisiva. Na companhia de Alda Garrido, Ilidio teria que substituir Delorges, que estava contratado para Portugal. Era um papel importante na peça, "Se o Guilherme fôsse vivo". E a coisa saiu a contento. Outros pequenos personagens surgiram para ser vividos por Ilidio, que ficou na companhia de Alda Garrido. Até que apareceu a grande oportunidade — NAPOLEÃO.

Para a vida de um artista, basta apenas um papel. Ilidio terá fama para o resto da vida. Será sempre um eterno Napoleão. Assim como o verdadeiro ficou célebre, Ilidio terá ai o comêço de sua celebridade. E' um artista de primeira categoria e duvidamos que muitos outros fossem capazes de conseguir essa ressureição do batávo, que costumava dizer: "Os soldados timidos e fracos deitam a perder a independência das nações; mas os magistrados pusilânimes destroem a soberania das leis, os direitos do trono e a própria ordem social".

Parabens à companhia de Alda Garrido! Cumprimentos ao Ilidio Costa pelo seu condigno trabalho de interpretação histórica!

E Napoleão continua redivivo!...

VARIEDADES MUSICAIS

(Continuação da página 47

* O jovem cantor Orlando Ribeiro está presente, mais uma vez, no suplemento em epígrafe. Desta feita, temo-lo interpretando "Mariana", xote de Humberto Teixeira, e "Laço branco", cateretê mineiro de Ary Barroso.

* Para a petizada que gosta de brincar de roda, recomendamos a gravação da face "A" do disco de Hebe Camargo, para as festas juninas: "De ôlho nêle", valsinha de roda de Ribeiro Filho. Na outra face vamos encontrar "Santo Antônio, por favor", marcha do mesmo autor. Hebe é acompanhada por Regional.

* Com Zé Gonzaga, com acompanhamento de Regional, temos o disco composto das seguintes músicas juninas: "Ai, ai, São João", polca de J. Mendonça e Attila Nunes, e "Vem cá, Bichinha", baião-ligeiro de H. Teixeira e Zé Gonzaga.

*

NA ELITE — Novidades para São João: Com Neide Fraga — "Baião de tustão", marcha de Sereno e A. Godinho, e, em dueto com Homero Marques, "Vamos namorar?", baião de Maugéri, Neto e Maugéri Sobrinho; finalmente, com Dê Moraes e Doquinha — "Prece a São João", baião de Irmãos Orlando e O. Silva, e "Meu balão", marcha de Zépraxedi e Dê Moraes.

*

NA RCA VICTOR — As novidades dêste ano, com relação aos festejos juninos, já foram divulgadas. Agora, desejamos fazer referência a discos lançados anteriormente: "Tu" e "São João", dois sambas na interpretação de As Três Marias; "Os direitos são iguais", samba, e "São João do Barro Preto", marcha, com Linda Batista; "História Junina" e "Ultima estrofe", duas bonitas canções na voz de Nelson Gonçalves; "Calvário de amor" e "Santo Antônio Amigo", dois sambas cantados por Cyro Monteiro; "Rosa Maria", interessante valsinha junina, e "Estrêla Cadente", valsa-canção, interpretadas por Carlos Galhardo; "A dança da moda" e "Respeita Januário", dois baiões interpretados por Luiz Gonzaga; "Nossa amizade", tango-brejeiro, e "Festa na roça", quadrilha, por Mario Zan; final-

mente, para não falarmos de outros sucessos, temos o Trio de Ouro nas seguintes gravações: "Não sou "Mio", baião, e "Vingança", samba-canção.

*

NA SINTER — Entre as duplas mais populares e queridas do nosso rádio, encontra-se Heleninha Costa-Cesar de Alencar, que gravaram para os festejos juninos o baião de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, "Fale na orelhinha de cá". Na outra face está um outro baião de autoria dos mesmos autores de "Há sinceridade nisso?": Manezinho Araujo, Carvalhinho e Dozinho. Seu título: "Jica-Jica".

* "As Moreninhas", conjunto vocal feminino, do qual é figura principal Zezé Gonzaga, apresentam, para os festejos juninos, um baião do conhecido compositor Joubert de Carvalho, que, sem dúvida alguma, será do agrado de todos, porquanto a sua melodia é brejeira e alegre, e a letra de uma graça e delicadeza única: "Perto da lareira". Na outra face temos uma composição de Carolina Cardoso de Menezes, "double" de pianista e compositora, em parceria com Armando Fernandes: "Prece a São Paulo".

* Luiz de Carvalho, a exemplo de Cesar de Alencar e Abelardo "Chacrinha" Barbosa, também gravou para São João. O conhecido animador do programa "Só para mulheres" levou à cêra dois baiões da dupla Miguel Gustavo e João S. Guimarães: "Baile na roça" e "Baião das mulheres". Luiz contou neste disco com a colaboração de "As Moreninhas" e com o conjunto sob a direção do competente maestro Lírio Panicali.

FORMA DE...

Conclusão da página 6

corações e... dentro de alguns minutos... suas vidas e seus destinos...

O telefone ficou livre e Geraldo discou maquinalmente o número que o tiraria daquela angústia...

Helena, por sua parte, preparara sua pequena bagagem nas primeiras horas da manhã. Aguardava o espôso para comunicar-lhe, corajosamente, sua decisão. Várias vezes, antes, falara ao espôso sôbre divórcio, mas êste, acariciando-lhe os cabelos negros, procurava afastar-lhe do espírito tal idéia, com palavras como estas:

— Serias capaz de deixar-me?

— Ora!... E não me deixas todos os dias?

— Só por minhas obrigações, pelos negócios.

— Os negócios!... Mas não te cansas de ganhar dinheiro? E' só o que te preocupa na vida? O dinheiro!...

— Mas há alguém que o desprese? A quem o dinheiro não preocupa?

— Sei...

— Aponta-me uma só pessoa e a exibiremos como um fenômeno.

— Pois terias que exibir muitos... Acreditas realmente que não há pessoas que despresam até a vida por um minuto espiritual, por um momento de amor?

— Qlerida!... Agora compreendo!... Assististe ao último filme de Frank Sinatra...

— Estou cansada de tuas brincadeiras. Se esqueceste que sou jovem e com sangue nas veias, estou disposta a lembrar-te. Não pretendo envelhecer junto às tuas absurdas pirâmides de ouro.

— Caramba!... Parece que vais tanger o "gongo de Bali"...

— Ri. Esse gongo que anuncia cataclismas, talvez um dia faça extremecer esta casa. Então, terás que suster sozinho suas paredes, para que não se desmoronem de solidão, como eu as sustive, agora, com minha espera...

Então, o espôso, beijando-lhe a testa, estrepitosamente, havia-lhe dito:

— Querida... pensas que não compreendo teu desejo de viver, tua solidão dentro desta casa, em que sou quase uma visita? Olha, prometo que no fim do ano me afasto dos negócios e me dedico exclusivamente a ti. Faremos uma viagem longa, maravilhosa... e então recuperarás todos êsses anos perdidos. Que dizes?

Helena respondera com aquele sorriso triste, que invàriavelmente fechava um ligeiro beijo do espôso.

Mas a promessa não chegava a concretizar-se, porque uma rêde sutilíssima envolvia o Sr. Mayerson, retendo-o no Banco, tolhendo-lhe tôda a perspectiva de liberdade.

Desta vez, porém, Helena estava resolvida. Fazendo uma conscienciosa análise de seus sentimentos mais íntimos, descobrira, não sem certo pudor, que outro amor culminava tôdas as suas aspirações, toda a inquieta esperança de sua alma de mulher. Pensou que por fim seria feliz ao lado do homem a quem admirava e que a amava como só são capazes de amar os artistas de coração puro e generoso. Por outra parte, estava certa de que não perturbaria a vida de seu marido com aquele afastamento definitivo, porque sabia que somente os negócios tinham importância vital para êle. Por isso, esperava-o para dizer-lhe a verdade... e ainda, porque não queria abandonar o lar em sua ausência.

Levava apenas o indispensável. As jóias e as peles que êle lhe presenteara, para adorná-la como a uma boneca sem alma, ficariam naquela régia casa que fôra seu lar e sua prisão... De quando em vez, chegava à janela. O trânsito era uma corrente policromica de carros, mas não conseguia destacar o seu na vertigem da velocidade. Sem saber o que fazer, consultou o relógio várias vezes, com se ignorasse a hora que minuto a minuto seu coração e seu pensamento registravam... Maquinalmente ergueu as rosas que começavam a vergar-se. Porque se interessava por aquelas flores que já não veria murchar... naquela casa que já lhe parecia hostil até em seus recantos mais intímos e elegantes?... Uma dúvida açoitava-lhe o espírito com insistência de onda persistente: seria uma criatura má?... um ser despresível, visto do ângulo moral de sua fé cristã, sem o mínimo ou fundamental senso de gratidão? Mas uma voz, surgida do turbulento mar de suas idéias, aclarava aquelas revoluções de sua alma, com um sentido humano... fatalista: "Não, tu não és uma criatura má... És apenas uma mulher que errou seu destino".

O som estridente da campainha veio arrebatá-la de suas reflexões. Perguntou a si própria, admirada: "Quem será? Quem quer que seja não podia ser mais inoportuno".

Abriu a porta e encontrou-se, de súbito, diante de uma pessoa desconhecida. Um jovem que a olhava como se visse algo estranho em seu rosto ou em seu traje impecável. Depois de um segundo de hesitação, perguntou:

— A Sra. Mayerson?

— Sim — respondeu secamente.

— Muito prazer... Sou Hugo Beltrão... Um amigo de seu marido...

Pela palidez do rapaz, Helena compreendeu que tinha algo grave a comunicar-lhe, algo que já flutuava no clima indeciso da conversação... na inflexão tímida de sua voz.

— Vim comunicar-lhe que...

— Que aconteceu? — interrompeu Helena, visivelmente alarmada.

— Não... nada grave... Não se assuste, senhora. Podia ter sido pior... Felizmente... porém...

— Por Deus! Fale. Diga o que aconteceu.

— Foi ao querer salvar uma criança que brincava na rua... Desviou a direção com tanta falta de sorte...

— Que horror! Onde está?

— No hospital... a poucas quadras daqui. Tem que mostrar-se corajosa, senhora...

— Diga-me a verdade! Não morreu?

— Não, felizmente. Puderam salvá-lo. Mas perderá o braço esquerdo. Pobre amigo! Ainda ontem me disse, confidencialmente, que pretendia deixar imediatamente os negócios. Estava firmemente decidido. Falou-me tanto na senhora!...

Naquele instante, a campainha do telefone fez extremecer os nervos alterados de Helena. Teve o pressentimento de que ouviria uma pergunta... uma súplica angustiosa...

— O telefone, senhora — disse o jovem, julgando que não o havia escutado.

(CONCLUE NA PÁGINA 78)

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 1 às 6
Rio de Janeiro

CUIDADO COM SEU FIGADO!
Para pedras do fígado — BILIALGINA — Para cólicas do fígado — BILIALGINA
Em tôdas as farmácias e drogarias do Rio. Manda-se pelo reembolso postal para o Interior. TRATAMENTO COMPLETO: Cr$ 100,00 — Via aérea Cr$ 120,00
LABORATÓRIO BITANDÉ LTDA. — RUA LAVRADIO, 206

PORQUE ANNE PEARCE...

(Continuação da página 5)

"DOMÉSTICA"

Ao sair do apartamento da jovem "estrêla", um dos jornalistas observou:

— "Anne merece o apelido de "doméstica".

E foi assim que essa bela artista, que ainda não teve oportunidade de exibir seus predicados, foi batizada pela imprensa de Hollywood.

Deve-se dizer que ela merece a alcunha, porque trabalha muito, não só no estúdio, mas também em casa. Ganha 400 dólares por semana e, depois de pagos todos os impostos e taxas, só lhe sobram 300. É bastante para uma artista que começa a carreira, mas é pouco para pagar empregados e permitir-se o luxo de viver com as colegas a intensa vida noturna da California.

O único luxo que ela se permitiu, até agora, foi comprar um automovel. Quanto está em casa, cozinha, faz os arranjos domésticos, cuida do jardim e lê, lê muito, de preferência autores clássicos e, especialmente, peças teatrais, pois tem a intenção de trabalhar também no palco.

NOVOS MODELOS DE PIJAMA

Recentemente, talvez para justificar o apelido, que lhe agradou, Anne lançou novos modelos de pijama, feitos sob medida e de acôrdo com seus desenhos. Compõe-se essa coleção de calça de pijama e "robe-de-chambre" de três quartos; robe reversivel com pijama, para as viagens, e um conjunto mais longo, até os pés.

Explica Anne:

— "O primeiro é destinado especialmente para o trabalho em casa e uso-o para dormir; o segundo, levo-o sempre comigo quando viajo; e o terceiro serve para receber minhas amigas íntimas".

Suas côres preferidas são o azul marinho, o vermelho e o branco. Como desenho, "pois" brancos, pois ela detesta os desenhos estravagantes, flores e ramagens exageradas.

Exibindo seus pijamas, Anne afirma que, antes de mais nada, escolhe modelos simples e confortáveis, de boa qualidade, que durem mais, pois não pode gastar muito dinheiro em artigos que se estraguem depressa.

Essa foi a primeira vez que Anne Pearce exibiu suas criações de moda. Agora ela pretende desenhar para si própria modelos de vestidos de passeio e de esporte.

MANOEL MACEDO...

(Continuação da página 13)

chance do triunfo e o músico leal às nobres condições do seu destino no mundo encantado do som.

PRIMEIRA VITÓRIA

Ajudámo-lo, inicialmente, a ficar à vontade a fim de prestar seu espontâneo depoimento ao redator especializado de CARIOCA. Trajando um belo costume de vaqueiro autêntico, Manoel Macêdo afirmou-nos à indagação em tôrno da primeira chance de sua carreira:

— Não imagina o amigo o quanto fiquei emocionado ao ser contemplado com a terceira colocação no grande certame de Músicas Juninas, de 1951, promovido pela «Associação Brasileira de Cronistas de Discos» com o meu disco «Torrado de Sinhá», melodia que marcou o êxito consagrador de minha labuta fonográfica na capital da República. Estou sinceramente agradecido e satisfeito ao diligente diretor-artistico da gravadora, pois foi o Sr. Paulo Serrano quem me propiciou essa oportunidade, encaminhando assim um autor jovem e desconhecido.

Prosseguindo na sua curiosa explanação, adiantou-nos o entrevistado:

NAS HERTZIANAS

— Afóra minha atividade de músico-intérprete no setor do disco, sou integrante do «cast» radiofônico da Tamôio. Aliás, através de programas absolutamente dedicados à difusão da nossa música popular regionalista, estou obtendo grande sucesso com as melodias que gravei últimamente. Trata-se de «Mariposa», interessante composição de J. Mendonça e Floriano Reis, num arranjo para baião de minha autoria, e «No Meu Sertão É Assim» do gênero chóte-baião. A divulgação eficiente do jornalista Ramalho Neto tem contribuido decisivamente para maior aceitação e procura dêsse disco. Na minha sincera e despretensiosa opinião, o Sr. Paulo Serrano fez uma excelente aquisição, a julgar pela manifestação geral.

NOVIDADES PARA SÃO JOÃO

Como procurassemos saber das suas gravações para as festas juninas do corrente ano, Manoel Macêdo, declara:

— Tenho duas verdadeiras «bombas atômicas» para o próximo São João! Aliás, ambas já estão gravadas. Refiro-me à marcha-frêvo de Alventino Cavalcanti intitulada «Frêvo no São João», melodia das mais interessantes, e dotada de curiosos efeitos nos desenhos sonoros. A outra composição é uma «mazurka» denominada «Sanfoneiro Potiguar», de minha lavra e com a parceria de J. Mendonça. Estou plenamente esperançoso de alcançar o merecido êxito com essas novas melodias.

PRESENTE AOS FÃS

Antes de encerrar as suas declarações à nossa reportagem, o apreciado instrumentista ditou a letra do seu último sucesso. Damos abaixo o texto integral para o álbum dos admiradores.

NO MEU SERTÃO É ASSIM

(chóte-baião)

Alventino Cavalcanti — M. Macêdo

Eu vou me embora
Eu vou, eu vou
Eu vou me embora
Vou leva ro meu amor Sinhá

Eu vou me embora
Vou voltar pro meu sertão
Vou tomar o leite puro
E comer o requeijão
Se mata o boi
Carneiro e bode
Todo o Dia
No sertão a carne fresca
É de manhã
Até ao meio dia

Aqui no Rio
Veja só que confusão
A vida é apertada
E eu moro num barracão
Pra se viver
Aqui no Rio de Janeiro
É preciso ter saúde
Ser peitudo e ter dinheiro

Lá não se fala
Em geladeira nem sequer
Sinhá...

SAINT-CLAIR LOPES...

(Continuação da página 29)

que falam o português, sendo o idioma falado em quase todos os continentes, considerando que só do Brasil o número subia a cinquenta milhões, além de Portugal e colônias portuguesas espalhadas pelo globo. Depois dêsse relatório, boletins foram publicados em nosso idioma, programas especiais, cuidadosamente elaborados, foram destinados aos ouvintes brasileiros. Completa fôra a vitória do radialista nêsse sentido. Infelizmente, uma coisa estava latente: o europeu e o americano do norte não dão grande importância à geografia geral, o que ficou definitivamente comprovado com êsse fato presenciado por Saint' Clair: Uma brasileira solicitou, pelo telefone internacional, uma ligação com o Rio de Janeiro, ouvindo da telefonista: "Rio de Janeiro... na Argentina?". Pelo menos que as telefonistas da Cia. Internacional de Comunicações soubessem que o Brasil é o maior país da América do Sul.

Infelizmente, não é só nos Estados Unidos que tal acontece. Ja na Suiça, perguntaram a Saint'Clair qual o idioma falado no Brasil. Em Portugal, quiseram saber se é verdade que a maioria da população brasileira é constituida de pretos. No aeroporto de Dakar, há um grande painel apresetnando todos os continentes, inclusive o sul-americano, indicando suas fontes principais de produção. Pois, dentro das linhas que assinalam o Brasil, vê-se, ao norte, um macaco pendurado em um galho, e ao sul, um índio ajoelhado, empunhando arco e flexa, o que vem corroborar o que tem chegado ao nosso conhecimento, isto é, que no exterior julgam o Brasil habitado por animais e índios, nada mais. O Brasil precisa de muita divulgação lá fora, para se tornar mais conhecido.

Mas voltemos a falar dêsse correto

rádio-ator e narrador que é, sem dúvida alguma, Saint'Clair Lopes. Em 1948 foi à Argentina, como chefe da delegação da Primeira Assembléia de Radiodifusão alí realizada. Depois de cumprida sua missão, seguiu para o México, sempre como delegado do govêrno, para assistir à Conferência Internacional da Radiodifusão por Alta Frequência, que durou até 1949. Em 1951 foi o nosso entrevistado a Genebra, na Suiça, para assistir à Conferência Administrativa da Rádio Comunicação. Depois de longos períodos de ausência, Saint'Clair encontra-se novamente entre nós, para satisfação dos ouvintes brasileiros, que o reconhecem um dos mais completos artistas do nosso rádio, quer como rádio-ator em papéis centrais ou característicos, quer como narrador ou locutor, possuindo um quê todo especial que faz de suas narrativas verdadeiras preciosidades.

DIARIO DE VIAGEM...

(Continuação da página 52)

francos, em meu poder. Quando eu deixar a França, não poderei trazer francos que ultrapassem a soma alí anotada.

Finalmente, dentro do famoso expresso europeu, que atravessará a França até Paris. É de tal modo confortável e luxuoso, que não posso deixar de narrar o engano em que caí. Possuindo um bilhete «Pullman» na primeira classe, me instalo num dos compartimentos convicta de que a poltrona numerada me pertence. Decorrida uma meia hora, o fiscal do trem me solicita o bilhete e diz, amàvelmente:

— A senhorita se enganou. Êste carro é da segunda classe. O seu bilhete é Pullman.

Sorri desconfiada, pensando como seria, ainda, a primeira classe. Vou deixar de parte os adjetivos e dizer apenas — que maravilho !Nada falta e, de um modo geral, deixa longe o rápido que nos trouxe até a Espanha.

Hendaye já vai desaparecendo, e o grandioso expresso vai cortando os campos da França. Vou ao lado da janela, e já me encontro mergulhada na paisagem lindíssima, que se sucede numa profusão de quadros dignos das tintas de Van Gogh.

À minha frente, viajam uma senhora e uma mocinha, que me parecem italianas. Penso que até chegarmos a Parìs, já teremos conversado muito. E a oportunidade se apresenta, à hora do lanche. Faz calor e só apetece mesmo beber gelados. A mocinha sorri para mim e indaga em italiano:

— Lei è brasiliana?

Procuro recordar o frágil conhecimento, que tenho do idioma de Dante.

— Si, sono brasiliana... come ha indovinato?

— Lei me sembra tipicamente brasiliana.

Assim nasceu mais uma amizade, em solo estrangeiro. Elvira Pantano faz-me um cumprimento, ao dizer-me que sou tipicamente brasileira. E depois sua mãe convida-me para irmos lanchar juntas. Peço uma garrafa de água de Vichy, que me dizem ser deliciosa. Realmente, é uma água mineral puríssima e refrigerante. Elvira conta-me coisas de seu país — a bela Itália — e da Sicília, onde costuma passar as férias; também de Londres, onde estuda numa Universidade. Gosta de línguas, como eu, e nos divertimos em baralhar algumas frases. Como eu não soubesse o italiano a ponto de desenvolver uma conversação mais séria, passamos a falar em inglês. Sua mãe tem palavras de admiração para com o Brasil especialmente o Rio de Janeiro, de que tanto ouve falar. Elvira conhece um pouco de português, e divirto-me ouvindo-a cantar a «Aquarela do Brasil» e a «Baixa do Sapateiro». Elas seguem para Parìs, e Havre onde deverão tomar o vapor que cruzará a Mancha, deixando-as em Londres.

Deixamos o carro- restaurante e regressamos às nossas poltronas. A senhora Pantano aperta um botão, e o seu lugar se transforma numa confortável cama. Ela recosta-se e vai dormir. Eu e Elvira olhamos a paisagem e trocamos idéias .O trem avança sempre.

Que lindos, que lindos os campos franceses! Tão verdinhos, tão bem tratados, tão limpos e coloridos como num cartão postal. Às vezes, parece-me um pedaço dêstes bolos confeitados de aniversário. Como se diz lá no Rio — são uns «doces»... e são mesmo doces êstes campos, na sua calma, sob o céu azul e transparente, onde o sol se derrama numa poeira dourada, onde as nuvens estão vestidas, hoje, de côr de rosa...

E será sempre assim. Não posso me esquecer de Saint Jean de Tyrosse: aquela estrada romântica, ladeada de tílias, onde um garotinho andava numa bicicleta... parecia um sonho! Depois Biarritz, a célebre praia da Côte Besque — uma coisinha linda dentro do Golfo da Gasconha, e que possue uma praia maravilhosa na conhecida Baía dos Anjos. Como é bela a natureza alí! Vejo Bayonne nos baixos Pirineus, Dax, Bordeaux — a famosa cidade vinheira, onde me causa impressão a garé ferroviária. Estamos passando por Angouléme, Poitiers, Saint Pierre de Tours, e sempre os campos, oferecendo aos nossos olhos o veludo macio e gostoso de seu verde.

Restam apenas duas estações, Orleans e depois Parìs. Deveremos alcançar a capital francesa às vinte e três horas e trinta minutos, e eu já estou imaginando que maravilha chegar-se à uma cidade, sob as luzes da noite...

—***—

Orleans ficou para traz.

Já é noite, mas não há estrêlas no céu e o tempo é ameaçador. Sinto uma emoção indescritível ao pensar que, dentro de meia hora, o trem entrará na Garé Austerlitz... que irei conhecer a capital mundial da Arte, o Louvre, a Torre, o Arco do Triunfo. Que expectativa! Começa a chover... chove bastante. E as despedidas já estão sendo feitas — minha amiguinha italiana abraça-me e pede que não a esqueça. Trocamos os endereços, e começamos a providenciar as malas. Tudo em ordem.

Um funcionário do expresso entra no nosso carro e grita:

— Parìs!

Olho pela janela — mas vejo apenas a grandiosidade da garé Austerlitz, e a chuva que cai encobrindo a cidade...

DISCOTECA...

(Conclusão da página 69)

* Na "Sinter: — César de Alencar e Heleninha Costa nos baiões "Fale na orelhinha de cá", de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, e "Jica-Jica", de Dôsinho - Carvalhinho - Manézinho Araújo. Estér de Abreu no fado - bolero de Raul Ferrão, "Coimbra é uma lição de amor", cujo êxito é espetacular! José Menezes, em solos de cavaquinho no "Baião do Ceará". Ernani Filho no bonito samba de Wilson Batista "Flôr da Lapa".

* "Continental": — Jorge Goulart na sua melhor gravação, "Dominó", valsa de Jacques Plante. Aurora Miranda nos sambas de Ari Barroso, "Risque" e "Faixa de Cetim". Jorge Goulart na composição junina de João de Barro. "Mané Fogueteiro". Lúcio Alves na melodia de Luiz Bonfá, "Taboleiro". Dick Farney na sua notável interpretação do samba "Mundo Distante".

* "Odeon": — A estrelíssima Dircinha Batista no samba de Lupiscínio Rodrigues, "Nunca". Garôto no interessante baião de Mário Gennari Filho, "Baião Caçula". Yvette Horner e seu Conjunto. "Musette" de Acordeons, na valsa "Dominó", de Jacques Plante.

CORRESPONDÊNCIA

SRTA. WANDA LEITE (Niterói-E. do Rio) — Recebemos sua gentil carta. Quanto às suas perguntas, eis as respostas: "Chiquita Bacana", marcha carnavalesca de João de Barro, já está gravada em várias etiquetas fora do Brasil, e seu sucesso de venda e popularidade é indiscutivel. Não ouvimos o "Clube dos Discos" de Reinaldo Dias Leme, mas somos amigos dêsse excelente locutor de programas em discos da Nacional. Pode remeter a carta da Emilinha aos nossos cuidados. Ela anda pelo Norte do país.

DAYSY BITTENCOURT (Copacabana-Rio — Já entrevistamos Waldyr de Azevedo. Muito breve sairá a reportagem com o autor do "Delicado". Mande-nos seu endereço completo, por obséquio.

NO MUNDO DOS...

(Conclusão da página 68)

ços surgidos», aos «obstáculos», ou, finalmente aos «contra-tempos» e aos «mal-entendidos»! O fato de V. não ser notada na Igreja etc., tudo, enfim, revela o seu desanimo, a sua desesperança, a sua pouca fé nêsse casamento, ou melhor, nesse noivado interrompido. Mas isso não quer dizer em absoluto que o seu casamento não se realize, ou que o sonho encerre qualquer profecia má.

Carioca

FORMA DE...

(Continuação da página 75)

Não se enganara. Quando o atendeu, a voz pressentida inquiria, nervosa:

— Helena! Ainda estás aí, querida... Que aconteceu?... O avião vai sair. Vamos perdê-lo.

— Não... não o percas — disse, tentando imprimir serenidade à voz.

— Que dizes?... Por Deus, Helena!... Dize-me o que aconteceu... que é que te detém nêsse instante precioso para a nossa felicidade! Como podes supôr que irei sozinho?

— Deves fazê-lo, Geraldo.

— Pensas em reunir-te logo a mim? Sairás no próximo avião? Explica-me, por favor!

Um silêncio angustioso fez com que Geraldo pressentisse a luta que se estava travando no espírito sensível de Helena. Reforçou a súplica:

— Helena, querida, por favor... Não compreendes o sofrimento que me estás causando? Sabes perfeitamente que não quero perturbar tua vida, tua tranquilidade... que quero que venhas para mim convencida de que te ofereço a felicidade a que tens direito. Se não podes fazê-lo agora, dize-me onde e quando devo esperar-te. Ouve, Helena. Quando nos reuniremos?...

— Nunca, Geraldo. Nunca...

Agora era êle, com seu assombro, quem interrompia o diálogo. Compreendendo o silêncio de seu amado, Helena continuou angustiosamente:

— Perdôa o mal que te causo, Geraldo, mas compreende que é melhor assim. Não quero que partas com uma esperança que jamais se concretizará.

— Helena! Querida, algo tremendo deve ter-se passado... Algo que não posso precisar... para que tu... tu, em quem confio tanto, fales assim.

— Tens razão... algo tremendo ronda a alma das mulheres, para que não saibamos nunca, até o último momento, a que plagas nos arrastam nossos sentimentos... Na noite passada, não consegui conciliar o sono... Pensei muito no passo que ia dar... e descobri a tempo a terrivel confusão do meu espírito...

Os olhos de Helena brilhavam na penumbra com um fulgor estranho. Sentia que o pranto rebelde alcançava-lhe a voz, disposto a atraiçoá-la, e, respondendo àquele grito de amor que continuava vibrando em seu ouvido, disse bruscamente, como para dar um epílogo ao angustioso diálogo:

— Não insistas, Geraldo. Sei que és um cavalheiro e portanto não deves querer atar-te a uma situação falsa... porque eu não te...

— Não... Não continues, Helena. Já disseste bastante. Não pronuncies esta frase que me amarguraria eternamente a vida. Deixa que parta ao menos com a ilusão de que uma mulher excepcional como tu é capaz de amar até ao sacrificio... Deixa-me pelo menos o confôrto de um sonho belo, maravilhoso...

— Foi isso o nosso amor: um sonho belo, maravilhoso, projetado por tua inquietação de artista... por essa atração de horizontes e caminhos que sempre nos precedem... Adeus, Geraldo!...

Quando saiu à rua, rumo ao hospital, um ruido estranho fê-la erguer a cabeça: num firmamenot, recortado por cabeça: no firmamento, recortado por trever a trechos seu perfil de aço, parecia, nas águas tintas de roxo pelo crepúsculo, um escuro e gigantesco peixe de fábula... Uma luminosa esperança que se apaga e se acende sem concretizar nunca definitivamente a dourada forma de feliciadde...

"A HERANÇA"

(Continuação da página 7)

que fiz tudo o que devia. Regresso esta noite, de avião. Creia que nunca mais nos veremos.

— Sei que não. Foi... foi uma grande bondade de sua parte vir dizer-me oh, por favor... vá agora.

Ele desceu a escadinha e atravessou o jardim, os relâmpagos que haviam se acumulado sôbre as colinas, nos últimas horas, estalavam agora.

No portão de saida, encontrou-se com u'a mulher de baixa estatura, que chegava correndo da rua. Sorriu para êle. Ross a conhecia. Viu-a num dos instantâneos que Buddy possuia.

Era a mãe de Mary Claire. As duas mulheres viviam sozinhas.

— Veio ver Mary ? — A voz dela era juvenil e o sorriso, simpático. — Tem muita pressa de ir-se ? Queria, se você não está com pressa... Temos de correr — continuou a senhora, rindo, Tomou a mão de Keller e correram pelo caminho do jardim e subiram as escadas do terraço.

— Trouxe-o de volta, Mary.

— Oh, mamãe... — a moça parecia tomada de pânico.

— Será melhor que entremos, se não quisermos nos molhar. Ouça, sargento, você que é um homem forte... pode carregá-la e ajudar-me a colocá-la...

— Carregá-la ?!

— Sim. Não sabia, então ?! Mary contraiu poliomielite pouco antes de Buddy ser ferido. Por isso escreveu-lhe, rompendo o noivado. Mas os médicos dizem que ela se curará. Ela mesma não acredita, mas já pode se pôr de pé. E' questão de tempo.

Keller olhou-a fixamente. Inclinou-se e seus braços a rodearam gentilmente. E ela, confiada, como uma criança, rodeou com os seus o pescoço dele.

FRANCISCO CARLOS...

(Continuação da página 11)

ços no sentido de corresponder a essa alta distinção dos fãs de todo o Brasil e do público bandeirante, que tanto me tem incentivado ultimamente. Para um cantor, nada mais importante do que essa mostra constante de espontâneo carinho, de afetividade indiscutivelmente leal e duradoura! Não fosse êsse extravazamento emocional, que seria da carreira artística do militantes do rádio?

ATIVIDADE NA FONOGRAFIA

Concluindo sua palestra, afirmou-nos:

— Foram lançados em disco, recentemente, os seguintes sambas-canções: "Vá Embora", de Roberto Faissal, e "Postal de Olinda", de Fernando Lobo e Manezinho de Araujo. Entre as gravações juninas, "Noite de São João", marcha de Cesar Formenti Neto e Paulo Gesta, o "Jura de Caboclo", samba-canção da dupla de compositores Geraldo Pereira e Arnaldo Passos. Proximamente, serão lançados "Não sou de reclamar", samba de Lupiscinio Rodrigues, "Mulher de minha vida", samba-canção de Humberto Teixeira, além de "Vestido de Noiva", samba de Francisco Alves e David Nasser, e "Tra-Lá-Lá", composição de dois autores paulistas, José Roy e Sérgio Falcão, do gênero valsa. Essas são as novidades em gravações que tenho para os meus queridos fãs.

O RIO HÁ...

(Continuação da página 27)

do "bep-bop", Anny Gould, Nuno Roland, Linda Batista e outros nomes; agora noticia o Prof. Caribé Rocha a próxima reabertura do "Golden-room" do ex-casino do Copacabana Palace, com a sensacional apresentação do mundialmente famoso "Ballet Blue Bell", do Lido de Paris.

★

Os notívagos trovam à lua; a noite prossegue após noite, no mesmo rítmo intenso e de contraventórias espectativas: assim é o Rio noturno.

ASSIM É HOLLYWOOD

(Conclusão da página 23)

Jeanmaire faz o papel da Sirene, que é salva de afogamento por Roland Petit, o qual, como o príncipe, faz a sua primeira aparição no cinema, embora já seja um famoso bailarino e comediógrafo.

A cena por baixo da água, com uma gaze finíssima, azulada, é belíssima, e a decoração do salão de baile, com as bailarinas com vestidos de penas brancas e os homens de negro, é algo de suntuoso.

O custo total dêste "ballet", em seis cenas, é de 400.000 dólares. Foram precisas 3 semanas para ser filmado e a cena só dura 17 minutos na tela. Sam inverteu uma fortuna nesse filme, mas tenho a impressão de que vai recuperar todo o dinheiro gasto.

* * *

Sylvia Gable ainda sente ainda muitas dores na perna ferida. Disse-me que sairá de Hollywood dentro de 3 semanas, para passar o verão na Europa, logo que o médico lhe permitir.

* * *

Katharine Hepburne comprou uma novela, velha, de 40 anos, chamada o "O rápido João", de John Buchan. Katie agora procurará um produtor independente, provavelmente John Huston, que tão bem esteve em "Rainha Africana", o filme de Katie.

* * *

A felicidade que Norma Shearer encontrou em seu casamento com Marty Arrouge não lhe deixa muito tempo para pensar em sua carreira.

Pretende ela, agora, ir ao Chile, e no momento não cogita de filmar.

ARTE, POVO E ELITE

(Continuação da página 55)

Ora, aí está uma conjectura que merece atenção. Estribando-nos nela poderemos formular a inquietante interrogação: teria sido Antonio Francisco Lisboa um escultor "acadêmico"? Tome-se aqui o têrmo referente aos conhecimentos da sua arte e não de uma academia frequentada pelo artista.

Discute-se, como tudo que diz respeito à sua controversa individualidade humana, se houvera — apesar da afirmativa constante da sua formação autodidata — um mestre no início da sua carreira.

Como uma testemunha desafiadora da erudição rescendendo a arquivos e velhas brochuras, o Cristo, sem as imperfeições morfológicas das outras criações, atesta a existência de um aprendizado, isto é, de um período de estudo bem aproveitado.

Não se coloca de pé uma estátua de proporções harmoniosas inexcedíveis até o aparecimento, dois séculos após, de Henrique Bernardelli, com seu admirável "Cristo e a adúltera", sem conhecimento profundo da arte de modelar.

Inútil essa teimosia em atribuir a um autodidatismo duvidoso tôda responsabilidade de uma obra genial. José Mariano Filho — pesquisador de datas desconhecidas como exatas — é um descobridor valioso, ninguém o nega, na fixação dos acontecimentos, porém, absolutamente descuidado na interpretação das suas descobertas.

Sendo seus estudos o que se escreveu de melhor até o momento sôbre Antonio Francisco Lisboa, muito fica a desejar quanto ao Aleijadinho, tomando-se sua estranha personalidade no sentido físico e psíquico.

Escapou a êsse Pedro Alvares de Cabral das datas, como ao outro à História, a grandeza das suas descobertas bibliográficas. Apoiou-se apenas nos números dentro do espaço tempo. O tema, entretanto, tem outra face. Apresentá-lo de "perfil", privando a contemplação da outra parte, quando poderia fazê-lo, parece-nos — sejam quais forem os motivos — exclusivismo injustificável.

Adiante abordaremos este ângulo importante no delineamento biográfico que se vem fazendo do artista em questão, relegando a um indiferentismo total os valores íntimos que completam a sua personalidade.

Os desajustamentos...

(Continuação da página 51)

dos Srs. Daniel Faraco, Adroaldo Mesquita da Costa e Alberto Deodato.

Li uma nota nos jornais que ainda nêste mês, a Câmara deverá votar a emenda constitucional nº 4, que retirando as expressões de «vínculos indissolúvel» do texto do art. 163 da Constituição, seria, no dizer de seus opositores, o primeiro passo para a instituição do divórcio em nosso país.

Os que acompanham os debates parlamentares, em que os divorcistas têm levado a melhor, não acreditam, porém, na aprovação da emenda, em virtude da disposição regimental, que manda seja nominal a dita votação. Entrementes, o projeto 786, a ser votado secretamente, deverá ser reexaminado pela Comissão de Constituição e Justiça, por fôrça de emendas do plenário. Essa proposição considera causa de anulação de casamento, por erro essencial. O que diz respeito às qualidades pessoais do outro cônjuge, sendo êsse erro, tal que o seu conhecimento ulterior determine incompatibilidade invencível para a vida em comum». O projeto estabelece, ainda, como «incompatibilidade invencível a que levar ao desquite e perdurar por mais cinco anos, sem reconciliação».

Embora o erro de qualidade, seja anterior ou concomitante ao casamento, a repercussão de seu conhecimento, posterior, deverá ser tão grave que leve à dissolução da sociedade conjugal e impeça o seu restabelecimento, após um qüinquênio de separação. Essa proposição deverá ser também votada ainda êste mês.

No escritório de trabalho do ilustre deputado, de maneira espontânea e despreocupada, mantivemos o diálogo que tenho a honra de divulgar no interêsse de bem nortear a opinião pública:

— Tem esperança de que o Congresso aprove a sua iniciativa?

— Não há, realmente, nenhum projeto de divórcio, em discussão na Câmara dos Deputados. Foi o Monsenhor Arruda Câmara quem, propositadamente, para armar confusão, «batizou» de divorcistas as duas proposições, de que tive a iniciativa. A primeira — o projeto nº 786 — cria apenas mais um caso de anulação de casamento, por êrro de qualidade, sòmente alegável depois de cinco anos de desquite, sem reconciliação. A segunda é a emenda constitucional nº 4, que retira do texto do art. 163 da Constituição de 1946 as expressões «de vínculo indissolúvel». A primeira será votada secretamente, a segunda nominalmente. Confio que a Câmara aprovará as duas iniciativas, paralelas e independentes entre si. Mas a aprovação dêsses dois projetos, repito, não importa em instituir-se o divórcio. O segundo apenas possibilitaria a apresentação de um projeto de divórcio, que o Congresso aprovaria ou não.

— A reação da Igreja e dos antidivorcistas será insuficiente para impedir a adoção do divórcio no Brasil?

— Não há como negar que o divórcio deixou de ser uma coisa pecaminosa, para se converter em assunto normal de conversa em tôdas as camadas sociais. Os numerosos desajustamentos conjugais, que marcam o nosso tempo, clamam por uma solução legal. Ninguém acredita no desquite, que, sôbretudo ser inoperante e desumano, é sobretudo imoral, porque atira os cônjuges desavindos às ligações irregulares. A Igreja e os anti-divorcistas têm lutado com uma tenacidade digna de registro, mas seus argumentos já não impressionam a ninguém, nem a êles mesmos. Desmoralizados os abaixo-assinados, recolhidos nas portas dos templos religiosos e subscritos até por crianças dos cursos primários, os anti-divorcistas apegam-se hoje a qualquer tabua que lhes passe ao alcance das mãos, na esperança de fazer sobreviver uma falsa indissolubilidade matrimonial, que os fatos se encarregam de desmentir a cada instante. Essa tremenda reação clerical, tão bem organizada, pode retardar a instituição do divórcio em nosso país, mais dois ou três anos, mas não terá fôrças para impedir o seu inevitavel triunfo. Tenho percorrido vários Estados do país e sentido a opinião pública, hoje liberta da tirania dos púlpitos infalíveis.

— Julga que o divórcio seja um remédio eficaz, em benefício e defesa da Família?

— A instituição do divórcio, por si só, não terá o condão de tornar felizes todos os casais infelizes, nem de impedir a infelicidade no casamento. Pretender isso seria uma quimera. O divórcio visa corrigir o desajustamento conjugal, no momento em que êle se torna irremediável. Refere-se apenas ao casamento civil, que os lideres católicos continuam proclamando ser um simples concubinato. Mas o divórcio dará maior dignidade ao casamento, exaltará a posição da mulher, representará maior segurança para os filhos. Não há de ser por existir o divórcio, que os csais felizes deixarão de sê-lo. O divórcio é remédio e só o tomará quem dêle necessite. Tem sôbre o desquite, além de outras vantagens, a de possibilitar o florescimento de novas uniões legítimas. Em notável discurso, recentemente proferido na Câmara, o deputado Nestor Duarte mostrou que, no dilema entre o divórcio legal, que propugnamos, e o divórcio ilegal, que por tôda a parte do Brasil se pratica, com sensível quebra do padrão de moralidade da família, melhor será instituir-se o primeiro. Ou o divórcio, ou o desquite, que apenas empurra para o concubinato, punindo a ambos, ao cônjuge culpado e ao cônjuge inocente.

— O divórcio, que se pretende instituir, não constitui uma medida social só aproveitável pelas classes mais favorecidas da fortuna, por importar em dificuldades e despesas forenses acima das possibilidades das classes populares mais humildes?

— Quando se instituir no Brasil o divórcio, o legislador terá o cuidado de atentar para os casais pobres, que, infelizes no casamento, não possam arcar com as despesas judiciais. Sei que já existe o benefício da justiça gratuita, de que se podem valer, não só os miseráveis, mas os juridicamente pobres, que são aquêles que vivem de seus minguados ordenados. Mas, não só para as ações de divórcio, e sim, em regra, para todos os procedimentos judiciais, indispensável será a revisão de nossa legislação, de modo a tornar acessivel a tôdas as bolsas, o apôio à Justiça. Mas isso apenas conseguiremos no dia em que os cartórios deixarem de ser fontes de receita para alguns escrivães felizes, para se converter, oficializados, em verdadeiros serviços públicos, sem intuito de lucro.

E concluindo disse o deputado Nelson de Souza Carneiro:

— A infelicidade conjugal é raio que não escolhe, para cair, casa de pobre, de remediado ou de rico. Onde houver um casamento irremediávelmente infeliz, aí deve existir a possibilidade do divórcio.

Carioca

SABONETE
VALE QUANTO PESA
O sabonete das famílias!
GRANDE, BOM E BARATO!

CORINNE CALVET